Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19130 4$00

SEGUNDA-FEIRA 16 AGOSTO 1976

"O ZIMBABWE SERÁ SOCIALISTA"

Segundo o representante do Movimento de Libertação do Zimbabhe (Rodésia), Henry McOney, aquele país, quando livre da opressão branca, enveredará para um regime socialista, embora perfilhe a teoria do não alinhamento. Entretanto, Londres inquieta-se (Reginald Maudling, encarregado dos Negócios Estrangeiros britânico, é de opinião que Ian Smith não tem saída) e o bispo de Untali, Donal Lamont, criticou o Primeiro-Ministro rodesiano em termos lúcidos e duros.

Pág. 4

MILHARES DE PESSOAS FOGEM DE UM VULCÃO

POINTE-A-PITRE (GUADALUPE), 16 — (R.) — Milhares de pessoas, cheias de pânico, fugiram da área perto de um vulcão em actividade, nesta ilha das Indias Ocidentais Francesas, que técnicos afirmam poderá entrar em erupção, a qualquer momento, com a força de várias bombas atómicas.

A evacuação imediata de 72.000 pessoas por mar e ar foi ordenada ontem pelo principal representante do Governo francês na capital de Basse Terre, uma das ilhas gémeas de Guadalupe.

A evacuação foi ordenada após cientistas franceses estudarem o vulcão, que se achava activo desde 8 de Julho quando uma erupção abriu uma das suas vertentes.

EM COIMBRA

Emigrantes debateram os seus problemas

(Pág. 8)

Convenção Republicana hoje em Kansas City

Pág. 13

NÃO-ALINHADOS REUNIDOS EM COLOMBO

Israel, Rodésia e África do Sul condenados na cimeira

. COLOMBO, 16 — (F. P./ANOP/U. P. I./«D. L.») — Israel, a Rodésia e a África do Sul, foram alvo de condenação por parte dos países não-alinhados, cuja quinta cimeira decorre nesta cidade, após a sessão inaugural que se realizou esta manhã.

Dezenas de milhares de espectadores saudaram hoje o longo cortejo de cerca de 500 carros que transportavam as oitenta e seis delegações em direcção ao «Centro Internacional Bandaranaika», para a abertura da cimeira.

As ovações da população foram mais fortes quando passou o presidente Tito, o único sobrevivente dos fundadores do movimento, e o primeiro-ministro da União Indiana Indira Gandhi. A senhora Sirimavo Bandaranaika primeiro-ministro do Sri Lanka, vestida com um «sari» bordado, acolheu as delegações à chegada ao centro internacional que tem o seu nome.

O presidente Boumedienne, que por algumas horas é ainda o presidente em exercício do movimento, agradeceu em árabe (uma das quatro línguas oficiais da conferência), a hospitalidade do Governo do Sri Lanka.

Em seguida a senhora Bandaranaika, que será a primeira mulher a presidir uma cimeira dos países não-alinhados declarou que a reunião de Colombo marcava a determinação do movimento e da Ásia em fazer ouvir a sua voz no concerto mundial das nações.

O primeiro-ministro do antigo Ceilão começou por felicitar os novos países independentes, membros agora do movimento, tendo o auditório aplaudido demoradamente o velho dirigente Pham Van Dong, primeiro-ministro do Vietname. Saudações especiais de boas-vindas foram feitas a Angola e Moçambique. A senhora Bandaranaika declarou que a luta do Vietname pela independência «era um modelo para todos os países em luta contra a opressão e a exploração «tendo convidado os países não-alinhados a ajudar o Vietanme reunificado. O primeiro-ministro do Sri Lanka propôs, ainda, a criação de três bancos comerciais, para a Ásia, África e América Latina, respectivamente. Evocou o aparecimento de novos polos de interesse económico no Terceiro Mundo, em virtude do desenvolvimento do Movimento dos Não-Alinhados, e disse que este poderá traduzir-se na criação de uma nova forma de moeda: «a moeda dos não-alinhados».

A senhora Bandaranaika, Primeiro-Ministro do Sri Lanka, abriu esta manhã a quinta cimeira dos Países Não Alinhados, que se efectua na capital do seu país. Para além de saudar os novos países integrantes do movimento, nomeadamente Angola, Moçambique e o Vietnam reunificado, condenou com severidade a política racista na Rodésia, África do Sul e Israel.

«O poderio do nosso Movimento», acrescentou a senhora Bandaranaika, «aumentara com a criação das associações de produtores de matérias-primas».

Exortando os representantes dos 85 países membros presentes em Colombo a forjar a paz internacional e a ordem económica, a sr.ª Bandaranaika afirmou que as nações do Terceiro Mundo devem pedir às grandes potências — Estados Unidos e U. R. S. S. — que retirem os seus navios de guerra do oceano Índico.

O primeiro-ministro pediu, ainda, a retirada das tropas estrangeiras da Coreia do Sul, onde os Estados Unidos mantêm 48.000 homens, e sugeriu que a conferência pedisse o desmantelamento da base naval norte-americana de Diego Garcia, no Índico.

Referindo-se a Israel, a sra. Bandaranaike afirmou que este país «continua a desafiar todos os conceitos civilizados de conduta internacional, usando os territórios adquiridos por agressão e manipulando as comunidades humanas nesses territórios árabes ocupados e o reconhecimento dos direitos dos palestinianos à sua própria nação».

Em seguida, denunciou os Governos brancos da Rodésia e da República da África do Sul pela sua política racista e acrescentou que eles «institucionalizaram uma política des-

Continua na pág. 20

NO LUGAR DE PIRES VELOSO

Garcia dos Santos indigitado para o C.R.

O coronel Garcia dos Santos, chefe da Casa Militar do Presidente da República, foi citado por um matutino portuense, como sendo uma das personalidades que reúne grandes possibilidades de vir a substituir o brigadeiro Pires Veloso, o comandante da Região Militar do Norte, no Conselho da Revolução.

Ligado, desde o seu início ao chamado «Grupo dos Nove», o coronel Garcia dos Santos exerceu ainda as funções de secretário de Estado das Obras Públicas no 2.º, 3.º e 6.º Governos Provisórios.

Conselho de Ministros reúne-se amanhã

. A reunião do Conselho de Ministros desta semana realiza-se amanhã, a partir das 15 e 30, em S.Bento. Preside aos trabalhos o Primeiro-Ministro Mário Soares.

Trata-se da primeira reunião do plenário de ministros desde que, no final da semana passada, a Assembleia da República concedeu ao Governo autorização para usar de poderes legislativos durante as férias parlamentares. Ao abrigo desta autorização o Governo poderá publicar legislação, entre outras matérias no que se refere a crimes e penas não superiores a dois anos de prisão; à alteração do regime e âmbito da função pública sem prejuízo dos direitos adquiridos; ao enquadramento da gestão das escolas superiores e secundárias; à revisão do regime jurídico dos solos; aos novos critérios de fixação das indemnizações em consequência de expropriações por utilidade pública; e ao alargamento das atribuições das autarquias locais em matéria de urbanismo e habitação.

A reunião desta semana do Conselho de Ministros restrito que se ocupa de assuntos económicos ainda não está marcada, supondo-se que o possa ser durante o plenário de amanhã.

20 PÁGINAS

Spínola ouvido no Restelo

António de Spínola foi mais uma vez ouvido, esta manhã, no Estado-Marior-General das F.A., sobre a sua participação no M.D.L.P. (movimento de extrema-direita responsável pelo surto bombista no nosso País) e ainda sobre a tentativa de aquisição de armas de guerra na Alemanha Federal — facto divulgado pelo escritor e jornalista daquele país, Gunter Walraff.

Admite-se que as recentes prisões de elementos bombistas ligados àquela organização presidida por Spínola, poder (se as investigações não forem abafadas — parece há haver indícios de pressões, nesse sentido, sobre a P.J.) levar a significativas revelações de envolvimento de personalidades políticas e militares, incluindo naturalmente a do ex-general.

Entretanto, e segundo a ANOP, Spínola não sairá de Lisboa nos próximos dias, não se confirmando assim a sua ida para as termas do Luso-Buçaco, visto não ter feito ainda nenhuma reserva de quartos e todos os hoteis da zona se encontraram com lotação esgotada.

Por outro lado o dispositivo de segurança montado em torno da residência do responsável do M.D.L.P. tem suscitado as atenções gerais, pelo grau de envolvimento de pessoal da P.S.P., incluindo carros e material de comunicações.

Prevê-se ainda para Setembro próximo a edição do livro de Walraff, onde se dá conta das longas declarações de Spínola e dos seus propósitos de aniquilar o Estado democrácio português.

FIAT pitralon 2000 IBA, LDA. Black & Decker Europeia VIAGENS • TURISMO

estão com o "D.L" na "VOLTA" (Págs. 16 e 17)

Nacional

ROCHA VIEIRA EM MAFRA

Estabilidade e eficácia para consolidar as conquistas

. Numa intervenção eminentemente militar, o general Rocha Vieira, chefe do Estado-Maior do Exército, expôs em Mafra, no decorrer das comemorações alusivas ao «Dia da Infantaria», as razões da reestruturação há poucos dias aperada no Conselho da Revolução, e bem assim nos comandos das Regiões Militares do Centro, Sul e Lisboa. Pormonorizando (ou explicitando a questão em termos político-militares) observou que as medidas encetadas visavam «criar condições para que as instituições se estabilizem definitivamente e funcionem com eficácia», e «para uma actuação eficaz no seu importante papel como órgão de soberania».

Também as recentes decisões militares relativas aos critérios agora postos em prática e que presidirão às nomeações para determinados cargos militares, ainda segundo as delcarações do C.E.M.E., consubstanciam, como finalidade imediata, o aumento de eficiência e a preocupação «de adoptar uma perspectiva correcta, tendo em vista a estabilizaçao do sistema». Todas as soluções «nasceram no seio do Conselho da Revolução», adiantou, num discurso, repetimos, transcendentemente militar, o general Rocha Vieira, «se bem que em espírito de permanente consulta aos diversos responsáveis militares, o que significa que progressivamente os órgãos de decisão se assumem como expressão de vontade organizada das instituições».

Ontem, como hoje, a questão da independência nacional preocupava os nossos ancestrais. Aludindo à data e à efeméride assinalou o general Rocha Vieira, perante os militares da E.P.I. na Parada Tenente-Coronel Magalhães Osório: «Esta unidade, a Casa da Infantaria, tem dignificado de forma altamente meritória as tradições da Arma e as do Exército português pela acção competente, firme e esclarecida que tem desenvolvido em todas as situações. Hoje, trata-se publicamente de evocar a vitória de Aljubarrota e a figura de Nuno Álvares Pereira como patriota, como condutor de homens e como técnico militar emérito, projectando este símbolo na Arma de Infantaria e no Exército dos nossos dias».

O C.E.M.E., que usou da palavra após a mensagem do director da Arma de Infantaria, coronel Jasmim Freitas, dirigida a todas as unidades do ramo existentes no País, sublinharia mais adiante o valor da instituição militar ao serviço do povo português, fundamentalmente «assente nos valores permanentes do patriotismo e da firmeza inquebrantável», o que em seu consenso, hoje como há 591 anos atrás passa pelos aspectos tácticos e técnicos.

RESPOSTA A GRAVES PROBLEMAS

Num discurso que acima de tudo, e por ser essencialmente militar, aqui e ali com conotações políticas próprias da circunstância e da etapa história em curso, terá evitado a possibilidade de qualquer especulação, numa conjuntura que tende a normalizar o funcionamento das instituições democráticas entretanto estabelecidas, garantidas e consolidaddas, o general Rocha Vieira assinalaria que as alterações operadas permitiriam aos órgãos competentes encontrar «as soluções mais adequadas a cada situação, sem ceder a pressões e a falsas imagens», quando «é tempo de darmos resposta a graves problemas de pessoal e organização, que afligem o Exército. Se nos soubermos situar correctamente no quadro das instituições democráticas, sem interferir nas respectivas esferas de actuação, nem permitirmos indevidas ingerências externas, será possível enfrentar todos esses problemas».

Ainda com a tónica na existência e funcionamento das instituições democráticas, o chefe do E.M.E. salientaria que «se quisermos e soubermos consolidar a estabilização que agora se torna historicamente necessária e possível, estaremos a garantir as condições para que sejam superadas todas as dificuldades que ainda nos separam de uma instituição genuinamente nacional». Desenvolvendo a ideia, o C.E.M.E., nesta sua primeira visita a uma unidade militar na circunstância a E.P.I. —, referiu que «se cada militar, mantendo a permanente disponibilidade de si próprio, souber encontrar na modéstia e dedicação do seu trabalho quotidiano a forma mais nobre e elevada de participação nesta obra de reconstrução, então, sim, seremos capazes de alcançar os objectivos de competência, de organização e de eficiência que se impõem que conquistemos para bem servir o povo português e os ideais do 25 de Abril».

«DEPÓSITO DE OFICIAIS»

Alguns dos exercícios previstos nas comemorações do «Dia da Infantaria» no quartel da E.P.I. foram cancelados por razões que o seu comandante, coronel Aurélio Trindade, explicou, designadamente a necessidade de evitar esbanjamento de água e os riscos que os mesmos, implicavam quanto à eventualidade de incêndio. Das duas companhias indicadas para a execução dos mesmos só uma estava ali presente, o que o comandante da E.P.I. justificou como «economia de meios».

Para se defender a terra que nos pertence e a que normalmente chamamos Pátria é preciso ter os pés bem assentes no chão», começou por afirmar o coronel Aurélio Trindade, que na sua alocução pôs a tónica essencialmente, no material e nos chefes, aludindo num e noutro aspecto a dificuldades estruturais. «Gostaríamos de dizer que hoje no «Dia da Infantaria», temos uma Infantaria capaz de cumprir as suas missões. Tal não é verdade», obtemperou, «mas temos a Infantaria que merecemos. Pretendemos», acrescentou, «que à Infantaria portuguesa sejam dadas oportunidades de utilizar a técnica de que dispõe a sociedade moderna, para que um dia, se tivermos de combater, o façamos colocando a técnica ao serviço dos soldados, e não como em África».

Levantando o véu sobre deficiências estruturais o coronel Aurélio Trindade, que usou da palavra após uma mensagem da Arma em que se exortava os soldados a não regatearem esforços para que a Infantaria se valorize moral e tecnicamente, de modo a que «possa contribuir de forma assinalável para que se concretizem os objectivos da Revolução do 25 de Abril», salientou que muitas das unidades do território não são mais que «depósitos de oficiais, sargentos e praças agrupados em companhias onde ainda imperam os vestígios das guerras ultramarinas, quando para se ter uma companhia era necessário 1 capitão, 4 subalternos, 17 sargentos, 150 praças e 180 (G-3».

«O Dia da infantaria», em Mafra, na presença de muitos populares e de altas personalidades militares, encerrou com o desfile de duas companhias motorizadas compostas por chaimites e carros, que se estenderam pela frontaria do Convento.

J.R.

Rangel de Lima em liberdade

O general da Força Aérea Rangel de Lima, que «por motivos de ordem disciplinar» cumpriu 10 dias de prisão (três em Monsanto e os sete últimos na sua residência), apresentou-se já, como determinam regras militares, ao seu superior hierárquico, após o que passou este fim-de-semana na Costa da Caparica.

A prisão do general Rangel de Lima, determinada pelo chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Morais e Silva, surgiu após a destituição do almirante Leonel Cardoso do cargo de vice-chefe do Estado Maior da Armada, tendo sido valorizado pela Imprensa em função da sua personalidade militar.

Rangel de Lima é um dos militares que, juntamente com Costa Gomes e Tierno Bagulho se recusou a comparecer ao célebre «enfeudamento» que constituiu o encontro de oficiais superiores com Marcelo Caetano.

Esse facto, a comissão de serviço que prestou em Moçambique, e o prestígio militar de que desfruta, levaram a que as forças progressistas tomassem posição face à sua prisão por ordem do general Morais e Silva, tanto mais que Leonel Cardoso havia sido exonerado da vice-chefia do Estado-Maior da Marinha e a direita militar parecia apostada em recuperar posições perdidas. Após três dias de prisão em Monsanto, Rangel de Lima foi transferido para a sua casa, ao que parece por ordens directas do Presidente da República.

Os referidos dias de prisão, como então noticiamos, foram-lhe atribuídos pelo facto de, numa exposição dirigida directamente ao Conselho da Revolução, sem conhecimento antecipado do Estado-Maior da F. A. P., o general Rangel de Lima se insurgir contra uma menção que lhe é feita nos anexos ao «Relatório do 25 de Novembro», observação que aquele general refuta por «não corresponder à verdade».

DESIGNADO POR EANES

Mota Pinto na Comissão Constitucional

O prof. Mota Pinto, dissidente do P. P. D. após o congresso daquele partido em Aveiro, foi designado pelo Presidente da República para fazer parte da Comissão Constitucional, da qual fazem parte, além de Melo Antunes, a prof. dr.ª Isabel Magalhães Colaço, esta designada pela Assembleia da República. Com a escolha do antigo vice-reitor da Universidade de Coimbra e constitucionalista da Faculdade de Direito daquela Universidade para aquele órgão, restam ainda seis vagas para preencher no mesmo, quatro pelas autoridades judiciais e duas pelo Conselho da Revolução.

O major Melo Antunes foi o primeiro dos três elementos a ser designado para aquele órgão pelo C.R. À Comissão Constitucional de acordo còm os termos da própria Constituição, compete expender obrigatoriamente pareceres sobre a constitucionalidade de diplomas que tenham sido apreciados pelos Conselho da Revolução, bem como julgar as questões de inconstitucionalidade que lhe sejam submetidas e sobre a existência da violação das normas constitucionais, conforme, aliás, ao estatuto da Comissão Constitucional já publicado no «Diário da República».

Em círculos geralmente bem informados referem-se com insistência, entretanto, os nomes de Luís Nunes de Almeida e Jorge Miranda, respectivamente da Intervenção Socialista (G. I. S.) e do P. P. D. para ocuparem as vagas civis que competem ao Conselho da Revolução, enquanto que relativamente aos nomes propostos pelas autoridades judiciais nada se conhece.

CUNHAL À FRANCE INTER

Governo P.S. pode conciliar com a direita

. Em declarações prestadas à Rádio «France-Inter», Álvaro Cunhal afirmou que o actual Governo português «poderá vir a seguir uma política de conciliação com a direita reaccionária, as forças do capital e os grandes proprietários».

«O nosso partido — sublinhou o secretário-geral do PCP — opor-se-á a semelhante política antipopular e antioperária. Mas se o Governo aplicar uma política de defesa dos direitos dos trabalhadores, de defesa das liberdades e das conquistas da Revolução, então apoiaremos todas as medidas a favor da consolidação da democracia.»

Salientando que a acção do PCP não se situará apenas ao nível parlamentar, Álvaro Cunhal disse que o seu partido utilizará liberdade de Imprensa e os direitos de greve, reunião e manifestação, e considerou «significativo e inquietante» o regresso de Spínola, pois pode dar «novo impulso aos conservadores e aos adversários do desenvolvimento da democracia portuguesa. É um acontecimento negativo» — sublinhou.

Sobre as relações do PCP com a URSS, Cunhal acentuou que o Partido Comunista Português é «muito independente», embora mantenha boas relações com os partidos comunistas dos países socialistas. «Seja em que circunstância for — precisou — recusamo-nos categoricamente a distanciar-nos dos nossos amigos se esse for o preço a pagar para parecer um partido respeitável aos olhos da direita».

Interrogado a respeito da atitude dos partidos comunistas de França e Itália, Álvaro Cunhal recordou que a situação em Portugal não é comparável a estes dois países. «As situações em França e Itália — declarou — são mais aproximadas, enquanto que em Portugal após 50 anos de fascismo, a Revolução deu ao País características diferentes: liquidou o capital monopolista, nacionalizou os sectores básicos da economia e procedeu à Reforma Agrária».

M.D.M. contra Spínola e a favor do desarmamento

O M.D.M. (Movimento Democrático das Mulheres) tomou também posição sobre o regresso do ex-general Spínola que, em telegramas remetidos ao Presidente da República, Governo, Conselho da Revolução e Assembleia da República, considerou como uma «afronta enorme aos portugueses», e nos quais requer para aquele militar prisão, julgamento e condenação «pelos seus crimes» que constituem os golpes de 28 de Setembro, 11 de Março e a sua responsabilidade no M.D.L.P. e inerente «tentativa de dividir e banhar em sangue o povo português».

Numa moção entretanto aprovada, o M.D.M. considera que a paz entre os povos de todo o Mundo «é uma questão vital para o futuro da humanidade», que as «medidas avançadas no plano político e militar constituem um sério obstáculo ao real desenvolvimento económico, social e cultural», e que «as mesmas medidas terão de ser completadas», após o que refere que o «enorme potencial bélico concentrado nas mãos do imperialismo constitui uma permanente ameaça à paz e à liberdade entre os povos de todo o Mundo».

Realça ainda amoção que o princípio do desarmamento está consagrado na Constituição portuguesa e que deve ser efectivado de forma controlada, com «a dissolução dos blocos político-militares», e que todos os portugueses devem tomar posição para que o desarmamente mundial seja um facto (enviando telegramas e aprovando moções em reuniões populares) e a convocação da Conferência Mundial de Desarmamento, sob a égide da O.N.U., uma garantia.

BOLSEIRO DO INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

SEGUE PARA LONDRES

Miguel Paiva e Pona, o aluno melhor classificado dos cursos de desenhador da construção civil realizados em 1975, recebe do Director-Geral do I. A. T. A., dr. Pedro de Sousa Santos, o valor da bolsa e o bilhete de passagem para Londres, por avião

Como é do conhecimento geral, o I. A. T. A., dentro de uma linha de actuação de vanguarda e no intuito de contribuir para a valorização dos seus diplomados, proporciona bolsas de estudo em Espanha, França e Inglaterra aos alunos mais classificados, em cada ano dos cursos de desenhador da construção civil e da programação de computadores

De acordo com esta orientação acaba de partir para Londres o bolseiro Miguel Paiva e Pona, que a fotografia acima representa no momento em que recebe o respectivo prémio.

post-scriptum

Como no Chile, o fascismo movimenta-se

A reacção excita-se.

Numa vila dos arredores de Coimbra, na noite de 10 para 11 do corrente, numerosa assembleia de reaccionários reuniu-se num café local.

Desde o médico ao pároco, passando por retornados, um funcionário do tribunal, um antigo chefe dos CTT da vila, um «pide» recentemente libertado...

Todos eles membros do CDS e do PPD, com excepção do filho do médico (este, ex-dirigente da UNANP), rapaz que, dantes enfeudado ao MRPP, milita agora nas hostes da UDP.

Reunião, porquê?

Regresso de Spínola e ponto da situação.

A distinta assembleia não deu mais que três meses de vida ao Governo PS e vaticinou a morte de Rosa Coutinho, Vasco Gonçalves, Costa Gomes, Melo Antunes, Charais, Lopes Cardoso, Soares e, como é evidente, Cunhal e companhia!

Para todos estes, a morte.

Para os «pides, «heróis e santos, sacrificados durante 48 anos na defesa da civilização Cristã e ocidental», só o altar, só as glórias celestes!...

E o senhor prior lembrou:

«__ Não foi Silva Pais condecorado pelo Papa?»

Não se disse mal nem se pediu o garrote para Otelo, talvez para não chocar a sensibilidade do filho do sr. doutor...

Mas a revolta destes senhores atingiu o ponto culminante, quando a TV apresentou uma entrevista com o cap. Sousa e Castro e Raul Rego. Este foi classificado de bandido e rancoroso, por dizer mal dos «pides». E, consequentemente, o membro presente desta corporação recebeu, de imediato, o caloroso manifesto da mais viva repulsa pelas palavras de Raul Rego.

O funcionário do tribunal até disse que nunca aquele fora preso por crimes políticos, pela «pide»; que o fora, sim pela Polícia Judiciária e pela Polícia de Costumes; sabia-o ele, que tinha sido escriturário num Tribunal de Polícia, em Lisboa.

(Note-se que este funcionário exibia ao balcão do Tribunal, ainda há pouco mais de dois meses, um monumental emblema do P.S.).

Um dos retornados participantes na reunião chegou mesmo a prometer ao «pide» uma jantarada num hotel à sua escolha, se «voltasse a prender o Mário Soares» (cic).

E assim, do anticomunismo se transita para o anti-, o, pessimismo!

Depois de Cunhal e Rosa Coutinho, são Mário Soares e Almeida Santos os mais vilipendiados por certos retornados.

Contudo, o regresso de Spínola e a libertação dos «pides» veio sossegá-los e compensá-los da prisão dos bombistas que, no entender dos participantes na reunião, tinham sido os únicos a impedir que a «ditadura» gonçalvista acabasse com as liberdades nesta terra!

E eles, que já estavam a desconfiar do general Ramalho Eanes, principalmente por o verem com frequência acompanhado pelo gorducho Vasco Lourenço, começavam agora a dar-lhe parte da sua confiança, com o regresso de Spínola e a libertação dos «pides». Embora, claro, o Presidente da República não fosse exactamente aquilo que esperavam...

Confidencialmente, o sr. doutor (ex-ANP, actual CDS) foi sussurrando que Firmino Miguel, logo que Pires Veloso tivesse recuperado do acidente, «daria o golpe». («Vocês pensam que Spínola vinha para cá, se isto não estivesse por semana?»)

Na sua euforia reaccionária e consciência da impunidade, nem repararam na presença de outras pessoas dentro do café, a custo conseguindo olhar para a televisão.

Como vai o nosso país!

Isto é fascismo em liberdade; não se trata de originalidade do processo revolucionário (?) português!

Não é inédito, pois o mesmo aconteceu no Chile. Só que, o povo chileno desconhecia as intenções de Pinochet e, em Portugal, conhecem-se os sonhos de Spínola...

Joaquim da Silva Santos
__ COIMBRA

Que justiça?

Efectuou-se no Porto o julgamento relativo ao assassínio de um operário vidreiro.

Os juízes deram como provado que o autor do crime havia sido o réu.

Mas __ começa aqui o insólito __ deram como apurado que a intenção foi apenas de causar lesões corporais. Mais: foi dado como provado que o objecto com que foi praticado o crime __ uma arma de fogo __ foi disparada a uma distância de metro e meio.

Pergunto, melhor, perguntar-se-á: é possível que um homem (homem?) dispare contra outro homem a metro e meio com intenção de lhe causar apenas lesões corporais? Quem crê nisto? Desde a mais tenra idade que ouço dizer: não se brinca com armas de fogo.

O acórdão proferido deve ter querido passar um atestado de menoridade mental a grande parte do Povo Português.

Perante isto resta perguntar: Que Justiça é esta? Que juízes são estes?

Mudaram-se os tempos, mudem-se juízes...

Será que o alerta lançado há tempos por Vasco Lourenço não terá valido de nada?

José Carlos da Silva
__ PORTO

A ESQUERDA NA MADEIRA: UMA OPÇÃO

MEIRA BURGUETE

A situação política na Madeira continua a preocupar o País, não obstante os resultados eleitorais serem estatisticamente favoráveis a um partido acentuadamente direitista, principalmente naquela região autónoma.

O PPD terá de governar sozinho, aliás por direito próprio, pois até aumentou a sua posição numérica, em relação às eleições para a Assembleia da República.

Tem no entanto o PPD que fazer na Madeira, e isto, se quiser ter hipóteses de governar durante um tempo que lhe permita pôr em execução num programa, reformas sociais, que favoreçam as classes mais desportegidas e não continuar a ocultar a fome, a subalimentação, a exploração, que existe actualmente naquela linda ilha de contrastes.

A situação aliás que o estracto daquele partido político tem fomentado na Madeira, tanto pela sua interveniência direita como pela «não denuncia» dos gastos.

Sabemos muito bem que o líder daquele partido e o Director de um órgão de informação diária, «O Jornal da Madeira», patrocinado pela Igreja, que, em consequência, se vai, cada vez mais, tornando cúmplice da situação social.

«O Jornal da Madeira e Igreja mantêm-se em paralelo, apostando em não denunciar a miséria que vai por aquel terras. Perguntarão os leitores, fora do problema social da Madeira por que razão então o partido direitista madeirense __ PPD __ ganhou as eleições por diferença tão substancial?

É que o povo da Madeira, o bom povo madeirense, continua na sua ingenuidade, a ser conduzido pelo cacique, e, principalmente, pelo padre.

O madeirense é sobretudo religioso, católico, o que aliás, não lhe fica nada mal.

Estar segunda faceta, não pode também ser levada em linha de conta pejorativamente, ao povo da Madeira, mas já não podemos ter esta contemplação em relação a quem o manipula __ o padre.

Este, tendo uma tribuna à sua disposição, limita-se a falar ao bom vilão, em marxismo, evidenciando-o negativamente, convidando depois os paroquianos a não darem o seu voto aos partidos políticos que tenham no programa o marxismo como inspiração.

Porém, esquece-se quase sempre de se identificar com a população explorada.

Preferem não aprofundar a origem dessa exploração, e, assim, perante Deus de que se arrogam mandantes, cometem, na sua técnica, um «pecado mortal» que não poderá ser perdoado nas sucessivas gerações.

O estracto populacional que vota contra a exploração, na Madeira é politicamente ponderado e demasiado consciente para com ele se brincar.

Não se intimida com as criminosas bombas da direita e, procurará esclarecer a população desprevenida, e explorada dos perigos que corre quando acredita em promessas dos capitalistas selvagens.

E, qualquer partido de esquerda terá de se capacitar que não pode encetar a via tolerante, tendo em vista uma conquista eleitoral.

Terá de esclarecer, tentar pela inteligência, apresentar a verdade, e oferecer propostas muito concretas.

De resto, colocando em paralelo os resultados das eleições para a Assembleia da República com as eleições regionais, facilmente se chega a esta conclusão.

Aparentemente não se explica que nas primeiras (Assembleias da República) o eleitorado da capital do arquipélago tivesse votado PS alcançando uma significativa vitória sobre o PPD e desta feita (Assembleia Regional) o PS tivesse menos 2.595 votos.

A razão do fenómeno explica-se por diversas circunstâncias, entre as quais se poderão salientar duas. A dúvida do povo do Funchal em entregar o voto a um partido que apoiava um candidato à Presidência da República juntamente com os partidos que englobam o sector eleitoral que os explora, não compreendendo entretanto o alcance desse apoio, e que, se alguém estaria enganado na campanha presidencial, não era decerto o PS. E o futuro o dirá. A outra razão situa-se no facto de o Partido Socialista ter incluído nas suas listas para deputados à Assembleia Regional elementos, aliás reconhecidamente socialistas, mas que não terão tido uma participação pública na política, que os creditasse, perante as pessoas, como homens de esquerda.

Repare-se que, os socialistas, na eleição para a Assembleia da República somaram, no Funchal, 18.456 votos e nesta última 15 861 votos.

A UDP e o PCP juntos tiveram agora 3 552 votos.

Daqui resulta que, o Partido Socialista teve quase tantos votos nas eleições anteriores, como agora os 3 partidos juntos. (Apenas uma diferença de 957).

Conclui-se portanto, que na Assembleia Regional não houve uma confiança absoluta no PS.

E foi pena que isto tivesse acontecido, pois a Madeira perdeu assim uma oportunidade para ter no seu governo o número de deputados suficiente para a esquerda poder agir mais incisivamente na Assembleia Regional.

De qualquer forma a direita não poderá tranquilizar-se, porque a esquerda é significativa para já, e se-lo-á, disso temos a certeza, ainda mais, na próxima oportunidade. eleitoral.

O MOVIMENTO DOS NÃO-ALINHADOS

3. QUATRO CONFERÊNCIAS

DINA NASCETTI

COLOMBO __ (IPS) __ A frágil unidade recomposta à última hora na II Conferência dos Países Não-Alinhados do Cairo não conseguiu esconder a crise de credibilidade que a política de não-alinhamento estava a atravessar. Muita gente pensou que tinha terminado a sua oportunidade. Outros falaram de «movimento heterogéneo e invertebrado», mas os críticos mais agudos acusaram os membros do movimento de terem abandonado uma atitude política para se reduzirem à condição de propagandistas de um ou de outro sistema. Este pessimismo não era completamente infundado. O não-alinhamento, ainda que tenha desempenhado um papel importante em favor da coexistência e da causa da emancipação dos povos colonizados, parecia incapaz de dar-se uma definição que permitisse responder melhor às condições históricas novas.

Deve-se à incansável acção diplomática da Jusgolávia, e ao testemunho apaixonado do marechal Tito a possibilidade de o não-alinhamento poder reiniciar o seu caminho e voltar a encontrar a sua razão de ser, e dar novo impulso à solidariedade entre os dois blocos, obtendo dos países do Terceiro Mundo uma adesão de principio às suas propostas.

Após a reunião preparatóriaem Dar-es-Salam, em Junho de 1970, chegou-se à convocação da III Conferência dos Países Não-Alinhados, que se realizou em Lusaca. Seis anos depois da reunião do Cairo, em Setembro, com a participação de 59 países.

Na reunião de Dar-es-Salam discutiu-se muito se seriam admitidos na conferência todos os países recentemente independentes e «amantes da paz», segundo a tese viável da Jugoslávia, ou se seria necessário seleccionar os candidatos em função da sua atitude anti-imperialista, como exigia a tese da Argélia, mais intransigente. Prevaleceu a tese jugoslava e a Conferência de Lusaca abriu orientada pelo critério da «unidade na diversidade». Apareceram três grandes eixos de discussão: a descolonização, a cooperação e o problema da paz. Sobre o primeiro ponto reiterou-se que o não-alinhamento deveria ser um instrumento ao serviço da revolução anticolonial e, neste princípio, pronunciou-se a condenação sem vacilações dos regimes racistas africanos, da invasão norte-americana no Vietnam e da política expansionista de Israel no Médio Oriente.

Sobre o segundo ponto, o desenvolvimento, foi constatada a consciência comum do falhanço da ajuda externa, decidindo-se por contar mais com as próprias forças, começando por recuperar e explorar directamente as respectivas fontes de recursos naturais, intensificando as relações de troca e colaboração entre si. Finalmente, no referente aos problemas da paz e da coexistência, a Conferência de Lusaca avançou a palavra de ordem de democratização das relações internacionais, como um meio para superar a divisão do Mundo em esferas de influência e oferecer a possibilidade a todos os Estados, grandes ou pequenos, de decidirem com toda a independência a sua própria política.

Os contrastes, os mal-entendidos e os equívocos voltaram a manifestar-se na IV Conferência de Argel em Setembro de 1973. As contradições de fundo, porém, não deverão aparecer senão na Conferência de Colombo, seguramente na política internacional.

O Não-Alinhamento foi sempre considerado como antítese da guerra fria e, mais especificamente, dos blocos político-militares que a dirigiram. Este ponto de referência aparece menos claro com a diminuição da guerra fria em razão da distensão entre os Estados Unidos e a URSS, uma vez que a concorrência se tem dado em torno a três (ou cinco) pólos que não correspondem às distinções ideológicas.

A adesão aos blocos militares, ou a recusa destes, não constitui actualmente um critério político definitivo para julgar o não-alinhamento. O anticolonialismo, tem sido, por outro lado, o centro de todos os movimentos do Terceiro Mundo, mudando de significado quando a descolonização e o neocolonialismo obrigaram os Governos da Ásia, África e América Latina a reflectirem sobre as condições da sua própria independência.

Os documentos finais reflectiram como sempre uma posição de compromisso, mas a verdade é que na prática nenhum dos países moderados quis tomar abertamente uma posição favorável aos Estados Unidos, impedindo, porém uma equidistância sumária. Uma maior homogeneidade teria sido possível somente através de uma selecção, mas o Terceiro Mundo preferiu salvar a sua unidade heterogénea com a convicção de que as debilidades não admitem demasiadas subtilezas.

Como se apresentará o Terceiro Mundo na V Conferência dos Não-Alinhados? É ainda cedo para avançar alguma coisa. Alguns dados são, no entanto, seguros, e permitem demonstrar a dramática situação que vive esta parte da humanidade.

Na última década o abismo entre os países ricos e pobres aumentou espantosamente.

No Terceiro Mundo, para uma população de 2 mil milhões de pessoas há mais de 500 milhões de marginalizados da produção. Em 1990 talvez cheguemos aos 2 mil milhões. Outro dado: entre 1960 e 1970 o produto global do mundo aumentou em mil e 100 milhões de dólares, Oitenta por cento desta cifra concentrou-se nos países industrializados, que reúnem apenas um quarto da população mundial. Só seis por cento desse aumento foi para os países sem desenvolvimento, que são habitados por sessenta por cento da população humana.

Geral

"O Zimbabwe será socialista"

«O futuro sistema do Zimbabwe será socialista e a condução dos seus contactos estrangeiros reger-se-á pelo não alinhamento» — declarou ao diário «Politika», de Belgrado, o representante do Movimento de Libertação do Zimbabwe, Henry McOney.

«Desde que decidimos pegar em armas no final do ano passado, o número dos nossos combatentes tem aumentado diàriamente, cifrando-se o seu número em seis mil neste momento. Alguns desses combatentes lutam na Rodésia. Além disso, vinte e dois mil refugiados encontram-se estacionados em Moçambique» — acentuou McOney.

«O sucesso da luta travada pelo Movimento de Libertação do Zimbabwe é uma questão de meses. Apenas tropas estrangeiras poderão manter Ian Smith no poder» — acrescentou aquele dirigente africano.

Maudling, informador dos assuntos Externos do Partido Conservador: «A Inglaterra talvez tenha de assumir o Governo da Rodésia»

INQUIETAÇÃO EM LONDRES

Entretanto, ontem, em Londres, o informador para assuntos Externos do Partido Conservador, Reginald Maudling, afirmou que a única solução possível para o regime de Salisbúria é que a Grã-Bretanha assuma novamente o governo da Rodésia. Esta afirmação constitui uma resposta a declarações de Ian Smith.

Ian, na BBC, defendeu a tese de que a transmissão de poderes constitucionais a uma maioria negra poderia conduzir a uma tragédia.

Reginald Maudling, em resposta a esta afirmação, disse que já não existia solução viável para o regime de Salisbúria e que o Governo de Londres, com o apoio dos Estados Unidos e a assistência dos países africanos vizinhos da Rodésia, é, de momento, a única solução que pode garantir uma transmissão constitucional de poderes de uma maneira pacífica.

POSIÇÃO DO BISPO DE UNTALI

Por sua vez, numa carta aberta dirigida ao primeiro-ministro Ian Smith, o bispo católico de Untail Dona, Lamont, declarou que a África Austral poderá sofrer uma «guerra cruel e odiosa», caso o Governo rodesiano não altere a sua política em relação aos negros do país.

«A minha consciência obriga-me a comunicar-lhe que a sua administração, pela sua política claramente racista e opressora e pela sua teimosia em aceitar uma mudança, é largamente responsável pelas injustiças que provocaram o actual estado de desordem no país, e, nessa medida, pode ser considerada culpada de qualquer infortúnio ou derramamento de sangue que se lhe seguir».

O bispo Lamont, que já em outras ocasiões tem atacado o Governo do Primeiro-Ministro Ian Smith e a sua política racial, acrescentou que «a intensificação do ódio racial, o alastramento da guerrilha urbana, que causaram já muitas mortes e perdas de bens, poderão fazer eclodir a guerra racial no subconsciente africano, pelo que a trágica acção governamental de Ian Smith deveria ser alterada sem demora».

Donald Lamont manifestou compreensão pelo envolvimento dos negros rodesianos na actividade de guerrilhas, pois «eles sentem-se obrigados a lutar pela eliminação de toda a espécie de discriminação que degradou o seu povo e os transformou em pessoas de segunda classe, na sua própria terra».

Afirmando deplorar toda a violência, o prelado disse na missiva dirigida a Ian Smith: «é meu dever repetir que a violência institucional sancionada pela vossa administração e tornada respeitável pela acção do Parlamento, constitui a própria raiz da maior parte da violência que a Rodésia sofreu durante os últimos dez anos».

DOIS POLÍCIAS MORTOS

Ontem ainda um posto fronteiriço rodesiano situado no nordeste do país foi atacado com morteiros e foguetes.

Dois polícias foram mortos, um branco e outro negro.

Um comunicado rodesiano afirma que «as investigações já efectuadas indicam que este ataque foi quase de certeza levado a cabo por forças regulares moçambicanas».

Livro de Wallraff editado em Portugal

Cobiçados por vários editores, os direitos do livro do jornalista alemão Gunther Wallraff, que provocou a expulsão do ex-general Spínola da Suiça, foram finalmente adquiridos pela Bertrand que o porá à venda, numa tradução de Gonçalo Vilas-Boas no princípio do Outono. O livro de Wallraff descreve a actuação do ex-general pouco tempo depois da sua saída do país, quando tentava adquirir armas na Europa.

SECRETARIA NOTARIAL DE CASCAIS

Constituição de Associação

No dia dez de Janeiro de mil novecentos e setenta e seis, na Secretaria Notarial de Cascais, perante mim, Maria Inês Pita Teles de Melo Meneses e Castro, notário do Segundo Cartório, compareceram:

Primeiro — Álvaro Guilherme Marques dos Reis, casado, natural desta freguesia e concelho de Cascais, residente nesta vila, na Avenida Marginal, lote 8, 1.º andar, esquerdo.

Segundo — Aníbal Jacob de Carvalho, casado, residente na Rua do Cobre, Casal de Santo António, no lugar do Cobre, deste concelho, natural da freguesia de Alcântara, de Lisboa.

Terceiro — Luís Alberto Camacho Lobo, casado, natural de Tete, Moçambique, residente da Rua Dr. João de Barros, Lote 6-A, no mesmo lugar do Cobre.

Quarto — Maria Isabel da Silva Fernandes Camacho Lobo, residente na Rua Dr. João de Barros, Lote 6-A, no lugar do Cobre, desta freguesia de Cascais.

Quinto — Fernando dos Anjos Duarte Cabral, casado, natural desta freguesia de Cascais, residente na Rua de Santa Ana, Casa Pequerrucha, no dito lugar do Cobre.

A quarta outorgante é natural da freguesia de Santa Isabel, da cidade de Lisboa.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela forma que adiante se menciona.

E DISSERAM:

Que pela presente escritura fica constituida uma associação, que se regerá pelos estatutos constantes do artigos seguintes.

CAPITULO PRIMEIRO — Denominação. Sede. Duração e Objectivos.

Artigo primeiro — A Associação adopta a denominação de «ASSOCIAÇÃO DE CULTURA E INSTRUÇÃO DO COBRE», tendo a sua sede no Bairro do Cobre ou Bairro da Enconsta da Carreira, na freguesia e concelho de Cascais.

Artigo segundo — A direcção da Associação é por tempo indeterminado e a sua dissolução só poderá verificar-se quando a Assembleia Geral, expressamente convocada para esse fim, assim o delibere, pelo menos por dois terços dos sócios efectivos, em pleno uso dos seus direitos.

Artigo terceiro — São objectivos da Associação:

Primeiro — A promoção de actividades formativas, recreativas, desportivas, socioculturais e económicas e outras permitidas por lei que facultem a melhoria das condições de vida em geral dos seus associados;

Segundo — Contribuir, através da sua actividade e em conformidade com os seus meios e recursos, no sentido do desenvolvimento da sociedade justa que se pretende construir.

Parágrafo único — A resolução dos casos omisos no número anterior, em matéria estatuária não prevista, será da competência da Assembleia Geral, após a competente apreciação da Direcção.

CAPITULO SEGUNDO — Admissão de sócios. Classificacão. Direitos e Deveres.

Artigo quarto — A Associação compõe-se de determinado numero de associados classificados e admitidos pela Direcção, mediante proposta subscrita por dois sócios como segue:

Primeiro — Efectivos, que são todos aqueles que erigiram e fundaram a Associação.

Segundo — Auxiliares, todos aqueles que através de uma contribuição mensal mereçam ser assim considerados.

Artigo quinto — São direitos de todos os associados:

Primeiro — Dos efectivos:

a) Frequentar a sede e outras dependências da Associação, tomar parte de todas as iniciativas que forem regulamentadas pela Direcção;

b) Utilizar e benficiar de todos os serviços e vantagens e ou regalias concedidas, nos termos do presente estatuto, ou regulamentos internos aprovados.

c) Tomar parte em todas as Assembleias Gerais, eleger e ser eleitos para qualquer cargo de gerência, desde que sejam, de facto, associados efectivos.

d) Examinar as contas da Associação no local e datas previamente estabelecidos, quando do encerramento dos balanços.

e) Requerer a convocação com um mínimo de um terço dos sócios efectivos da Assembleia Geral Extraordinária, quando encontre razão e justificação para tanto.

f) submeter, por escrito, à Direcção qualquer sugestão, informação ou esclarecimento que julgar útil à prossecução dos objectivos para que é instituida esta Associação.

Segundo — Dos Auxiliares:

a) Frequentar a sede e outras dependencias da Associaçao, tomar parte de todas as iniciativas que forem regulamentadas pela Direcção;

b) Utilizar e beneficiar de todos os serviços e vantagens e ou regalias concedidas, nos termos do presente estatuto ou regulamentos internos aprovados;

c) Assistir às Assembleias Gerais, sem contudo, ter participação efectiva;

d) Examinar as contas da Associação no local e datas previamente estabelecidos, quando do encerramento dos balanços;

e) Requerer a convocação, com um mínimo de um terço dos socios, da Assembleia Geral quando encontre razão e justificação para tanto;

F) Submeter por escrito, à Direcção qualquer sugestão, informação ou esclarecimento que julgar útil à prossecução dos objectivos para que é instituida esta Associação.

Artigo sexto — São deveres de todos os Associados:

A) Cumprir e respeitar as normas estatutárias, regulamentos ou deliberações que venham a ser aprovadas pelos órgãos gestores da Associação;

B) Pagar pontualmente as suas contribuições ou outros compromissos para com a Associação;

C) Zelar pela conservação e uso adequado dos bens da Associação;

? D) Ser portador, quando pretender usufruis dos seus direitos, do cartão de sócio;

E) Participar em reuniões, para que for nvocado, com especial responsabilidade nas Assembleias Gerais;

F) Colaborar de uma forma activa em todas as tarefas que visem a prossecução dos objectivos da Associação.

Parágrafo único — A promoção do grau de Sócio Auxiliar a Efectivo será da decisão da Assembleia Geral, por proposta da Direcção, desde que em pleno gozo dos seus direitos, o Sócio Auxiliar, tenha dado provas evidentes dessa distinção, colaboração activa na esfera da acção social da Associação, para o desenvolvimento de uma sociedade justa.

CAPÍTULO TERCEIRO — Da gerência da Associação.

Artigo sétimo — A gerência da Associação é exercida pela Direcção e pelo Conselho Fiscal, eleitos em Assembleia Geral.

Parágrafo único — O mandato para cargos gestores é de dois anos, renovável sempre que proposto e aprovado pela Assembleia Geral.

Artigo oitavo — A Assembleia Geral é constituida por todos os sócios efectivos no pleno uso dos seus direitos sociais, sendo órgão máximo de decisão.

Parágrafo único — Sem prejuizo do disposto no artigo anterior o sócio Efectivo poderá fazer-se representar nas Assmebleias Gerais, por um membro do seu agregado familiar, quando portador de credencial do mesmo.

Artigo nono — A Assembleia Geral reune ordinariamente em Janeiro de cada ano, para aprovação das contas da gerência finda e extraordinàriamente, quando for caso disso.

Parágrafo único — A convocação de qualquer Assembleia Geral extraordinária, só poderá ter lugar a pedido de um terço dos sócios efectivos que deverão estar presentes, ou fazer-se representar por membros de sua familia, devidamente credenciados, sem o que a Assembleia não poderá funcionar.

Artigo décimo — Compete à Assembleia Geral:

Primeiro — Eleger os Corpos Gerentes, incluindo a sua própria Mesa;

Segundo — Aprovar as contas da gerência anterior;

Terceiro — Definir as linhas gerais de orientação da Associação, bem como deliberar sobre todos os assuntos que são da sua competência.

Artigo décimo primeiro — A Mesa da Assembleia Geral será constituida por um Presidente e dois Secretarios, competindo ao primeiro: dirigir os trabalhos, dar posse aos Corpos Gerentes, e convocar as Assembleias Gerais, e aos segundos elaborar as actas das reuniões.

Parágrafo único — As Assembleias Gerais serão convocadas em primeira convocatória nos prazos e termos previstos na lei, sendo necessária e suficiente a presença de, pelo menos, cinquenta por cento dos sócios efectivos, e em segunda convocatória, meia hora depois da primeira convocação com qualquer número de sócios efectivos presentes. As deliberações serão tomadas por maioria simples, de braço no ar, aslvo na eleição dos Corpos Gerantes, que será feita por escrutinio secreto.

Artigo décimo segundo — A Direcção será constituida por um Presidente um Vice-presidente, um Secretário ou Tesoureiro e dois Vogais e cabe-lhe a administracção geral da Associação e representação oficial desta.

Artigo décimo terceiro — O Conselho Fiscal será constituido por um Presidente e por dois Vogais, e competir-lhe-á a fiscalização geral da administração da Associação, bem como a emissão de pareceres sobre as contas da gerência.

Artigo décimo quarto — A Direcção poderá promovar a formação de grupos de trabalho (Secções), constituidos por número ilimitado de sócios que se ofereçam para tarefas e funções a coordenar pela Direcção, tendo sempre em vista os objectivos da Associação.

CAPITULO QUINTO — RECEITAS

Artigo décimo quinto — São receitas da Associação as quotizações dos sócios, o remanescente de quaisquer festas, iniciativas, subscrições, subsídios de Estado e das Autarquias locais, os empréstimos que a Associação tiver, as doações e donativos que lhe forem atribuidos e quaisquer outras.

CAPÍTULO SEXTO — DO DISTINTIVO DA ASSOCIAÇÃO

Artigo sexto — O digo Artigo décimo sexto — O distintivo desta Associação será circular, de fundo vermelho, tendo ao centro uma estrela amarela, um livro branco e as vogais a ouro. Este circulo será envolvido por um segmento circular de cor base preta, contendo no seu interior a designação da mesma, concelho e data da fundação.

Disposições Complementares

Artigo décimo sétimo — Em todo o omisso nestes Estatutos, os Corpos Gerentes reunidos poderão resolver como entenderem, desde que não contrariem os seus principios gerais e as leis do País, devendo dar conhecimento do resolvido na primeira assembleia geral que se realizar.

Assim o disseram e outorgaram.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e aos mesmos explicado o seu conteúdo, tudo em voz alta, na presença simultânea de todos.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pelos seus bilhetes de identidade, todos expedidos pelo Arquivo de Lisboa, respectivamente, n.ºs 2023105, com data de 25 de Agosto de 1967, 2074470, datado de 20 de Agosto de 1973, 4964001, com data de 11 de Dezembro de 1972, 0366834, datado de 6 de Dezembro de 1974 e 1241416, datado de 1 de Fevereiro de 1971.

a)

Álvaro Guilherme Marques dos Reis
Aníbal Jacob de Carvalho
Luís Alberto Camacho Lobo
Maria Isabel da Silva Vernandes Camacho Lobo
Maria Isabel da Silva Fernandes Camacho Lobo
Fernando dos Anjos Duarte Cabral
Maria Inês Pita Teles de Meneses Castro

Conta registada sob o n.º 33
a M. Inês Castro

MILITANTES DO M.R.P.P. NA P.J.

Olhe que não, doutor...

Na edição do «DL» da última sexta-feira, 13, publicamos, sem comentários, no mais estrito respeito pela Lei uma carta do dr. António Pestana Garcia Pereira, advogado de três indivíduos (militantes do M.R.P.P.) a contas com a Justiça.

Nessa carta, que poderíamos ter deixado de publicar, pelos termos em que estava redigida, o patrono dos mrpp's pretendeu desmentir uma local inserta na nossa edição de 4 do corrente, e aponta duas «falsidades» na notícia: que dois dos detidos (duas jovens) não se encontram presas na Judiciária, e que não é verdade que um funcionário do tribunal tenha sido agredido pelos arguídos.

Vamos aos factos: as duas jovens em questão encontram-se (de facto) nas Mónicas, Cadeia Central de Lisboa, Secção Feminina, mas apenas por falta de espaço nos calabouços privativos da P. J. Estando à ordem do juiz de Instrução, pode-se e deve-se considerar que se encontram nos calabouços da Judiciária (embora não exactamente no edifício desta Polícia) onde aliás se encontra pelos mesmos motivos o outro arguído, terceiro militante do M. R. P. P., este do sexo masculino. O aumento de detenções e a exiguidade das instalações nos calabouços da P. J., obriga à utilização das Mónicas.

Segunda questão: é o próprio ofendido, Fernando Diamantino de Almeida Ramos, escriturário em serviço no 4.º Juízo de Instrução, quem declara ao «DL»: «quando por ordem do dr. juiz me dirigi à detida convidando-a a abandonar o gabinete do juiz — depois de ela ter desobedecido por três vezes à ordem que lhe dera para sair — a mesma atirou-se a mim aos socos. Apenas me acertou um, porque me esquivei dos outros. Antes, o advogado dela que estava presente, colocou-se ao lado da detida e deu-me um empurrão». Neste caso, o advogado era o dr. António Manuel Monteiro Cardoso, que posteriormente se queixa contra os funcionários daquele Juízo. Beneficiou, naturalmente, da benevolência do juiz já que o ocorrência poderia ter determinado a sua prisão.

O ARTIGO 254º

Na local que o dr. Garcia Pereira considera cheia de inexactidões, falsidades e provocações, diziamos que os três militantes do M. R. P. P. se recusavam identificar-se, não acatando assim as formalidades legais. Considera o advogado, a propósito, que se trata do «legítimo exercício do direito de resistência — constitucionalmente consagrado — contra uma prisão inteiramente brutal, ilegal e arbitrária (...)».

Não obstante, o advogado tem de conhecer o art.º 254.º do Código de Processo Penal: «O arguido será perguntado pelos seu nome, estado profissão, idade, naturalidade, filiação, última residencia, se já esteve alguma vez preso, quando e porquê, se foi ou não condenado e porquê. Será advertido de que a falta de resposta a estas perguntas o fará incorrer na pena de desobediência e a sua falsidade na pena de falsas declarações».

Vem a propósito recordar ao dr. Garcia Pereira que os presos inicialmente eram quatro, mas aconteceu que um deles se decidiu a cumprir com as formalidades legais, declinando a sua identidade ao juiz de Instrução logo que lhe foi pedida. Por isso foi libertado.

PORMENORES

Voltando à agressão ao escriturário do tribunal. «É falso que algum escriturário tenha sido agredido», diz o dr. Garcia Pereira. No «Luta Popular» — órgão central do M. R. P. P. — de 30 de Julho, o relato dos acontecimentos leva a supor o contrário: «(...) O juiz perfeitamente histérico, mandou-a retirar-se da sala. Perante a sua firme recusa, ordenou ao escrivão (um trotskista bem nosso conhecido) que, se necessário compulsivamente, a expulsasse da sala. Perante o facto da sua pequenez e manifesta incapacidade física quem ia saindo da sala era ele».

Em que ficamos?

Quanto às fontes de informação do «DL», postas em causa pelo dr. Garcia Pereira, aqui lhe dizemos que foram os próprios funcionários do tribunal a depor para o nosso jornal.

Finalmente, e ainda a propósito do *susto* que o escriturário do tribunal apanhou é oportuno transcrever, do «Luta Popular», este saboroso naco de prosa:

«(...) Entretanto, desmascarada a farsa, a nossa camarada decidiu sair pelo seu próprio pé, e perante o espantado e amedrontado escrivão de 3.ª, com a calma e a firmeza que é espanágio dos discípulos de Estaline».

M.P.L.A.: "disciplina"

O Governo angolano declarou à Reuter que sabotadores tinham roubado camiões e destruído «numerosas pontes». Foi também perturbada a produção industrial numa campanha destinada «a arruinar a economia».

O objectivo da campanha (segundo Rádio Luanda) seria o de «criar instabilidade entre as pessoas num desafio claro ao Governo e ao MPLA».

Um comunicado sobre a manobra «imperialista» acentuava que o Governo conhecia os problemas sociais criados pela consequência da guerra «Compreensão e disciplina — eis o que é necessário» — aconselha o comunicado.

CURSOS DE VERÃO
INSCRIÇÕES ABERTAS
cial
CENTRO DE LINGUAS
FRANCÊS — INGLÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS
PARA ESTRANGEIROS
AV. DA REPÚBLICA, 14
— TEL. 53 37 33

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses

Nacional

FIM-DE-SEMANA TRÁGICO

Dezanove mortos e centenas de feridos

Dezanove mortos e centenas de feridos, eis o balanço de quatro acidentes que se verificaram neste fim-de-semana: o choque de comboios na Estação da Amadora, o naufrágio do barco «Espírito Santo», transporte de passageiros e carga, nos Açores, o desabamento da Praça de Touros da Amareleja, Baixo Alentejo e a queda de um automóvel no rio Douro.

Esta manhã realizou-se o funeral de uma das vítimas do desastre da Amadora, José dos Santos, de 60 anos, natural de Torres Vedras, cujo corpo segue para esta vila às 12 horas. Em contacto com o Instituto de Medicina Legal, fomos informados que ainda hoje se deverá saber a que horas seguirá para Beja o corpo de José Furtado dos Santos, outra vítima mortal do acidente.

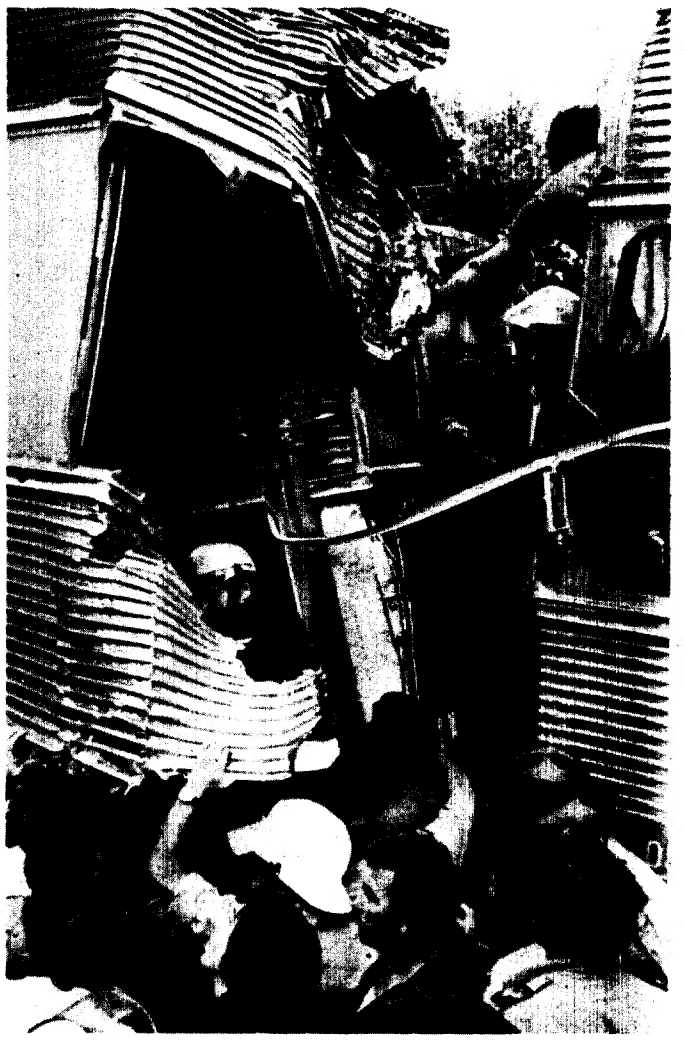
Em relação aos feridos, apenas dois tiveram alta do Hospital de S. José, Manuel Nobre e Zulmira Alves, enquanto, segundo informações, os restantes se manterão ali por algum tempo, dado que se trata de fracturas.

As circunstâncias em que se deu o acidente estão a ser alvo de um inquérito por uma comissão nomeada, de que fazem parte os eng.ºs Carlos Reis (presidente), Pitacas Leonardo, J. Acúrcio, Asdrúbal de Jesus, e o inspector regional de tracção, Lourenço Martins da Silva.

Ao ordenar «um rigoroso inquérito», o Ministério dos Transportes e Comunicações convocou a Comissão Administrativa da C.P., para lhes comunicar que o inquérito não se destina apenas «ao apuramento de responsabilidades mas, fundamentalmente, a permitir desencadear, o mais rapidamente possível, as acções de carácter preventido necessárias», atendendo «à frequência com que ultimamente se têm verificado acidentes ferroviários de graves consequências».

Entretanto, a administração da C.P. enviou condolências às famílias dos mortos, comprometeu-se tal como lhe competia, a pagar as despesas dos funerais e dos internamentos, que ainda se elevam a mais de 15 pessoas.

«Vivamente emocionado. Trágico acidente que enlutou vossa família, queira aceitar testemunho meu profundo pesar» — foi o texto do telegrama enviado à família dos mortos, pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares. O Primeiro-Ministro enviou, ainda, um telegrama de condolências ao comandante do Regimento de Comandos da Amadora, manifestando o seu pesar pela morte do furriel António Alberto Faria, também vítima do acidente.



O choque de comboios na Amadora foi a primeira grande tragédia deste fim-de-semana. Foi esta manhã a enterrar uma das vítimas

CAI A PRAÇA

Ainda a opinião pública não se tinha refeito do desastre da Amadora, e eis que surge a notícia: desabou a Praça de Touros da Amareleja, Baixo Alentejo, quando lá se encontravam perto de três mil pessoas para assistir à corrida programada para a tarde de sábado.

Três mortos e cerca de 400 feridos foi o resultado do desabamento da praça de touros. Ainda estão por apurar as causas do desastre. Mau estado dos materiais? Deficiente montagem da praça? Recordamos que, segundo declarou um trabalhador à TV, a montagem da praça se fez em menos de dois dias. Sabotagem? Esta parece ser, no entanto, a hipótese mais remota.

Lidava-se o primeiro touro, quando ocorreu o acidente. Os espectadores fugiram em debandada, indo alguns deles parar ao redondel. O touro, que ainda ali se encontrava, foi logo abatido por um elemento da G.N.R. Centnas de pessoas começaram a sair do local do acidente com escoriações mais ou menos graves. Ao princípio, pensou-se que o número de mortos seria muito superior.

Os hospitais os bombeiros e carros particulares daquela região, estiveram mobilizados durante toda a tarde e noite para o transporte de feridos.

Pelo hospital de Moura passaram, na tarde e noite de sábado, perto de duas centenas de pessoas. Internados, ainda ali estão oito pessoas. No hospital de Beja foram socorridos perto de cem sinistrados. «Ainda ontem e hoje continuam aqui a chegar pessoas para receber tratamento. Enquanto estiveram «quentes» não sentiram dores, mas agora tiveram que receber tratamento» — afirmaram-nos do hospital de Beja, onde ainda se mantêm internadas trinta pessoas, das quais duas em estado muito grave.

É, precisamente, nestes dois hospitais, Moura e Beja, que vieram a falecer as três vítimas do desastre. O corpo de Manuel das Neves Valente, trabalhador rural, natural e residente na Amareleja, encontra-se depositado na casa mortuária do Hospital de Moura, enquanto António Candeias de 65 anos, trabalhador rural, também natural da Amareleja, e José Jacinto Martins Caldeira de 11 anos, residente em Safara, estão na casa mortuária do Hospital de Beja.

Os hospitais de Évora, Mourão e Reguengos, também receberam feridos. No Hospital de S.José deram entrada seis dos feridos de maior gravidade. Trata-se de Osvaldo Lourenço Martins, de 12 anos, Francisco Caeiro Hermenegildo, 50 anos, Martins Xacarias, 38, Josè Martins Quintiliano, 73, Alberto Patrício Banha, 9 anos e Francisco António Ferreira da mesma idade.

Mal foi conhecido o desastre, grupos de trabalhadores dirigiram-se aos diferentes hospitais, oferecendo-se para dar sangue. Tmabém a Comissão Distrital de Beja do P.C.P. emitiu um comunicado, apelando para a solidariedade de todos os trabalhadores antifascistas «no sentido de criar um vasto movimento de solidariedade para socorrer, principalmente, os familiares de todos os amigos que faleceram».

NOS AÇORES O BARCO AFUNDOU-SE

PONTA DELGADA, 16 — Oito mortos e treze feridos, nove dos quais continuam internados no Hospital de Velas, é o balanço do naufrágio do Espírito Santo», pequeno barco de transporte de passageiros e carga, ontem ocorrido entre as ilhas do arquipélago e que começou a meter água quando se afastava de S.Jorge rumo ao Pico.

O comandante Correia dos Santos, capitão do porto de Angra do Heroísmo, encarregado de elaborar o inquérito às causas do acidente, ouviu a tripulação do «Espírito Santo».

Apesar de ainda não serem conhecidos os resultados desse inquérito, um informador da ANOP disse que tudo parece levar a crer que o motivo do sinistro terá sido a má distribuição do ferro que o navio transportava.

Ainda não é conhecido o número de passageiros que viajavam no navio quando se deu o naufrágio.

Eis os nomes dos oito passageiros e tripulantes que morreram no naufrágio do «Espírito Santo».

Manuel Inácio d3 56 anos, maquinista do navio; António Machado Ribeiro, de 70 anos, casado, natural da Ribeira Seca; Maria de Lurdes, de 56 anos, viúva, natural da Ribeirao Seca; Maria de Fátima Afonso Matias, de 26 anos, casada, natural da Ribeira Seca; Ana de Fátima Bettencourt da Costa, 16 anos, natural da Ribeira Seca; Maria Glória Veríssimo, de 56 anos, natural de Toupo; Maria Mandes de Bettencourt, 63 anos, viúva; Manuel José da Silveira Junior, de 81 anos, natural da Bandeira do Pico; Seguiram já, em lanchas, para as terras das suas naturalidades os corpos das oito vítimas.

AUTOMÓVEL CAI AO DOURO — TRÊS MORTOS E DOIS FERIDOS

PORTO, 16 — Ontem de madrugada, cerca das 4 horas, despenhou-se no rio Douro, ao passar no cais das Pedras, local bastante perigoso, um automóvel que se dirigia desta cidade para a foz do Douro e que era conduzido pelo sr. António Carlos Queirós, solteiro, vendedor, da Quinta de Santo António Feamunde (Paços de Ferreira). Seguiam no veículo Gione Walter, de 25 anos, solteiro, de Roma (Itália), uma senhora de nome Maria Fernanda, António Pedro Moreira Gomes de Magalhães, de 21 anos, solteiro, estudante, da Rua D. Afonso Henriques, 198, Areosa (Porto) e D. Ana Emília Magalhães de Sousa, de 25 anos, solteira, professora, da rua da Boavista. Compareceram no local, pouco depois do acidente, o batalhão de Sapadores de Bombeiros e os Voluntários do Porto. O veículo foi, depois, retirado do rio, com o auxílio de um «trifor», pelos Sapadores Bombeiros.

O condutor Gione e a Maria Fernanda encontravam-se no interior do carro, já sem vida. Os dois outros ocupantes foram conduzidos ao hospital de Santo António, tendo sido mais tarde transferida para a casa de saúde da avenida a sra. D. Ana Emília, que hoje será radiografada pois suspeita-se que tenha várias fracturas. Quanto ao António Pedro, o seu estado não é grave e foi transferido esta manhã para os serviços de ortopedia do Hospital de Rodrigues Semide.

Levou liamba à cadeia

Uma manifestação de ternura «mal interpretada» pela Polícia, levou à detenção de uma jovem que visitava o namorado, preso na Polícia Judiciária.

Nas roupas que lhe levou à cadeia, a Ana Maria tinha cosido um pacotinho com 100 gramas de liamba.

NA RUA DOS BUFOS

Entretanto na Moita, R. dos Bufos, 20 a PJ apreendeu uma lata onde ferminavam quatro pés de liamba. A erva fora plantada por um menor de 15 anos. Os pais declararam ter-se apercebido da espécie da planta pelas fotografias de liamba nos órgãos da Informação.

NA DA MAIA

Por último, na Damaia, no Jardim do Largo dos Lusíadas, foi detectada uma «plantação» de liamba que vinha sendo cuidadosamente tratada, com rega a horas certas, por menores das proximidades não identificados (por enquanto).

Exercícios na área de Santa Margarida

A Força Aérea informa as popualções da zona do campo militar de Santa Margarida em especial e a o pulação en geral, que se vão realizar naquela área exercícios de fogos reais em que participam aviões, helicópteros e tropas pára-quedistas, nos dias 17, 18, 19 e 20 de Agosto de 1976.

3 GRANDES VIAGENS

EGIPTO civilização milenária
CAIRO·LUXOR·ASSUÃO·VALE REIS
partidas 20/5·8/7·10/8·8/9

TERRA SANTA
TEL AVIV·JERUSALEM
GALILEIA·TEBERÍADES
partidas 13/6·1/8·3/10

ATENAS
UMA SEMANA NA CIDADE & HISTÓRICA
visitas incluídas
partidas 2/5·6/6·4/7·1/8·5/9

PREÇOS REDUZIDOS
PEÇA-NOS O seu PROGRAMA
Europeia

PRÉDIO URBANO

Organismo oficial aceita propostas de venda de imóvel sito em Lisboa, para escritórios, em local central, servido de transportes públicos, com estacionamento (garagem) privativo, em adiantada fase de acabamentos, com área útil coberta de aproximadamente 7000 m2 (total). Assunto urgente.

Resposta ao Apartado n.º 2075.

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

AOS TRABALHADORES DA METALURGIA E METALOMECÂNICA DE TODO O PAIS

CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL

ENVIADA ÀS ASSOCIAÇÕES PATRONAIS A PROPOSTA DE REVISÃO DA PORTARIA DE 30 DE AGOSTO DE 1975

1 Como é do conhecimento geral têm prosseguido as negociações do CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL, estando praticamente negociado o Clausulado não abrangido pela Portaria de 30 de Agosto de 1975.

2 Entretanto a PROPOSTA PARA REVISÃO DA PORTARIA de 30 de Agosto de 1975 foi já enviada às seguintes Associações Patronais: Associação dos Industriais do Minho, Associação dos Industriais Metalúrgicos e Matalomecânicos do Norte, Associação dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Sul, Associação das Indústrias Navais, Associação Nacional dos Industriais de Arame e seus Derivados, Associação do Ramo Automóvel do Norte, Associação dos Reparadores de Automóvel do Sul, Associação dos Industriais de Montagem de Automóvel, Associação Nacional dos Industriais de Cutelaria, Associação Industrial e Comercial do Funchal; Associação dos Industriais da Construção da Madeira (ASSICOM)

A PROPOSTA apresentada resulta do debate, da discussão, da participação activa e criadora dos trabalhadores da metalurgia e metalomecânica em centenas de reuniões, plenários e assembleias realizadas de norte a sul de Portugal.

3 É uma PROPOSTA realista como é hábito dos trabalhadores da metalurgia e metalomecânica. Nem os patrões nem o Governo poderão honestamente negá-lo.

4 A defesa da PROPOSTA agora apresentada é uma tarefa de todos nós. Seja qual for o nosso local de trabalho, a nossa profissão, a nossa maneira de pensar, temos que estar unidos e firmes, temos que cerrar fileiras e avançar para a luta, se necessário, em defesa dos nossos direitos e interesses.

5 A COMISSÃO SINDICAL DE NEGOCIAÇÕES, ao mesmo tempo que exige do Ministério do Trabalho uma clara tomada de posição — preto no branco — quanto às Associações Patronais que têm faltado às negociações (Cutelarias e Automóveis), saúda os trabalhadores da metalurgia e metalomecânica de todo o País certa de que, amanhã como ontem, saberemos unidos exigir, trabalhar, lutar e vencer!

UM SÓ PAÍS! UM SÓ CONTRATO! UMA SÓ LUTA! CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL!

A LUTA CONTINUA UNIDOS VENCEREMOS!

A COMISSÃO SINDICAL DE NEGOCIAÇÕES

12 de Agosto de 1975

Nacional

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS

"Que produzir, para quem, com quem e como?"

«A apresentação do programa do primeiro Governo Constitucional, cujo Primeiro-Ministro já antes contactara sindicatos como forças sociais fundamentais, obriga a que o Movimento Sindical tenha de definir a sua posição perante a orientação porque irá nortear-se o actual Governo. Qual, pois, a posição a seguir?» — eis como «Novo Gráfico», periódico do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes, se interroga num breve artigo intitulado «Que neutralidade sindical?»

A resposta começa pelo seguinte parágrafo:

. «Naturalmente que será a da abertura para discussão das conquistas das massas laboriosas. No que respeita ao nosso Sindicato, isto é para lá dos problemas que interessam directamente todos os outros trabalhadores, como a contestação do Decreto 530/76 e toda uma série de leis antioperárias, existem algumas questões em aberto como contratações colectivas, previdência, controlo operário, etc. A resposta a todas estas questões deverá servir de critério de avaliação da política governamental, perante os legítimos interesses dos trabalhadores gráficos.»

. Acentua-se seguidamente que «parece evidente que será na perspectiva daquilo que o Primeiro-Ministro descreveu como «Governo formado por socialistas para todos os trabalhadores portugueses» que devem inscrever-se os legítimos interesses dos trabalhadores gráficos (quer os dos jornais estatizados, quer os das casas de obras, cooperativas, empresas em autogestão etc). É que, em termos de democracia económica, os trabalhadores pensam que a questão da forma e de conteúdo é realmente uma questão importante.»

OS RELATÓRIOS

«Assim (continua o «Novo Gráfico»), à luz das considerações precedentes, não compreendemos, por exemplo (nem mesmo tendo em conta paradoxos e contradições inevitáveis do momento presente), que paralelamente às solicitações ao movimento sindical como força social importante, quando o Primeiro-Ministro pretende contactar sindicatos e com eles achar uma plataforma conjunta de «reconstrução de um Portugal novo», quando se pede aos trabalhadores deste País mais produtividade como se eles fossem na sua generalidade **calões**, surge o Relatório do 25 de Novembro (que pela lógica teria que aparecer à luz do dia só após a saída dos Relatórios do 28 de Setembro e do 11 de Março), elaborado de forma subjectiva e superficial, acusando alguns sindicatos (e o nosso não foge à regra) de mobilizarem trabalhadores para os respectivos organismos e ainda acusando outros de terem distribuído armas como se os sindicatos fossem armazéns de armamento.»

. E pormenorizando esse aspecto lê-se no artigo em questão:

. «Temos também o caso do jornal «A Luta» que após logo o 25 de Novembro, apontava alguns directores do nosso Sindicato como tendo andado por algumas empresas (quais?) a distribuir armas (que armas?). Como se para os trabalhadores a única arma eficaz não fosse a sua força de trabalho e a greve, quando é caso disso. Um ponto nos parece de primordial importância: por um lado o Governo, por intermédio do seu Primeiro-Ministro, quer chegar a um entendimento com os sindicatos e exorta os trabalhadores a maior produtividade; por outro lado, surge o Relatório do 25 de Novembro (...) contra os sindicatos e organismos de base. E cabe perguntar: não compete aos sindicatos alertar os trabalhadores para perigos que considerem iminentes? Isto só pode parecer estranho para quem dos sindicatos tenha uma ideia puramente economicista, reformista ou trade-unionista. Que diria essa gente se o Sindicato dos Trabalhadores Gráficos vier a tomar posição firme contra os jornais reaccionários e fascistas que estão a dar cobertura ideológica à reacção e apontar a dedo os alvos dos ataques bombistas e do banditismo fascista?»

. E reforçando essa ordem de ideias:

«Ora toda a legislação antioperária e inconstitucional aprovada pelo VI Governo Provisório e a abertura à direita após o 25 de Novembro, o assalto aos órgãos de Informação a coberto do «pluralismo», vieram confirmar a justeza das posições e das atitudes de alguns sindicatos nessa emergência, que visavam, ao fim e ao cabo, a salvaguarda das conquistas fundamentais do 25 de Abril. Atente-se, aliás, no seguinte pormenor: ninguém poderá negar que os autores do golpe de Spínola e da sua manifestação «silenciosa» anterior teriam acusado os sindicatos e exercido sobre eles a sua repressão neofascista se tivessem tido êxito. Possivelmente tais acusações seriam até expressas em forma de relatório «meticulosamente» elaborado...»

. «Concretizando: é preciso dizer de novo que independência sindical não pode significar neutralidade em tudo que se relacione com os direitos dos trabalhadores, com a política económica e social de um Governo. Questão essencial é agir como sindicato. E o papel dos sindicatos em todas as circunstâncias e em todos os regimes consiste exactamente na defesa dos interesses dos trabalhadores, sendo que a unidade destes se faz primordialmente na base de interesses concretos comuns a elementos de vários agrupamentos políticos. Há que distinguir entre a vocação para **governar** de alguns partidos e a vocação para **contestar e reivindicar** dos sindicatos a partir das posições de classe dos trabalhadores. É evidente que esta opção não exclui a adesão e a participação a um projecto governamental que não actue em função de uma maioria aritmética ambígua, mas sim do seu carácter popular. Por isso mesmo repetimos que, entre as contradições e as dificuldades da fase actual do processo democrático, o mais importante não são as formas, mas o conteúdo. Temos consciência da importância vital da produtividade, mas não se trata para nós, trabalhadores, de um produtivismo capitalista na base da intensificação do trabalho segundo as concepções de ilustres e académicos economistas de trazer por casa. As questões que se põem são deste tipo: **que produzir, para quem, com quem, e como?»**

Falsas senhas de gasolina

A Secretaria de Estado de Emigração, a propósito da venda de senhas falsas de gasolina e da especulação sobre divisas junto dos emigrantes, emitiu a seguinte nota oficiosa:

. «É já do conhecimento público que o Governo tem em fase adiantada de estudo um novo sistema que permitirá a aquisição em Portugal, por emigrantes e turistas, de gasolina mais barata.

Contudo, tal sistema ainda não se encontra em vigor nem foram tornadas públicas em definitivo as formas através das quais os interessados poderão usufruir tal benefício.

A Secretaria de Estado da Emigração foi porém informada de alguns casos de venda de senhas falsas que, não tendo circulação autorizada por qualquer departamento governamental, não conferem nenhum direito a quem as possuir.

Assim, alertam-se todos os trabalhadores emigrantes para não adquirirem tais senhas aos indivíduos sem escrúpulos que, através delas, lhes estão a extorquir dinheiro.

Também chegou ao conhecimento desta Secretaria de Estado que, principalmente no Norte do País e na área próxima das fronteiras especuladores têm abordado insistentemente os emigrantes com o objectivo de lhes adquirirem divisas estrangeiras.

Esta atitude, para além de traduzir uma duvidosa formação de quem a pratica é manifestamente contrária às disposições legais em vigor, lesiva da actividade bancária nacional e eventualmente dos interesses dos próprios emigrantes.

A Secretaria de Estado da Emigração vem dirigir-se aos emigrantes solicitando a máxima colaboração no sentido de apenas efectuarem vendas de divisas estrangeiras através das instituições de crédito por forma a evitar as referidas ilegalidades.»

Colocação dos trabalhadores do "J.C."

. «Até ao aparecimento de um plano concreto de colocação dos trabalhadores», a Comissão de Trabalhadores do «Jornal do Comércio» afirma estar decidida a não permitir a sua suspensão.

«Não consentiremos — afirma-se num comunicado — que o Governo, ao fechar o jornal por causas políticas, nos faça pagar o preço de uma política da Informação ao serviço dos exploradores e dos capitalistas».

Como já oportunamente foi noticiado, a suspensão do «Jornal do Comércio» e a sua integração como suplemento económico-financeiro na empresa que publica o «Diário de Notícias» e «A Capital» está prevista num despacho do ministro da Comunicação Social do VI Governo Provisório.

Nacional

Os sucessivos plenários e encontros da CAP apontam agora um caminho: atirar maçãs para o meio da rua

A C.A.P. ameaça "despejar maçãs no meio da estrada"

ALCOBAÇA, 16 — Cerca de 200 fruticultores convocados pela Confederação dos Agricultores de Portugal reuniram-se no sábado, nesta vila, para debaterem problemas relacionados com as dificuldades de colocação de maçã. A produção deste fruto é excedentária, apesar da intensa estiagem, e os fruticultores presentes no encontro defenderam o recenseamento imediato dos pomares e a garantia de que a Junta Nacional das Frutas receberá as 60 mil toneladas de maçãs que não poderão ser comercializadas pelos circuitos normais.

Foram ainda defendidas outras teses, nomeadamente no que se refere à fixação de preços de intervenção que, no entender dos presentes, deverá ser «tabelado» entre 2$50 e 6$00 para as maçãs «golden». Da lista das propostas apresentadas, consta, ainda, a concessão de crédito para as despesas de colheita e de comercialisação; a atribuição de subsídios de exportação, a suspensão do plantio de pomares das variedades «golden» e vermelhas; a formação de um grupo de trabalho integrado por técnicos da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e o estudo das possibilidades da obtenção de produtos originários de maçã, com vista à criação de outros canais de consumo.

De acordo com as afirmações de José Manuel Casqueiro, secretário-geral da CAP, teria sido apresentada ao Governo uma proposta de solução para os problemas apontados, devendo este pronunciar-se até 5 de Setembro. Sempre de acordo com Casqueiro, a não obter a CAP uma resposta favorável até essa data, serão criadas comissões para a recolha da fruta que será despejada «no meio das estradas do País».

Encontradas munições em Viana do Castelo

. VIANA DO CASTELO, 16 — Um grupo de jovens que nadavam junto do cais do salva-vidas, encontrou, no fundo da ria, grande quantidade de balas de «G-3».

Segundo nos informaram, tudo leva a crer que o achado se relacione com as recentes prisões de terroristas e bombistas. Assim, com o desmantelamento da rede e sentindo-se inseguros, os possuidores daquele material apressaram-se a deitar fora as balas comprometedoras.

. Um contacto estabelecido ao fim da manhã de hoje com a Capitania de Viana do Cestelo, vem confirmar o aparecimento das referidas munições, em número de 17, todas elas prórias para «g-3».

O comandante da Capitania disse-nos, a rpopósito, que na sua maioria as balas estavam deterioradas, levando as autoridades a supôr que foram lançadas ao rio há já muito tempo.

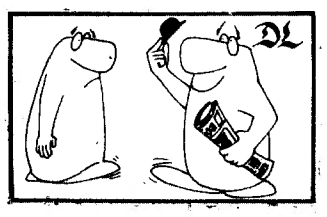
NO PERÍMETRO DA LOUSÃ

Ao princípio da manhã os fogos estavam extintos

«Neste momento, todos os incêndidos estão extintos na região» — afirmou-nos ao princípio da manhã um elemento dos Serviços Florestais da Lousã.

O perímetro florestal da Lousã continua a ser uma das zonas mais martirizadas pelos fogos de Verão, que muitos suspeitam de origem criminosa. E o facto de agora, como nos disseram dos Serviços Florestais, não haver nenhum incêndio, não significa que ao longo do dia, as chamas não voltem a irromper naquela área, destruindo milhares de eucaliptos.

Ainda ontem na povoção de Avô (a 10 km de Arganil) se registou um incêndio que consumiu cerca de cem hectares de floresta. Dentro do mesmo perímetro, perto de Pampilhosa da Serra, na região do Carvoeiro, eclodia um outro incêndio, tendo os bombeiros estabelecido um cordão protector à volta das aldeias que nada sofreram. Também no concelho do Fundão, as chamas estenderam-se por uma área de 30 hectares. Só ao fim da noite de ontem o incêndio foi extinto.



Dois membros do Governo no Porto

PORTO, 16 — No último fim-de-semana deslocaram-se ao Porto, em visita de trabalho, o ministro dos Assuntos Sociais, dr. Armando Bacelar e o secretário de Estado dos Desportos, dr. Joaquim de Sousa. O primeiro tomou conhecimento directo de alguns problemas relacionados com o seu Ministério. Assim, no sábado, o dr. Armando Bacelar reuniu com os elementos da Comissão de Gestão da Santa Casa da Misericórdia do Porto e visitou alguns estabelecimentos administrados por aquela Misericórdia. Abordado pelos jornalistas, o ministro referiu que entre os assuntos prioritários do seu Ministério, se contam as redes de infantários e de creches e casas para a terceira idade.

Durante o dia de ontem, o dr. Armando Bacelar, visitou o Albergue Distrital de Mendicidade onde se projecta a criação de um centro para a terceira idade; O Centro de Reabilitação da Areosa, que mereceu algumas críticas do ministro, dado que está transformado num centro de marginais e que terá de ser recuperado para os fins para que foi criado; o Instituro de Juventude de Campanhã e, por fim, o Sanatório Marítimo do Norte, em Gaia, que se espera venha a ser integrado nos estabelecimentos dependentes do Governo.

Por seu lado, o secretário de Estado dos Desportos visitou as instalações desportivas do Vasco da Gama, do Leixões e do Caminhense. O dr. Joaquim de Sousa adiantou aos representantes dos ógãos de Informação que esta visita ao Norte visava o levantamento da situação do despoto nortenho, e que, em Outubro se deslocará de novo ao Porto, onde permanecerá cerca de 15 dias, para estudar mais detalhadamente aqueles problemas.

Roménia oferece livros à Universidade do Minho

O embaixador romeno, Marin Liiescu, fez entrega hoje, ao fim da manhã, em Braga, numa curta cerimónia, a entrega simbólica de cerca de mil volumes, abrangendo vários sectores das Artes e Ciências, à Universidade do Minho.

Os livros, uma parte em romeno e os restantes traduzidos em francès e em inglês, deverão ser entregues, na sua totalidade ainda no decorrer deste mês.

Serviço Telefónico Automático Internacional

LISBOA
já pode ligar directamente para a
SUIÇA

Os assinantes de Lisboa (TLP) cujos números telefónicos começam por 211, 219, 248, 251, 253, 276, 3 (excepto 31,33 e 38), 4, 5, 6, 7(excepto 70 e 749) e 8, a partir das 0 horas do dia 15/8, já podem falar **directamente** com a SUIÇA.
Basta marcar respeitando a ordem seguinte:

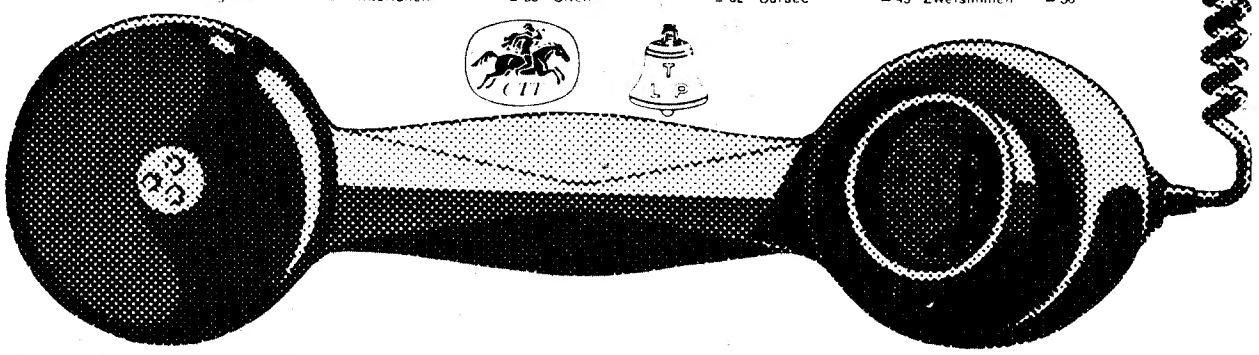
07 — Central Internacional
41 — Indicativo da Suiça
***** — Indicativo da zona
— Número do assinante pretendido

Exemplo: para falar para o nº 123456 de Berna, cujo indicativo de zona é o 31, marcar seguidamente: 07.41.31.123456.

Em caso de dificuldade, marque 17. Custo das conversações: 1$50 cada 3.5 segundos.

*** ZONAS:**

Aarau	– 64	Chaux-de-Fonds, La	– 39	Langenthal	– 63	Rapperswil (SG)	– 55	Thun	– 33
Aigle	– 25	Chur	– 81	Langnau im Emmental	– 35	St. Gallen	– 71	Vaduz FL	– 75
Altdorf (UR)	– 44	Davos	– 83	Lausanne	– 21	St. Moritz	– 82	Wattwil	– 74
Baden	– 56	Delémont	– 66	Locarno	– 93	Sargans	– 85	Weinfelden	– 72
Basel	– 61	Faido	– 94	Lugano	– 91	Schaffhausen	– 53	Wil (SG)	– 73
Bellinzona	– 92	Frauenfeld	– 54	Luzern	– 41	Scuol/Schuls	– 84	Winterthur	– 52
Bern	– 31	Fribourg	– 37	Martigny	– 26	Schwyz	– 43	Wohlen (AG)	– 57
Biel/Bienne	– 32	Geneve	– 22	Neuchâtel	– 38	Sion	– 27	Yverdon	– 24
Brig	– 28	Ilanz	– 86	Niederurnen	– 58	Solothurn	– 65	Zug	– 42
Bulle	– 29	Interlaken	– 36	Olten	– 62	Sursee	– 45	Zurich	– 1
Burgdorf	– 34							Zweisimmen	– 30



Trabalho

ENCONTRO NACIONAL EM COIMBRA

Para uma política de emigração os emigrantes exigem ser ouvidos

Reportagem de ANTÓNIO TADEU

Com a participação de cerca de uma centena de delegados de outras tantas associações de trabalhadores portugueses no estrangeiro, decorreu no sábado, em Coimbra, o Encontro Nacional sobre Problemas da Emigração, integrado na «Semana do Emigrante», uma iniciativa da Intersindical Nacional em estreita colaboração com as Uniões, Federações e Sindicatos.

O Encontro teve início pelas dez horas, no Edifício das Químicas da Universidade de Coimbra, e prolongou-se noite adiante, muito para lá da hora marcada para o seu encerramento, em resultado da larga participação registada e da vivacidade dos debates estabelecidos, com relevo para o plenário final. Foram apresentadas a este plenário, pelos redactores de cada um dos quatro grupos de trabalho que durante o dia se debruçaram sobre o texto-base elaborado pelo Departamento de Emigração da Intersindical, os acrescentamentos, alterações ou propostas de eliminação que a análise do documento suscitou.

O trabalho dos grupos — segundo nos afirmou um elemento da Intersindical foi extraordinariamente fértil e virá a enriquecer sobremaneira o documento definitivo a elaborar com base no primeiro, o qual foi aprovado na generalidade. Um capítulo será quase novo: o da saúde. Efectivamente, uma equipa de médicos psiquiatras apresentou um completo trabalho sobre a matéria, muito escassamente abordada no texto da Inter.

Enquanto o plenário de encerramento não começava, teve o repórter ocasião de presenciar o inédito encontro, no «hall» das Químicas, de portugueses que trabalham nos mais variados cantos do mundo. Encontro cordial entre os delegados das associações portuguesas em França e na Alemanha Federal (naturalmente em maior número), Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Suiça, Canadá, Estados Unidos e Venezuela. Gente de todas as idades trocava impressões acerca de problemas, alguns comuns, outros específicos de cada país. Ali se falou das dificuldades que a crise do capitalismo europeu cria aos emigrantes, cada vez mais discriminados, da cruel marginalização de que são vítimas nos E.U.A. os trabalhadores estrangeiros, das fortes tradições democráticas da colónia portuguesa na Venezuela, cujos problemas têm no entanto muitos pontos em comum com aqueles que afligem os emigrantes europeus.

POLÍTICA DE EMIGRAÇÃO: REPÚDIO AO CIME

«O documento final a sair deste Encontro Nacional deve ser objectivo, colocar factos, apontar soluções, pôr os problemas em concreto, ser realista. Ninguém assim o poderá acusar de partidário». Esta é uma afirmação contida numa das primeiras intervenções feitas no plenário de encerramento, de resposta evidente às recentes críticas levantadas pelo PPD e pelo PS à «Semana do Emigrante».

A mesa do plenário era constituída por representantes da Intersindical, União dos Sindicatos de Coimbra, Sindicato da Construção Civil de Lisboa, Federação dos Metalúrgicos, União dos Sindicatos de Aveiro, Sindicato dos Metalúrgicos do Porto e por dois emigrantes eleitos: um pela Europa (representava a Associação dos Emigrantes em França) e outro pelo resto do mundo (representava o Comité Democrático dos Portugueses dos E.U.A.).

Iniciada de imediato a leitura dos relatórios dos diversos Grupos de Trabalho, cedo se definiram os temas que maior interesse suscitavam entre participantes no Encontro. Assim, relativamente ao 1.º Grupo, encarregado de analisar a «Situação Actual da Emigração», foi sobre os acordos e a necessidade de definição de uma política de emigração que se registou maior número de intervenções. De um modo geral, elas foram no sentido de denunciar acordos de emigração elaborados sem prévia audição dos representantes dos emigrantes. Do mesmo modo, foi criticado aquilo que sobre a maioria está contido no Programa do Governo, onde existiriam «certas linhas positivas, sem todavia se indicarem os meios de as pôr em prática».

Outros delegados referiram-se com veemência ao mau funcionamento de consulados e embaixadas («onde nunca houve saneamentos»), à má informação que, sobre Portugal, chega aos emigrantes pelos jornais estrangeiros e à deficiente recepção dos meios de comunicação portugueses. «Os emigrantes são vítimas de uma campanha de calúnias contra a nova ordem democrática» — sublinhou um dos intervenientes.

Os delegados aprovaram por unanimidade uma moção de repulsa pela abertura em Portugal de uma delegação do CIME (Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias), concordando em absoluto com o texto da Intersindical, no que respeita às implicações políticas negativas do acordo Portugal-CIME. Desde logo, porque se trata de um «organismo com pouca projecção internacional, de que não fazem parte muitos países de imigração (por exemplo a França, e cujo único membro africano é a África do Sul):

Foi sublinhado que, da instalação do CIME em Portugal, poderão resultar riscos bastante graves. São apontados, entre eles: «instrumentalização política de emigrantes colocados, os quais poderão vir a estar inseridos em zonas tampão, politicamente difíceis e sensíveis (exemplos, a Amazónia, Bolívia, etc)»; êxodo de técnicos e de operários qualificados portugueses, tanto mais que as multinacionais publicam anúncios pedindo mão de obra especializada, de preferência portugueses regressados de Angola e Moçambique. É apontada como concludente a «experiência negativa do envio de emigrantes portugueses para o Irão», os quais em grande parte tiveram de regressar, dadas as péssimas condições de trabalho, falta de cumprimento das cláusulas contratuais sobre salários e alojamentos.

Ainda no respeitante aos acordos de emigração, denunciados como tendo sido «elaborados nas costas dos emigrantes», os delegados acrescentaram propostas de pormenor que serão tomadas em devida conta no documento final e cuja referência não cabe nos limites desta reportagem. Tais propostas incidem sobretudo nos campos da educação e dos transportes. Quanto aos últimos fixámos este depoimento dramático:

«Não há palavras para descrever a maneira como somos transportados nos comboios daqui para Paris e de Paris para aqui. Dezenas de crianças deitadas nos corredores. As retretes sem água. No Inverno, muitas vezes sem aquecimento, crianças gritam de frio, sobretudo durante o trajecto por Espanha, feito normalmente de noite».

«Encontro de ideias, encontro de anseios, encontro de trabalhadores»

CONTRA A DIREITA PELA INTERSINDICAL

Outros pontos incluídos no âmbito dos trabalhos do primeiro Grupo eram «a crise do capitalismo e as suas consequências sobre a emigração» e a «situação económica actual em Portugal». No tocante ao primeiro, vários foram os exemplos concretos apontados como prova das campanhas lançadas nos países europeus a braços com problemas de desemprego, inflação e baixa de produção, contra a população imigrada, primeira vítima das dificuldades do capitalismo: restrições à emigração, programas de revalorização do trabalho manual, assimilação selectiva de imigrados, utilização de artimanhas mais ou menos legais para obrigar os imigrados a regressar ao país de origem, «exportando assim a crise e o desemprego para os países de emigração». No que toca a esta matéria, o documento apresentado pela Intersindical preconiza a necessidade de «quebrar a dependência quase total de Portugal e outros países exportadores de mão-de-obra em relação aos países capitalistas desenvolvidos, importadores de mão-de-obra».

Quanto à situação económica portuguesa, o texto-base caracteriza-a com base nos seguintes dados, entre outros: desemprego atingindo cerca de dez por cento da população, em resultado da sabotagem económica dos imperialistas estrangeiros e dos capitalistas portugueses; afluxo de retornados (provocado pelas manobras imperialistas e colonialistas), dos quais 50 por cento tinham uma profissão; avanço das forças de direita e tentativa de recuperação capitalista; regresso de antigos patrões a empresas com intervenção do Estado; agravamento do custo de vida e lançamento de medidas de austeridade que acarretam diminuição da produção e dificultam ainda mais a situação das pequenas e médias empresas; nomeação de dirigentes ligados ao grande capital como administradores de bancos nacionalizados; tentativas de fazer pagar à classe operária e aos trabalhadores portugueses os efeitos da crise económica.

Durante o debate sobre a situação em Portugal, foi apresentada uma moção de repúdio pelas manobras que ultimamente se têm avolumado contra a Intersindical, Central Única dos Trabalhadores. Considerando essas manobras como inseridas no avanço das forças da direita, a moção, cuja leitura foi recebida com aplausos, seria aprovada por unânimidade e aclamação.

POUPANÇAS E DESERTORES

No tocante às poupanças dos emigrantes foi defendida, conforme preconizava aliás o texto da Inter, a abolição de qualquer taxa de transferência nas remessas dos emigrantes. Por outro lado, e atendendo a que, «dum ano para o outro, o emigrante vê a sua aldeia manter a sua imagem de pobreza e a sua região continuar económica e socialmente nas difíceis condições que o levaram a emigrar», foi referida a necessidade de que as «remessas sejam aplicadas em projectos de desenvolvimento das re-

Continua na pág. 9

O Encontro reuniu representantes de cerca de uma centena de associações de emigrantes portugueses

Uma história de pasmar

Provas desportivas, espectáculos de teatro e musicais, exibição de ranchos folclóricos, zés-pereiras», despertaram neste fim-de-semana a cidade de Coimbra da sua sonolência de Agosto-férias, dormitada à beira de um Mondego nada «deleitoso», antes seco e sujo neste Verão sem água, por vezes nem para o banho. O encerramento da «Semana do Emigrante» aconteceu um pouco por toda a cidade, desde o Estádio Municipal até ao Choupalinho.

Demos no entanto maior atenção ao **Mercado do Povo**, realizado no Parque, à beira-rio, onde dezenas de cooperativas agrícolas e outras, sobretudo da indústria têxtil da região, mostravam e vendiam os seus produtos. Pormenor mais a saltar aos olhos: a metros de distância, a Cooperativa Seara Vermelha, de Alvalade-Sado, e a Cooperativa Agrícola de Barcouço. A primeira, toda a opulência da Reforma Agrária, em três camiões portentosamente carregados de um sem-número de produtos da terra. A segunda, verdadeira figuração de uma luta tenaz e difícil para impor no Norte formas socialistas de produção, com uma carrinha Citroen atravancada de pêras, batatas, ovos, aguardente de figo.

Falámos com um homem de Barcouço.

— «Dificuldadez?

— «Este ano, isto foi mau por causa da seca. Produzimos menos do que podíamos. Mas temos tudo colocado, o que já não é mau. E não vendemos a um intermediário sequer. Só a comissões de moradores, de trabalhadores, de aldeia e a colectividades populares. A reacção local é que nunca mais nos larga. Agora até andam a dizer que roubámos o tractor».

O tractor em causa foi oferecido há tempos pela Lisnave. É de pasmar!

Trabalho

Continuação da pág. 8

giões de mais forte emigração».

Quanto a outro dos pontos em debate pelo primeiro Grupo de trabalho — problemas militares dos emigrantes — levantaram-se protestos contra o decreto de 1 de Julho deste ano, que estabelece uma taxa anual de 600 escudos a pagar por desertores e refractários ao exército colonial. Sobre este ponto pode ler-se no documento-base: «Assim, os jovens portugueses que recusaram a guerra que os Capitães de Abril condenaram e terminaram com honra para Portugal, são excluídos da satisfação nacional pelo fim da guerra e obrigados a pagar uma espécie de multa contra ela».

TRABALHO, HABITAÇÃO, SAÚDE

Necessàriamente mais breves, porque mais delimitados os temas que foram analisados pelos restantes Grupos de trabalho, registaram-se, ainda assim, muitas e interessantes intervenções, sobretudo à volta do relatório do Grupo n.º 2, que se debruçou sobre as, «condições de vida e de trabalho dos emigrantes». Aspectos ligados aos contratos de trabalho, às condições em que ele é prestado, habitação, formação profissional, segurança social, família e estadia, mereceram vigorosa denúncia. Foram relatados casos de flagrante discriminação no trabalho e na vida social. A construção de «foyers», em França, com dinheiro dos emigrantes, «foyers» onde chegam a viver seis operários no mesmo quarto, e a política repressiva seguida para tais «casernas» tiveram vivo repúdio. «É preciso que nos unâmos na luta por formas democráticas de vida nas casernas, onde não podemos receber visitas, nem sequer temos direito de reunião» — defendeu o delegado de uma associação portuguesa de Paris.

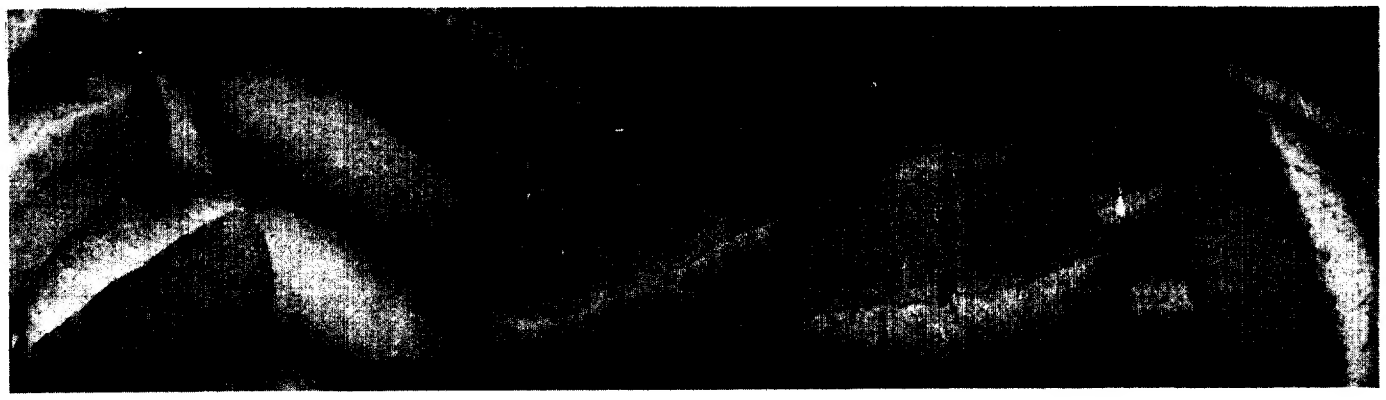
No decorrer do debate do relatório apresentado pelo segundo Grupo é que foram referidos também resultados já alcançados por uma equipa de médicos portugueses e franceses em matéria de assistência psiquiátrica, apontada esta, por um psiquiatra presente, como a mais urgente, dados os problemas específicos com que se debatem os trabalhadores em terra estranha. Foi proposto o alargamento da experiência desenvolvida em França a outros países, para o que será necessário a colaboração de órgãos do Governo.

«CONTRIBUTOS VÁLIDOS»

Era já noite adiantada, quando foram apresentados e discutidos os relatórios dos terceiro e quarto Grupos, que abordaram temas ligados aos direitos e liberdades dos emigrantes e ao ensino e cultura. Temas mais pacíficos, talvez por isso, talvez pelo cansaço que já se instalava, as intervenções foram mais reduzidas e o texto da Intersindical, aprovado na generalidade, teve aqui menos acrescentes e sugestões, até porque ele é uma explanação de conceitos gerais, com menor incidência, aqui, nos problemas que no dia-a-dia o emigrante tem de defrontar.

Terminado o Encontro Nacional, ouvimos Álvaro Rana, do Secretariado da Intersindical: «Tive ocasião de percorrer as salas onde funcionaram os Grupos de Trabalho. Os trabalhos, em todas elas, decorreram com extraordinária participação. Ressalto, das conclusões, aquelas que se referem ao fim da discriminação de que os emigrantes são vítimas sob todos os aspectos: direitos cívicos, liberdade sindical, educação e saúde. Um ponto me pareceu sobretudo importante: a defesa da responsabilização dos países acolhedores de mão-de-obra pela própria formação profissional dos emigrantes. Regressados eventualmente à Pátria com essa qualificação profissional, eles darão um contributo mais válido ao desenvolvimento do seu país de origem».

Ouvimos também um delegado (representante de uma associação de portugueses na Alemanha Federal): «Este Encontro decorreu muito bem. Melhor do que eu poderia esperar. Agora é preciso que o Governo tenha em conta o que será escrito no documento final que será elaborado. Sem isso, nada feito. Julgo também que encontros como este deviam ter todo o apoio do Governo e deviam ser realizados com maior frequência, tanto em Portugal como lá fora».



Se o preço do pão aumentar, será menos em muitas bocas. Quem está interessado nisso?

"Não" a aumentos de preço do pão

Trabalhadores da panificação querem negociações rápidas

. Enquanto os trabalhadores da panificação decidiram, em assemblia geral realizada ontem, exigir a conclusão das negociações do novo Contrato Colectivo de Trabalho do sector até ao dia 30 de Setembro, continuam a circular notícias sobre o possível aumento do preço do pão. No entanto, em contacto esta manhã com o gabinete de Relações Públicas do Ministério do Comércio e Turismo, disseram-nos que não há conhecimento de qualquer informação sobre esse assunto, e que «muitas vezes são coisas que constam, mas não passam disso».

Não deixa de ser curioso, contudo, que numa altura em que as negociações de uma portaria a decorrerem no Ministério do Trabalho parecem apontar para uma solução que deverá conduzir à satisfação de algumas regalias dos trabalhadores da panificação, comecem a surgir notícias sobre os possíveis aumentos do preço do pão. Para os trabalhadores trata-se de uma manobra, até porque na primeira reunião que se efectuou no Ministério do Trabalho, não foi focado esse aspecto do problema nem pelos representantes do patronato. De qualquer modo, opõem-se a essa possibilidade.

Mas, segundo informa «A Luta» de sábado, o estudo que prevê este aumento do pão data de 1975 e estaria adormecido nas gavetas «por falta de coragem dos sucessivos Governos Provisórios». Aliás, este vespertino, no sabádo, dá com certa a subida nos preços do pão, indicando inclusivamente que a carcaça deverá passar de $60 para 1$00.

De acordo com informações que obtivemos junto do sindicato dos Trabalhadores da Panificação na reunião de negociação do CCT os representantes do patronato levataram a questão da taxa de panificação, que é um subsídio pago para cobrir as diferenças entre o custo do fabrico do pão e o seu preço de venda. Por esse facto, porque o aumento de tal taxa implicaria o aumento de encargos do Fundo de Compesnsação, poderia ser posta, a determinados níveis do Governo, a hipótese de ser aumentado o preço de venda.

Ainda no sábado, a Secretaria de Estado do Comércio Interno prestou sobre o assunto, a seguinte declaração oficial:

. «Esta Secretaria de Estado tem conhecimento das alterações das condições de custo de produção da indústria de panificação. Representantes seus têm acompanhado a evolução das negociações da contratação colectiva neste sector e estão presentes na Comissão Técnica constituída no âmbito do Ministério do Trabalho.

Paralelamente, está em funcionamento um gabinete técnico cuja finalidade será estabelecer as condições reais de custo e as hipóteses de racionalização das actividades de produção e de distribuição. Até a apresentação do relatório final deste Grupo de Trabalho será permatura qualquer previsão quantificada quanto à evolução próxima dos preços do pão».

RACIONALIZAR: CONTRA QUEM?

A questão da racionalização na panificação já ventilado há bastante tempo em certos sectores que se opõem ao aumento do preço do pão, parece deparar com sérias oposições que nos são referidas como de carácter monopolista.

Assim, surge por exemplo a possibilidade de se poder fazer diminuir os custos de produção enveredando pela fabricação de novos tipos de pão, como por exemplo a «baguete» muito consumida por toda a Europa. Esta variedade, pelo menor consumo de fermentos e novas facilidades noutras fases do fabrico, poderia abrir novas perspectivas no sector.

Certas fontes preconizam, também, o alargamento de certos tipos de pão que estão em voga na província e que aparecem com menores preços à saída das fábricas.

Noutra fase, a distribuição, também poderiam ser encontradas novas soluções. Assim, por decreto de 1972, é possível vender pão nos mais diversos locais. O facto levanta sérias dificuldades, pois depósitos de pão existem onde o fraco volume de vendas implica dificuldades no pagamento aos empregados desses estabelecimentos.

Sindicatos conserveiros preconizam nacionalizações

. Os sindicatos representantes dos trabalhadores conserveiros preconizam a nacionalização ou intervenção estatal nas empresas do sector onde se processa uma actividade anormal, quer no plano da produção, da descapitalização ou do não cumprimento dos preceitos contratuais e legais.

Esta posição é divulgada num comunicado destribuído pela Intersindical, a propósito do andamento lento e preocupante das negociações do CCT, considerando-se chantagista o procedimento das entidades patronais de manter um horário escasso até que o Governo dote a indústria com a rede de frio. «O patronato pretende continuar a viver folgadamente e sem problemas à custa dos ordenados de miséria que paga ao pessoal — os operários conserveiros são dos mais mal pagos do País — à custa do bónus e subsídios estatais (ex: benefício de 50 centavos por cada lata exportada), à custa do abaixamento do custo de factores de produção (ex: diminuição do preço de azeite e óleo) e à custa do aumento do produto acabado, na ordem dos 10 por cento, a ser suportado pelos consumidores».

Prosseguem os sindicatos subscritores, salientando que a situação foi denunciada ao Governo sem que até agora se tenha tomado medidas eficazes com vista à normalização do sector, medidas que na opinião dos trabalhadores seriam a nacionalização ou intervenção estatal, nas empresas em situação anormal.

«Como é possível consolidar a democracia e avançarmos para o socialismo no meio de tanta sabotagem económica?», perguntam os trabalhadores.

«Se a Constituição da República aponta como meta de uma sociedade sem classes e se os industriais, em oposição a esse perceito consticuional, não aumentam a produção, nem criam as bases materiais necessárias a uma distribuição mais justa, os trabalhadores verão a actual situação com apreensão — a não ser que o Governo deixe de actuar timidamente, cumpra a Constituição e respeite os interesses das classes mais desfavorecidas, para quem o 25 de Abril foi feito. Pelo que atrás se diz, os responsáveis pelo impasse existente na indústria de conservas não são os trabalhadores, pelo que não devem ser estes a pagar os erros, a incúria e incompetência dos outros».

Trabalhadores de carnes não cedem ao patronato

Os trabalhadores de carnes dos distritos de Lisboa e Setúbal não transigem quanto à data de entrada em vigor do contrato colectivo e dos efeitos rectroativos dos aumentos salariais — 1 de Julho — a qual constitui um dos principais pontos de discórdia entre os representantes dos patrões e dos trabalhadores, provocando a interrupção das negociações no passado dia 2.

Em assembleia geral, os trabalhadores aprovaram uma moção em que não só reforçam aquela posição, como acentuam a necessidade de se mobilizarem para a defesa dos seus interesses, a urgência de formar comissões de apoio e a necessidade de se garantir apoio jurídico à Comissão Negociadora. Foi ainda aprovada a elaboração de uma moção de repúdio pela proposta das entidades patronais, dirigida ao Presidente da República, Conselho da Revolução, Primeiro-Ministro e Ministério do Trabalho.

Durante as negociações, a comissão negociadora propusera além da data referida, que os efeitos retroactivos dos novos salários e dos subsídios de férias fossem pagos num prazo de três meses e nunca depois de Dezembro próximo. As entidades patronais representadas pela Associação Nacional dos Industriais de Carnes, Federação dos Grémios, Associação dos Comerciantes de Carnes dos Distritos de Lisboa e Setúbal e Associação dos Comerciantes de Carnes de Cascais, discordaram não só da data como também do leque salarial e das categorias profissionais e ameaçaram até não considerar válidas as cláusulas já aprovadas. Pretenderam ao mesmo tempo ser os condutores do processo de negociações, recusando aos trabalhadores o direito recorrer a outras formas de luta, caso as negociações se arrastassem.

Sindicato dos Trabalhadores Consulares e Diplomáticos

. Esteve representado no Encontro Nacional sobre Problemas da Emigração o jovem (confessamos que desconhecido para o repórter) Sindicato dos Trabalhadores Consulares e Diplomáticos na Europa. Um dos seus delegados foi mesmo o relator do 2.º Grupo de Trabalho. Quisemos que ele — António Castro — nos falasse do seu sindicato:

«O sindicato pretende ser um elo de ligação entre os trabalhadores que, dentro dos consulados e das embaixadas, defendem a sua democratização, remodelando todas as estruturas arcaicas de que enfermam, transformando-os numa máquina ao serviço da população imigrada. A Intersindical tem reconhecido a validade do nosso trabalho, por isso viemos aqui a seu convite. Infelizmente, não se passa o mesmo a nível oficial. Nem os organismos governamentais competentes, nem os próprios meios de comunicação social, nomeadamente a Rádio e a TV, nos têm acompanhado conforme — ao que julgo — deveriam.

«Quanto ao Encontro, ele foi mais do que uma confraternização entre emigrantes. Fez-se um trabalho muito positivo e espero que venha a dar frutos. Houve talvez dificuldades de organização. É preciso avançar nesse campo».

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA FARRACHA

Pesquisas e Captações de águas
Furos Artesianos

Celestino Caetano & Filhos, Lda.
Alvarinhos — Sintra — Tel. 2480452
Vilaverde — Tel. 2480211

Estrangeiro

A Gulf, o petróleo e os governos da Bolívia

CARLOS MARIA GUTIÉRREZ

. Há algumas semanas, perante um subcomité do Senado dos Estados Unidos que investiga práticas irregulares das firmas multinacionais, o presidente da Gulf Oil Corporation, Robert Dorsey, revelou alguns dos subornos cometidos no exterior por esta empresa petrolífera. Somente entre 1966 e 1970, além de outros «pagamentos persuasivos», a Gulf entregou quatro milhões de dólares ao Partido Republicano Democrático, que governa a Coreia do Sul, 50 mil dólares a funcionários libaneses, e doações que atingem um montante não especificado a partidos políticos da Itália.

Entretanto, a informação de Dorsey que mais reacções internacionais causou, foi a de que a empresa tinha «oferecido» outros quatro milhões de dólares a governantes de um país latino-americano que, em princípio, não identificou. Imediatamente, o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Perez, intimou a Gulf a esclarecer, dentro de 48 horas, se estava a referir ao seu país. Expirado o prazo sem obter resposta, Andrés Perez expropriou a Mene Grande, filial venezuelana da Gulf.

Idêntico esclarecimento foi pedido pelo Equador e pela Bolívia. O Peru foi mais drástico e, «por razões morais e de solidariedade» decretou, no dia 14 de Maio, a nacionalização total dos bens da Gulf dentro do seu território.

Dorsey respondeu então que a sua acusação não era dirigida ao Equador nem à Venezuela. Quanto às precisões exigidas pelo chefe do regime boliviano, general Hugo Banzer, não houve inconveniente em proporcioná-las: Gulf havia pago ao general René Barrientos, presidente boliviano da época (e morto em 1969 num acidente áereo) 460 mil dólares, em troca de um «tratamento favorável» aos seus interesses.

Banzer deve ter as suas próprias respostas. Foi membro da conspiração com que os generais bolivianos Barrientos e Alfredo Ovando derrotaram, em 1964, o presidente Victor Paz Estensoro. Dois anos depois, Banzer era ministro da Educação de Barrientos. Além disso, poucas pessoas na Bolívia requeririam confirmação da Gulf sobre as suas práticas corruptas no país. Isso era um facto notório desde 1955.

Carlos Andrés Perez intimou a Gulf a especificsr os seus subornos

Barrientos vendeu-se à Gulf. O preço: 460 mil dólares, incluindo um helicóptero, dentro do qual viria a morrer carbonizado um ano depois

Herman Siles Suazo subscreve diante de um

O REGRESSO DOS «PETROLEROS»

A luta do nacionalismo boliviano pelo seu petróleo é antiga. Em 1936 o presidente militar David Toro havia decretado a caducidade de toda a concessão e criado a empresa «Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos» (YPFB). Em 1937 nacionalizou os jazigos de hidrocarbonetos e expulsou a última concessionária, a poderosa Standar Oil de New Jersey, para a YPFB fosse a única administradora do património. Em 1955, já sob pressões norte-americanas e comprometido com financiamentos dessa origem por elementos da sua ala direita, o governo de Victor Paz Estensoro promulgou um código do petróleo. O documento veio praticamente redigido de Nova Iorque, pela forma de advogados especialistas «Shuster and Davenport» e, apesar de ser uma lei boliviana, recebeu o nome de «Código Davenport», em reconhecimento aos seus verdadeiros autores.

Um aumento de onze milhões de dólares nas entregas do Plano Truman (ponto IV), foi a «gratificação» dos Estados Unidos à Bolívia. Entretanto, o «Código Davenport» faria com que o país latino-americano perdesse, em 15 anos, uma soma 100 vezes maior...

Mediante o código, os interesses que haviam sido expulsos por Toro regressaram à Bolívia, para ficar. O petróleo boliviano havia correspondido, na divisão monopolista internacional, à Gulf Oil Corporation, de Pittsburgh, situada em quarto lugar entre os «sete grandes» da indústria do petróleo. Em 1956, o presidente Hernán Siles Suazo assinava o acordo correspondente e a Gulf tomava posse da sua quota, em cuja adjudicação à Bolívia apenas restou aceitar o facto consumado.

Daí em diante, a empresa norte-americana usurparia direitos de Estado normalmente irrenunciáveis, com base no Código Davenport. Segundo o artigo número oito, a Gulf representaria o Estado boliviano na exportação do petróleo cru e derivados. Podia também, contra todas as normas internacionais, possuir e explorar instalações situadas dentro de uma faixa fronteiriça de 50 quilómetros. Se o código fosse revogado, as concessões e contratos continuariam em vigor e a Gulf gozava do direito de exportação livre dos produtos brutos ou refinados e podia importar, com isenção de impostos, materiais e equipamentos.

O clube dos «sete grandes» — Standard Oil, Royal Shell, Texaco, Mobil, Gulf, Standard Oil California e British Petroleum — é dono de 73 por cento da produção mundial exterior aos Estados Unidos e de 64 por cento das vendas mundiais.

Como todos os seus colegas, a Gulf é produtora e vendedora de crus, mas a sua capacidade de distribuição é menor que os seus «stocks». Por isso, outros compram o seu excedente.

Com o convénio boliviano de 1956, a companhia meteu o pé na América do Sul, onde a Standard Oil possuía já as principais concessões dadas aos norte-americanos.

A urgência dos Estados Unidos em instalar um enclave petrolífero na Bolívia não se deveu tanto às suas necessidades reais, como à sua estratégia de controlar as reservas mundiais. A produção bolibiana representa 4,5 por cento do total obtido no Cone Sul que, por sua vez, corresponde a 11,1 por cento da produção latino-americana e 14 por cento da produção mundial.

Para a Gulf, o acordo com a Bolívia significou algo mais importante do que a produção. Além de dominar as reservas como método de manobra no mercado, visava dois objectivos comuns à conduta de todos os monopólios petrolíferos norte-americanos: cercar os organismos estatais dos países onde haviam ocorrido nacionalizações para os debilitar e os fazer desaparecer, e utilizar as operações no exterior, imperfeitamente controladas pelo Departamento do Tesouro, para manobras fiscais dentro dos Estados Unidos que proporcionam, segundo foi calculado, uma entrada de divisas igual à das operações industriais, com a vantagem de não exigirem nenhum investimento.

Sete anos depois da Gulf estar em funcionamento dentro da Bolívia, a produção do país em 1963 foi exactamente a mesma de 1956: 508 metros cúbicos. A Bolivian Gulf Oil C.º (BOGOC), filial que actuava como mecanismo regulador em concorrência com os YPFB, fez com que os incrementos de produção flutuassem sempre de acordo com os interesses norte-americanos perante uma situação internacional dada.

Em 1956, quando o Canal de Suez ficou bloqueado e os fretes para o petróleo do Médio Oriente subiram, a Bolívia produziu mais 19 por cento de petróleo cru. Em 1960, ao ser anunciado que havia um «stock» de petróleo no mundo que bastava para 40 anos, os monopólios retêm a extracção e as estatísticas bolivianas baixaram em 22%. Em 1962 a Crise das Caraíbas, e o seu risco de guerra mundial, fazem os Estados Unidos aumentar a procura nas suas jazidas latino-americanas: o petróleo extraído dá Bolívia aumenta em 11 por cento, mas em 1963 começa a diminuição, e o país produz, neste ano, menos três por cento.

Escreveu o economista boliviano Pablo Ramos Sanchez: «Ninguém, nem as grandes empresas mineiras, gozou das liberdades que foram usufruídas pela Gulf Oil. Pode dizer-se, sem medo de errar, que o suprestado mineiro que governou a Bolívia até 1952 não gozou, nem nos seus melhores tempos, de tantas prerrogativas para explorar à sua vontade os recursos naturais».

OS DADOS DA EXPLORAÇÃO

Quatro anos depois de ter aceite o «Código Davenport», o próprio Paz Estensoro, apesar do seu Movimento Nacionalista Revolucionário ainda estar no poder, dizia: «Os **gulfmen** formam a metade do governo e a metade do país».

Entretanto, logo após a sua queda pelo golpe de Barrientos, em 1964, podia dizer-se que um **gulfman** estava agora, não na metade, mas à cabeça do próprio governo.

A Gulf não pagava, sequer, os impostos nacionais, já que o Código Davenport havia levado para a Bolívia duas prebendas outorgadas pela legislação norte-americana às suas empresas produtoras de petróleo: a «depletion allowance» — bonificação pelo esgotamento teórico de um poço — e a isenção de impostos sobre investimentos em prospecção, estudos geológicos, custos operacionais de um poço seco e estudos gravimétricos.

A bonificação reduz em 27,5 por cento a base de lucros sobre a qual se calculam os impostos sobre os rendimentos. A Gulf recebia essa isenção na Bolívia e, ao apresentar as suas contas aos Estados Unidos, voltava a recebê-la do seu próprio governo.

Uma declaração de investimentos da «Bolivian Gulf Oil C.º» de Junho de 1956, no início das suas operações, a Junho de 1965, com Barrientos, mostra de que modo a empresa diminuta os elementos sujeitos a impostos:

Gastos de exploração e desenvolvimento:
US$ 13 508 388, 00; = US$ 32 419 617, 00; gastos de produção, administração e propriedade de plantas e equipas: US$ 18 601 957, 00; Inversões a longo prazo: US$7 029 370,00:

("Prensa Latina")

Construção de oleoduto: US$ 11 857 192,61.

Segundo esta distribuição, não eram passíveis de imposto os pontos referentes à exploração e desenvolvimento (16,2 por cento) nem o de lucro (61,2

u o acordo e a Bolívia foi colocada facto consumado.

por cento). Apenas podiam ser taxados os investimentos específicos (22,5 por cento).

Em 1967, de acordo com Dorsey, Barrientos já havia recebido os seus 460 mil dólares — que incluiam o oferecimento de um helicóptero, dentro do qual morreria carbonizado um ano depois.

As condições em que operava a BOGOC na Bolívia, nessa altura, mostravam a eficácia das «subvenções», em dinheiro, ao presidente e à sua equipa. O barril de petróleo, à boca do poço, em princípios de 1967 tinha um preço, fixado pela BOGOC, de dois dólares, dos quais correspondiam à empresa 90 centavos por recuperação de investimentos, exploração e operação, 48 centavos pela bonificação e 40 centavos de lucro líquido. A Bolívia recebia apenas 22 centavos deste preço.

De Outubro de 1966 a Dezembro de 1968, a BOGOC exportou a esse preço 18 891 104 barris, que representaram 75 541 839 dólares, recebendo um lucro total de 66 648 871 dólares. À Bolívia tocou apenas 5 892 568, ou seja nove por cento daquilo que o seu petróleo proporcionou à empresa norte-americana. Melhor dito; não recebeu nada e ainda por cima teve que pagar. Como a paralisação da YPFB, provocada pelos cúmplices «barrientistas» da Gulf, havia feito baixar a produção dos postos fiscais, a Bolívia deveria comprar à BOGOC, desde 1962, o petróleo cru para as suas necessidades internas. No citado período, o país pagou à «Bolivian Gulf Oil C.º» sete milhões de dólares. Um milhão a mais do que recebera.

Os «gulfmen» introduzidos por Barrientos continuaram a operar muito tempo depois de liquidado o «barrientismo». O engenheiro militar Jose Patiño Ayoroa, por exemplo presidente da YPFB nessa época e signatário de todas as concessões à Gulf, foi, entretanto, ratificado pelo general Ovando Candia, presidente do governo nacionalista surgido com o golpe militar de 1969. Logo depois de ter firmado a entrega do petróleo à BOGOC e do gás a uma outra invenção da Gulf, a empresa YABOC, criada para contratos com a Argentina, Patiño Ayoroa firmou, com igual impavidez, a nacionalização da Gulf, executada em Outubro de 1969, pelo regime de Ovando. Sem abandonar a presidência da YPFB assistiu, mais adiante, ao deslocamento e posterior renúncia do ministro civil Marcelo Quiroga Santa Cruz, autor da nacionalização. Quando o governo de Ovando foi enfraquecendo, em 1970, o ex-barrientista da YPFB incrustado no governo, influiu na determinazão do montante da indemnização a ser paga à Gulf e na venda do petróleo nacionalizado a uma empresa espanhola, a Camba SA, que não era nada mais nada menos do que outra fachada da Gulf.

Patiño Ayoroa não foi o único «gulfman» sobrevivente. Em Março de 1970 o Ministério do Interior anunciava ter descoberto um plano para vender documentos das negociações referentes à colocação no exterior do petróleo boliviano. Os protagonistas, pagos a cinco mil dólares por cabeça, eram o jornalista Gustavo Lopez Muñoz e, entre outros, José Caballero e Gustavo Navarro, dois especialistas em hidrocarbonetos que, até fins de 1969, haviam integrado a equipa de Quiroga Santa Cruz, nos inícios da nacionalização. Em Agosto de 1971, o golpe de Banzer restabeleceria as condições anteriores, ainda que não tenha ousado modificar a situação jurídica do petróleo nacionalizado.

Entretanto, através do pagamento das indemnizações e de 14 novas concessões petrolíferas a outras tantas empresas fantasmas, tiradas do bolso do colete da Gulf, esta companhia restabeleceu o seu duplo controlo sobre as reservas bolivianas e sobre a companhia estatal YPFB.

Em matéria de hidrocarbonetos, a Bolívia sofre ainda os efeitos dos 13 anos em que os «gulfman» governaram. Quando Barrientos morreu, em 1968, um breve quadro estatístico mostrou dramaticamente o desmantelamento da YPFB e o saque irrecuperável das riquezas nacionais:

	YPFB (%)	BOGOC (%)
Produção total petróleo	20,89	79,11
Produção total de gás	27,34	72,66
Exportação de crus	23,60	76,40
Reservas de petróleo	10,12	89,88
Reservas de gás	19,52	80,48

VENEZUELA

O assassinato político e os limites do Estado de direito

HENRIQUE MONTEVERDE

CARACAS, AGOSTO (IPS) — Os Chaguaramos é um elegante bairro de alta classe média, situado a este da cidade de Caracas e recostado nas vertentes das suaves elevações que delimitam a sul o vale do mesmo nome. Nas suas ruas e avenidas cheias de árvores, vários milhares de famílias (funcionários, industriais e comerciantes de situação desafogada, profissionais liberais, etc.) formam a alma de uma cidade, de um país em ascensão. De um país progressista e tranquilo. O progresso — como se sabe — é impulsionado por um generoso jorro de petrodólares que escorre se cessar para as arcas do Estado, e pela tranquilidade (ou a sensação de) do prolongado período democrático com estado e direito de que desfruta a nação.

É contudo, mesmo no coração do bairro, uma ampla e não menos elegante mansão empenha-se em manter vigente o século IXX (século que, curiosamente, concluiu na Venezuela, em 1936, com a morte do legendário déspota Júlio Vicente Gomez). Aí funciona uma das secções «pesadas» da DISP, polícia política que nem o estado de direito, nem a democracia, nem a convivência política pacífica conseguiram afastar da cena política nacional.

Uma vez que o país há sete anos se encontra definitivamente pacificado, a DISP tem prestado e presta poucos serviços de valor ao Estado. Algum controlo controlo de rotina, a investigação de algum facto isolado de violência política, cooperação com outros organismos policiais no combate contra a delinquência e o roubo, e, evidentemente, tarefas administgativas relacionadas com a segurança. Mas os seus membros não se resignam à vida bucólica. Homens de acção, necessitam de acção e quando não a encontram cedem com frequência à tentação de a inventar.

Dispondo de uma margem evidentemente ampla de autonomia em relação ao poder político constituído e aos organismos hierárquicos encarregados da segurança nacional, e sobretudo, consciente do temor e do «respeito» que inspira só ao ser mencionada, a DISP costuma dedicar-se a cometer vandalismos que provocam verdadeiras comoções nacionais e que invariàvelmen- deterioram os interesses essenciais do Governo.

No domingo passado, por exemplo, quatro dos seus membros assassinaram com uma assombrosa brutalidade, o secretário-geral da Liga Socialista da Venezuela (organização política que actuava na mais estrita legalidade, Jorge Rodriguez.

Além de qualquer consideração humana — que talvez seja o ponto central neste novo episódio de violência repressiva — não há dúvida de que a DISP acaba de estampar uma mácula desnecessária e injusta no Governo de Carlos Andres Perez.

Não se trata de mais um crime. Pela identidade do protagonista, pelas circunstâncias em que se produziu, pela brutalidade insana como foi perpetrado, será recordado como o pior crime político da década e a história registá-lo-á como ocorrido durante o Governo que talvez mais se tenha esforçado por consolidar definitivamente as regras do jogo político civilizado na nação.

Não é a primeira nem seguramente será a última violência policial ocorrida durante a actual administração, mas este crime demonstra definitivamente que o aparelho repressivo — essa forma embrionária ou latente de fascismo que se aninha nas entranhas de quase todos os países do Terceiro Mundo — é impossível de dominar com processos e sob regimes «normais». É uma fera que se volta contra qualquer cidadão, contra qualquer formação social e, inclusivamente, contra o próprio Estado.

Enquanto existirem as «DISPS», com as suas actuais características e prerrogativas, a confrontação política não dará garantias de ser civilizada. A democracia parlamentar não poderá expulsar os últimos fantasmas do despotismo e, em consequência, a sua própria vida será mais ou menos insegura.

Jorge Rodriguez, de 34 anos, tinha percorrido uma larga trajectória política iniciada há três lustros no partido social-democrata Acção Democrática, precisamente o que se encontra actualmente no poder. Participou em todas as cisões à esquerda que esse partido sofreu nos últimos quinze anos e chefiava há já um lustro uma fracção saída do M.I.R. (que, por sua vez, se tinha formado a partir de uma cisão da A. D.). O agrupamento inspirado por Jorge Rodriguez era, precisamente, o que mais se tinha esforçado por libertar a velha militância revolucionária (dos anos 60) da clandestinidade e por que actuasse na legalidade. Política e ideologicamente, o dirigente assassinado estava a desenvolver uma triunfante batalha contra os últimos vestígios do «Foquismo» (FALN, Bandeira Vermelha, Ponto Zero) que ainda subsistem na esquerda nacional. Política e ideologicamente, é impossível que tivesse instigado ou sequer participado no rapto do industrial norte-americano William Frank Niehous. Muito pelo contrário, Rodriguez e a Liga Socialista condenavam expressamente essa forma de acção política Rodriguez podia ser tão suspeito desse rapto como o ex-presidente Rafael Caldera ou o seu partido social-cristão COPEI.

Este assassinato — e sobre este ponto há acordo geral entre toda a esquerda nacional e mesmo entre os partidos e organizações que não são de esquerda — é o mais parecido a uma provocação de tudo o que se tem produzido nos últimos anos. Ou é um acto simples denúncia criminal de algo improvável dado que intervieram directamente 4 agentes da DISP e indirectamente supõe-se que vários mais ou é uma provocação à esquerda, para a desviar da sua orientação legalista e esmagá-la em terreno da luta militar, ou uma provocação contra o próprio Governo para o advertir — sobretudo ao Presidente Perez — que a direita dos organismos repressivos. Pôr fim de uma vez e para sempre à actividade dos «gangs da morte».

O que o país político não aceitará é que mais uma vez, como o disse o deputado marxista Américo Martin, a vingança recaia sobre os «quatro loucos» que actuaram materialmente como assassinos.

ARGENTINA

Luta anti-subversiva e recuperação capitalista económica

BUENOS AIRES — (IPS) — No mesmo dia em que o embaixador argentino em Washington afirmava ante Gerald Ford o respeito do seu Governo pelos direitos humanos e pelas leis, foi difundido o texto que o Episcopado argentino enviou à Junta Militar, e no qual a Igreja pergunta: «Que garantias, que direitos, existem ainda para o cidadão comum?»

Por outro lado, a notícia da morte do dirigente máximo do Exército Revolucionário do Povo (E.R.P.), Roberto Mário Santucho, cobriu as primeiras páginas dos jornais, constituindo a notícia do dia, e significou uma vitória muito especial para as Forças de Segurança, que levam por diante a luta antiguerrilha.

O assassinato de Santucho, junto ao qual teriam caído outros dirigentes da organização subversiva, foi um golpe de grande envergadura para os guerrilheiros, que nos últimos dias viram cair uma importante parte dos seus efectivos operacionais.

Arnald Musich apresentou em Washington as suas cartas credenciais ao presidente Gerald Ford. Nesta entrevista, aproveitou para declarar categoricamente ante o mandatário norte-americano que a Junta Militar respeita as leis e os direitos humanos. Afirmou que o seu Governo se comprometeu «firmemente a derrotar o terrorismo, o que será feito dentro da lei», assim como que o seu Governo crê firmemente «que a manutenção da união nacional, num contexto de respeito pelas leis e pelos direitos humanos, é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade civilizada».

A Igreja, pelo seu lado, referiu-se ao assassinato de cinco religiosos, ocorrido pouco tempo depois da explosão de um petardo no refeitório repleto de funcionários da Superintendência de Segurança da Polícia Federal, dependência especializada no controlo das actividades políticas, gremiais e guerrilheiras. A organização «Montoners», ilegalizada em 1975, declarou-se imediatamente como autora do atentado.

A bomba estalou numa sexta-feira ao meio-dia. Nessa noite apareceram 16 cadáveres em diversos pontos da capital federal, e no domingo foram mortos os cinco religiosos, que pertenciam à ordem dos Palotinos.

Uma das principais preocupações do actual Governo militar é dar para o exterior uma imagem clara de legalidade. Durante a precedente etapa política — Governo de Isabel Martinez — apareciam diariamente cadáveres de pessoas assassinadas por grupos terroristas, que se deslocavam com total impunidade.

Mas, apesar da mudança de Governo; os cadáveres continuaram a aparecer. Entre eles, os de alguns notórios exilados políticos, como o do ex-presidente da Bolívia, general Juan José Torres, os ex-legisladores (deputados) uruguaios Zelmar Michelini e Hector Gutierrez Ruiz (este último tinha sido presidente do Senado no seu país). Estas mortes tiveram ampla repercussão internacional.

Mas, além destas mortes, continuaram a aparecer novos cadáveres acribilados de balas em diversas cidades, num momento em que o controlo militar e policial é sumariamente estrito; resulta portanto incompreensível que uma caravana de três ou quatro carros realize uma batida (*raid*) de morte durante duas ou três horas e não seja nem sequer detectada pelas forças de segurança, em cujas dependências não aceitam denúncias de rapto mas unicamente de «deserções».

Este tipo de actividade, assim como as denúncias de sequições apresentad refugiados políticos p. pelas Nações Unidas, sideradas por alguns cionários oficiais com sas à obtenção de apoi. ceiro externo, especial. nte por parte dos países europeus.

Daí o especial ênfase com que os embaixadores argentinos se esforçam por destacar a legalidade dos procedimentos oficiais. Neste último mês o número de cadáveres não foi menor, mas na maior parte dos

Continua na pág. 12

Estrangeiro

ESTADOS UNIDOS

Um gigante doente

Serviço especial Prensa Latina

A recessão dos anos 1974-1975 é a mais grave da economia dos Estados Unidos desde a crise do capitalismo em 1930, segundo informações do Centro de Investigação e Ciências Económicas do México. O presidente da organização e prestigiado economista mexicano Horácio Flores de la Peña, entregou à agência Prensa Latina um estudo patrocinado pela instituição a respeito da recessão económica norte-americana.

A crise de 1974-1975 «teve uma duração notoriamente mais prolongada, já que foi uma recessão de 18 meses, enquanto que o período era de seis meses para os casos previstos».

Depois da Guerra da Coreia, os Estados Unidos passaram por épocas de crise nos anos de 1953, 1957, 1960 e 1970. O período de estagnação iniciado no último trimestre de 1973, constituiu a primeira vez em que a queda da actividade económica esteve acompanhada por um incremento muito forte no nível dos preços. Este fenómeno originou nos Estados Unidos uma nova situação conhecida como «estaflação», ou seja, a combinação da estagnação generalizada com a inflação.

O défice fiscal no segundo trimestre de 1975 alcançou um nível de 100 milhões de dólares que, em termos anuais é aproximadamente duas vezes o Produto Nacional Bruto do México.

O relatório proporcionado por Flores de la Peña consigna que «nos Estados Unidos, a desocupação da força de trabalho e a utilização parcial da capacidade industrial instalada, consequência directa da recessão, alcançam também níveis sem precedentes».

E diz mais: «Com efeito, enquanto em 1953 a desocupação máxima alcançou seis por cento, em começos de 1975 alcançava praticamente nove por cento».

Paralelamente, o nível de utilização da capacidade industrial, que nas ocasiões anteriores se havia mantido próximo aos 75 por cento, no segundo trimestre de 1975 alcançava apenas um nível aproximado dos 66 por cento.

O estudo sublinha que a diferença entre o Produto Nacional Bruto real no período 74-75 e o potencial — o que se poderia alcançar com a utilização plena dos recursos — soma aproximadamente duzentos mil milhões de dólares, algo assim como o produto total da América Latina. Adverte também que a natureza e intensidade da recessão do período 74-75 terá repercussões económicas e políticas durante vários anos, tento nos Estados Unidos como no resto do mundo capitalista.

Actualmente, no seio da sociedade norte-americana, já distante dos 8,9 por cento de Maio de 1975, a percentagem de desempregados encontra-se, entretanto, a um nível que facilita argumentos aos opositores de Gerald Ford. No último mês de Março, o desemprego entre os adultos negros era de 12,3 por cento, contra 6,8 por cento entre os brancos e em Abril o desemprego entre adolescentes brancos alcançava 17 por cento enquanto que entre os adolescentes negros chegava aos 39 por cento. Isso revela que a desocupação atinge com mais força os sectores marginalizados e as minorias, enquanto fomenta na sociedade norte americana o consumo de drogas, a prostituição, a alienação o crime e os delitos.

O estudo afirma que com esta crise económica, a confiança dos economistas norte-americanos foi seriamente deteriorada pelos acontecimentos. Menciona que, no Outono de 1974, a Associação «Norte-Americana de Economistas ao Serviço das Empresas predisse que o Produto Nacional Bruto cresceria em 1,7 por cento entre 1974 e 1975. A realidade foi que o exercício foi concluído em défice.

Argentina: recuperação capitalista

Continuação da pág. 1

casos os comunicados oficiais indicavam que tinham sido abatidos em tentativas de fuga — o caso de transporte de presos — ou em ataques contra dependências da Polícia de Segurança.

Nestes últimos casos foram mencionadas pessoas cuja desaparição tinha sido denunciada muito tempo antes. Mas, apesar de tudo, as mortes de guerrilheiros e de oposicionistas ocorridas ultimamente, são apresentadas pelo Governo como resultado de enfrentamentos.

O tema dos direitos humanos é só um dos aspectos do fenómeno subversivo que preocupa os responsáveis pela imagem externa do Governo. O outro aspecto refere-se ao controlo efectivo da segurança no país e à possibilidade de que o actual regime seja politicamente estável.

Neste sentido, acontecimentos subversivos como a colocação de uma bomba da dependência especializada no controlo de segurança política (onde os controlos efectuados às pessoas que entram são severíssimos, ao ponto de ser considerado um dos sítios mais vigiados do país), ou o assassinato de directores de grandes empresas que têm conflitos com o seu pessoal, também afectam a imagem externa do país.

Os créditos que o ministro da Economia procura obter no exterior não se destinam, em geral, à inversão em novas fontes de trabalho mas sim para fazer frente aos prementes compromissos externos.

A procura de inversões não só passou pelas gestões de Martinez de Hoz nos Estados Unidos e no Canadá, faz agora duas (três?) semanas, e actualmente na Europa, como também pelo estudo de possíveis modificações à legislação que regula as inversões estrangeiras, com o objectivo de a liberalizar o mais possível. Afirma-se que o modelo utilizado é o que actualmente vigora no Brasil, onde a abertura ao capital estrangeiro não tem limites nem impedimentos.

Foram revelados alguns detalhes do projecto em estudo pela Comissão de Conselho Legislativo, formada por um grupo de oficiais das três armas, que delibera no Palácio do Congresso e que substitui funcionalmente o Parlamento.

Entre os pontos difundidos pelo matutino «La Opinión», figuram os seguintes:

— A possibilidade de que a inversão se concretize através de bens «imateriais» (como tecnologia ou)

Considerar-se-ia como inversão a importação de bens de troca, sujeitos posteriormente a comercialização.

— Outro artigo estabelece que o poder executivo deve autorizar a inversão no caso de haver perigo de desnacionalização da estrutura produtiva. Seguidamente, o texto define que a desnacionalização é possível «quando se produziu como consequência da execução de garantias outorgadas para assegurar os créditos de credores residentes no estrangeiro». Esta passagem abriria as portas a manobras de empresários que estejam dispostos a vender as suas companhias a capitais estrangeiros.

Fica também estabelecido que as inversões até 250 mil dólares norte-americanos não necessitam de aprovação prévia. Nada impede postanto um grupo de pequenos inversores de constituir posteriormente uma rede de pequenas companhias.

Outra passagem autoriza as empresas estrangeiras a fazer uso do crédito interno. Em ocasiões anteriores, este facto permitiu que algumas companhias estrangeiras obtivessem uma financiação por parte dos fundos internos argentinos proporcionalmente superior ao capital que tinham trazido.

Considera-se que a promulgação desta lei — qual, pelo que se sabe, não sofreria alterações em nenhum dos pontos citados — ajudaria os esforços oficiais a conseguir financiamento externo.

Mas a realidade económica argentina não parece propícia às inversões de tipo produtivo. Um exemplo são as indústrias automóveis, cujo balanço actual é o seguinte:

Ford Motors — que tinha encerrado as portas durante 30 dias, iniciou uma nova suspensão das actividades, desta vez por cinco dias.

A Renault fechou até ao fim do mês. E em seguida trabalhará apenas três dias por semana.

A General Motors suspendeu o pessoal por seis dias no mês de Julho e por cinco e meio em Agosto e Setembro.

Todas estas empresas, para evitar problemas laborais, dado que empregam uma grande quantidade de pessoal concentrado em poucas secções, procuraram soluções que permitam reduzir o impacto que as suas medidas possam provocar. Em geral, o pessoal suspenso receber.

Mas esta medida não é aplicável pelas pequenas empresas que fornecem peças às grandes empresas automóveis. Para elas, a diminuição da actividade reduz-se directamente a desemprego e a encerramento.

A indústria automóvel é um sensível indicador da actividade económica argentina. Mas com as facilidades oferecidas ao capital estrangeiro e com os dados sobre a diminuição da actividade económica, os «experts» temem que a invasão estrangeira, no caso de vir, se oriente simplesmente para actividades especulativas ou que assente o seu poder precisamente no ramo da economia argentina sobre o qual o Governo baseia o êxito da sua gestão: a exportação agro-pecuária.

De tudo isto, pode resultar que o Governo se veja afectado não só pelos protestos nacionais ou internacionais sobre os direitos humanos (como é o caso da Igreja), como também pelo descontentamento de cinco milhões de operários industriais, cuja situação durante mais de um ano, se tem progressivamente deteriorado.

Os missionários da C.I.A.

MIGUEL LOZANO Exclusivo Prensa Latina

As denúncias sobre o uso de grupos religiosos por parte da C. I. A. voltam a ser escutadas, quando ainda ressoam no Senado dos Estados Unidos os ecos das discussões em torno dessa instituição oficial norte-americana.

Fontes mexicanas deram a conhecer, recentemente, as actividades ilegais, como membro de uma igreja metodista do distrito federal, do agente da C. I. A. organizador do Esquadrão da Morte do Uruguai, Nelson Bardesio.

Como parecem indicam as investigações realizadas logo depois do desaparecimento do agente, o seu principal objectivo era o de facilitar a entrada no País de uma organização religiosa catalogada, no mínimo, como «suspeita». Este grupo é dirigido pelo pastor Billy Graham, que actuou como capelão da Casa Branca e assessor espiritual do ex-presidente Richard Nixon, durante o seu não concluído mandato.

A associação parece reger-se por alguns princípios místicos da própria criação do seu chefe terreno. Graham, que estão coligidos num livro de títulos sugestivos: «Os Anjos, Agentes Secretos de Deus». Graham pretende impor um halo sagrado sobre a cabeça de cada um dos membros do serviço secreto dos Estados Unidos, aos quais não vacila em classificar como «anjos terrestres».

Muitos recordam, com efeito, as investigações realizadas durante 15 meses por uma comissão do congresso norte-americano sobre as actividades de espionagem e subversão das agências oficiais, durante as quais foram dados a conhecer alguns aspectos das ligações da C. I. A. com grupos religiosos.

A comissão informou que a C. I. A. tem acordos com mais de 20 organizações de missionários para acções directas, em muitas partes do mundo. O próprio chefe da Catedral Intelligence Agency, George Busch, viu-se obrigado a reconhecer o facto e contou que os contratos pagos seriam retirados aos grupos que persistissem na sua vocação religiosa, ainda que não tenha feito alusão a um ou outro tipo de «cooperação» eventual ou «voluntária».

Nas últimas semanas produziram-se factos que demonstram o alcance deste tipo de actividade da C. I. A.

O Congresso de El Salvador, na América Central, tornou públicas as intenções de um grupo «mormon» de fotocopiar as participações de nascimento de todos os habitantes do País. Algumas personalidades denunciaram as relações da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mormon) com a C. I. A. e criticaram a autorização estatal que permite a entrada, livre de impostos, das equipas necessárias para a «empresa».

A liberdade de acção desses grupos norte-americanos ficou ainda mais patente quando se soube que a operação conta com a concordância do Ministério do Interior e de altos funcionários, como o vice-presidente do Congresso, o qual manifestou não ver perigo algum em que a C. I. A. tenha as participações de nascimento de todos os salvadorenhos.

Enquanto isso na Nicarágua e na Costa Rica, igualmente localizadas na América Central, foram divulgadas denúncias sobre planos parecidos, dessas e de outras seitas, para obter dados minuciosos sobre a vida sócio-económica dos referidos países.

Entre os grupos acusados de ter uma maior ou menor ligação com a C. I. A. encontram os seguintes: Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mormon), embaixador de Deus, Cristãos, Reformados, Batistas, Igreja Quadrangular, Assembleia de Deus e Metodistas.

Tanaka incriminado

TÓQUIO, 16 (R) O gabinete do procurador distrital de Tóquio incriminou hoje formalmente o antigo primeiro-ministro Kakuei Tanaka por aceitar «luvas» de 500 milhões de ienes (cerca de 48.000 contos) da American Lockheed Aircraft Corporation.

Tanaka, de 58 anos, foi chefe do governo, em Julho de 1972 a Dezembro de 1974. Foi detido, em Julho, em ligação com o escândalo, que causou a crise política no Japão. O gabinete do procurador disse que Tanaka fora pronunciado por duas acusações: aceitar um suborno da Lockheed e receber dinheiro em violação das leis de controlo de câmbios e de comércio externo em vigor no Japão.

A Lockheeed admitiu ter pago milhões de dólares para aumentar as vendas dos seus aviões no Japão.

Três antigos administradores da gigantesca empresa comercial Marubeni, representante da Lockheed no Japão, foram acusados de suborno. São Hiro Hiyama, de 66 anos, ex-presidente da Merubeni, Toshiharu Ohkubo, de 62, e Hiroshi Itoh, de 49, antigos directores interinos.

Os três demitiram-se dos cargos que ocupavam na companhia pouco depois de deporem, em Fevereiro, perante uma Comissão Parlamentar que investiga o escândalo.

CABELEIREIROS AVISAM SENHORAS
NÃO TRABALHAM AO SÁBADO — O AGOSTO — SÓ
SÉRGIO E MARGARIDA
AV. DA REPÚBLICA, 5 — TEL. 57 24 01
(ao Saldanha Metro)

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DO DOURO E LEIXÕES

Fornecimento de 2 empilhadores de pórtico (Stradler), com a capacidade de elevação de 35 T.

Na sede da Administração dos Portos do Douro e Leixões, Palácio da Bolsa, cidade do Porto, perante a Comissão para esse fim nomeada, realizar-se-á no dia 22 de Setembro de 1976, pelas 15 horas, concurso público para adjudicação do fornecimento supracitado.

O depósito provisório será de 375 000$00 (trezentos setenta e cinco mil escudos), a efectuar na Caixa-Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, na filial, agências ou delegações, podendo ser substituído por garantia bancária do mesmo valor.

O depósito definitivo será de 5% do montante da adjudicação.

O programa e condições do concurso estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas normais do expediente, na Divisão de Secretariado da Direcção dos Serviços Administrativos e Financeiros desta Administração e na Secretaria-Geral do Ministério dos Transportes e Comunicações, em Lisboa.

A documentação a apresentar no concurso, salvo a guia de depósito provisório, não necessita de ser selada.

Administração dos Portos do Douro e Leixões, em 6 de Agosto de 1976.

Pel'O Presidente do Conselho de Administração,
(Alfredo H. de Oliveira Stoffel)

Estrangeiro

REPUBLICANOS EM KANSAS CITY

Gerald Ford surge como favorito na Convenção que hoje começa

KANSAS CITY, 16 — (ANOP-FP-DL) — Às 10 horas locais, 15 horas TMG, começou hoje, nesta cidade dos Estados Unidos, a Convenção Republicana, que promete ser uma data histórica na política do país. Gerald Ford e Ronald Reagan lá estão, à frente das suas respectivas campanhas presidenciais, em busca das simpatias dos 100 delegados republicanos que ainda não estão comprometidos e cujos votos decidirão o resultado das eleições que indicarão o candidato do partido ao pleito que vai decidir quem será o próximo inquilino da Casa Branca.

De acordo com as últimas sondagens, Gerald Ford tem 1124 votos, seis a menos do que é necessário para obter a indicação no primeiro escrutínio. Reagan conta com 1033.

Enquanto isso, o Comité de Regulamentos da convenção rejeitou hoje uma proposta do ex-actor Ronald Reagan que, a ser aprovada, obrigaria Ford a revelar o nome do seu companheiro de candidatura, antes das eleições para o candidato do partido, que será realizada depois de amanhã. O facto foi considerado como uma vitória táctica de Ford, que surge como o favorito nesta convenção. Entretanto, as pressões para essa revelação continuam, pois os partidários de Reagan têm esperança de dividir os delegados liberais e conservadores, na revelação do nome.

Reagan cometeu um erro político, quando numa arriscada jogada, nomeou como seu colega de lista um senador da ala liberal, Richard Schweiker, que, em vez de atrair os votos liberais, provocou o descontentamento dos conservadores, principal base de apoio do ex-astro de Hollywood. Os rumores de que Reagan já estava batido foram desmentidos pelos seus adeptos e o próprio Schweiker prometeu abandonar as suas ideias liberais. Isso talvez ainda venha a piorar a situação, pois ao descontentamento dos conservadores virá somar-se a decepção dos liberais diante da pusilanimidade do companheiro escolhido por Reagan. Por outro lado, Ford continua a tentar atrair as simpatias dos liberais e conservadores, disse que não nega a ninguém as possibilidades de desempenharem o posto, facto que responde aos rumores que indicavam a saída de John Connally, ex-governador democrata do Texas e secretário de Estado do Tesouro de Nixon, «homem forte» do Sul, da lista dos eventuais candidatos de Ford. Connaly tem muita força onde Ford tem poucos apoios: o Sul dos Estados Unidos. Connally também tem a seu desfavor a sua estreita solidariedade com Nixon no escândalo de Watergate. Mas o candidato que tem maiores hipóteses de ser eleito junto com Ford é Howard Baker, do Tenesse. Os rumores de que Reagan poderia aceitar a candidatura à vice-presidência para conseguir a unidade do partido foram ontem desmentidos pelo chefe da campanha do ex-governador da Califórnia.

À margem da disputa, segundo informa o «Newsweek», já está preparada uma cena tão típica das eleições norte-americanas. Seja qual for o resultado da convenção, o vencido irá aos aposentos do vencedor, para uma demonstração pública de unidade,

REVELA A "NEWSWEEK"

África do Sul e Israel mais amigos que nunca

As relações entre Israel e a África do Sul estão em fase de expansão com a venda de armamento e empreendimentos conjuntos nos transportes por caminho-de-ferro, fábricas de laminação de aço e uma central hidro eléctrica, revela o semanário «Newsweek» no seu próximo número, segundo um telegrama da ANOP.

Aquele magazine semanal informa que a Africa do Sul adquiriu mais dois bancos lança-mísseis israelitas da classe «Reshef» de 415 toneladas e receberá outros quatro. Os dois países trabalharão em conjunto na construção de uma via férrea, na edificação e montagem de uma fábrica de laminagem de aço e na erecção de uma central hidro eléctrica que funcionará mediante o desvio da água do Mediterrâneo para o Vale do Mar Morto, anuncia a «Newsweek».

Recorda-se que o sionismo foi há tempos equiparado ao «apartheid» nas Nações Unidas. Israel, no Médio Oriente, a África do Sul e a Rodesia, na ponta austral do continente africano, constituem efectivamente bastiões do imperialismo e das formas mais desumanas de dominação e exploração. Não surpreende, pois, que 30 anos após a Segunda Guerra Mundial, um Estado constituído por judeus — barbaramente perseguidos pelo nazismo — venha agora a buscar a solidariedade dos antigos aliados dos seus carrascos. Os interesses retrógrados que ambos países defendem, cada qual na sua área, conduzem a este tipo de aliança.

Habitantes de Pequim começam a voltar a casa

PEQUIM, 16 (FP-DL) — Foi levantado hoje o estado de alerta na capital da China. Milhões de pessoas já começaram a desmontar os abrigos, onde viveram durante três semanas à espera de novos sismos que haviam sido anunciados. As comissões de ruas ou de bairros percorrem a cidade dando instruções através de altifalantes instalados em carros. Ao que parece, a volta à normalidade está a ser efectuada por sectores e ainda deverá demorar alguns dias, até os seis milhões de pequinenses regressaram à rotina.

DIVERGÊNCIAS EM SHENSI

O acto sexual transformou-se em caso político em Sian, capita, da província de Shensi, cuja população assiste a uma grande campanha de cartazes, onde «as massas populares» se opõem às autoridades regionais, acusadas de injustiça.

Um casal de operários de uma fábrica de aparelhagem eléctrica preferiu encontrar-se a sós, no Outono de 1973, quando ambos deveriam estar presentes a um comício de crítica a Lin Piao e Confúcio. Os dois jovens, Wang e Mao, já mantinham relações há algum tempo e o caso poderia ter sido resolvido dentro da fábrica, com uma crítica ao seu «comportamento burguês». Entretanto, o irmão da moça, Mao, bateu no rapaz, Wang. A mãe de Mao chamou o marido, quadro dirigente a trabalhar noutra região, o qual fez pressão para que a filha acusasse o namorado de «violação». Depois, servindo-se das suas amizades, fez com que Wang fosse parar à cadeia. Julgado no Verão passado, o rapaz foi condenado a 20 anos de prisão, com a sentença baseada «na consulta às massas populares». Mas «as massas populares», no caso os operários da fábrica não foram ouvidos. Agora, os colegas de Wang acusam o pai de Mao de tirar partido das suas amizades. A luta está parcialmente vitoriosa, pois já foi obtida a reabertura do processo. Entretanto, novamente as «massas populares» não foram ouvidas e a sentença manteve-se. A campanha prossegue e os operários já têm ao seu lado a opinião pública. Anteriormente, o acusado de um caso real de violação foi condenado a apenas três anos de prisão.

CHILE-CHINA: BOAS RELAÇÕES

SANTIAGO — (IPS) — «Não existem problemas com a República Popular da China» informou o director de Comunicação Social do governo de Pinochet, coronel Gaaton Zuniga, a jornalistas argentinos que visitam o país. Numa conferência de Imprensa sobre a actual situação chilena, Zuniga disse ainda que também não existem problemas com a Igreja Católica do Chile, «instituição a qual não tocamos por nada». Indicou ainda que «não existe actividade subversiva», citando a ausência de atentados, bombas, sequestros e manifestações, por causa da «eficiência mostrada pelos organismos de segurança». Quanto à China, disse Zuniga: «O marxismo deles é totalmente diferente do soviético, que os russos tentam exportar, especialmente aos países subdesenvolvidos». Reiterou que as relações entre a China Popular e o Chile «são boas e desenvolvem-se com mútuo respeito».

A Arábia Saudita vai reduzir a sua produção de petróleo

NOVA IORQUE, 16 — (R. e «D. L.») — A Arábia Saudita, o maior produtor de petróleo do Médio Oriente, planeia reduzir a sua produção, segundo revela hoje a «Newsweek».

A revista afirma: «O ministro saudita do Planeamento Hisham Nazer...informou privadamente o Governo de Ford que o seu país, que aumentara acentuadamente a produção, há pouco tempo terá de reduzi-la».

O plano de desenvolvimento saudita previa uma produção de cinco milhões de barris por dia, consideravelmente menos do que o número actual de 8,5 milhões disse o ministro, de acordo com a revista.

«Estamos a devorar o nosso único capital», terá dito Nazer ao Governo dos Estados Unidos.

Numa entrevista separada com o ministro, a revista cita-o como dizendo apenas que a Arábia Saudita resistirá a pressão para aumentar a sua produção.

Ao ser-lhe perguntado se a medida causaria problemas aos consumidores de petróleo, o ministro respondeu: «Isso é verdade, mas deve haver mais poupança por parte de todos».

Nazer declarou ainda à revista: «O excesso de produção está já a causar-nos problemas».

Ao ser-lhe perguntado que faria o seu país se a situação mundial no capítulo de combustíveis impusesse um aumento da produção para além das medidas actuais, o ministro respondeu: «Resistiríamos».

Se se produzisse para satisfazer as necessidades mundiais de energia, registar-se-iam esgotamentos mais rápidos dos recursos. A Arábia Saudita acumularia riquezas que não poderia investir, observou Nazer.

Salientou que o seu país preferiria que a OPEP, a Organização dos Países Produtores de Petróleo, em vez de aumentar os preços chegasse a acordo com os consumidores sobre a conservação do precioso líquido.

Deveria haver também acordo sobre as pesquisas quanto «à política energética de alternativa», acrescentou o ministro.

Se a Arábia Saudita levar avante os seus planos, o Ocidente irá passar por mais uma situação de grave crise. Primeiro começou por ter de pagar o petróleo mais caro, quando os países agrupados na OPEPL conseguiram fazer impôr um preço mais elevado pela sua única fonte de riqueza. Agora vêem-se sob a ameaça de um corte de produção, que constitui o segundo passo importante da libertação do domínio que os produtores de matérias-primas têm sofrido por parte das potências capitalistas industrializadas. Estas, habituadas a comprar a seu bel talante e a pilhar sem quaisquer considerações sobre o futuro, as riquezas dos países mais pobres, vêem-se cada dia mais cerceadas nas suas prerrogativas. O sistema na sua forma actual vai tendo cada vez mais dificuldades de se manter.

E.U.A. QUEREM INSTALAR OUTRA "EUROPA LIVRE"

LONDRES, 16 — (FP) — Os Estados Unidos pediram à Grã-Bretanha autorização para construir em território britânico uma estação de rádio para difundir «informações e propaganda destinada aos países de Leste, segundo anuncia hoje o «Daily Mail».

AVIÃO DESAPARECE COM 56 PESSOAS A BORDO

QUITO, 16 — (F.P.) — Um avião comercial, transportando 56 pessoas, desapareceu no Domingo, no Equador, entre Quito e Cuenca. O aparelho, um bi-motor «Wikers», perdeu todo o contacto com Terra 21 minutos depois de ter descolado de Quito, por alturas da cidade de Ambato, a 130 quilómetros a Sul da capital.

Patrulhas de salvamento e helicópteros começaram imediatamente as buscas, particularmente na parte Oeste da cordilheira dos Andes, para tentar encontrar os 52 passageiros e os 4 membros da tripulação.

Entretanto, morreram duas pessoas e uma ficou gravemente ferida, quando uma avioneta se despenhou a 15 quilómetros da capital argentina, Buenos Aires.

Caleidoscópio

■ BEIRUTE, 16 (FP) — Prosseguiram em todo o Líbano os combates neste fim-de-semana e esta manhã — anunciou a rádio falangista. Entretanto, no sábado em Damasco uma delegação síria reuniu com uma delegação palestiniana.

■ MADRID, 16 (ANOP) — Vários incidentes ocorreram no sábado em Almeria por ocasião do funeral do jovem estudante de 19 anos, Francisco Javier Verdejo Lucas, morto na noite anterior por um disparo da Guarda Civil, ao fugir quando supreendido a pintar as paredes com as primeiras letras da palavra de ordem «Pão, Liberdade e Trabalho». Por outro lado, centenas de pessoas concentraram-se numa igreja de Guernica reclamando amnistia para os presos bascos.

■ NOVA IORQUE, 16 (ANOP e R) — Fuzileiros norte-americanos efectuaram ontem exercícios de desembarque anfíbio no sul da Grécia enquanto a polícia grega tomava rigorosas medidas de segurança para impedir protestos da esquerda. Enquanto isto, o secretário de Estado norte-americano, Kissinger, está a servir de medianeiro na disputa greco-turca sobre o mar Egeu.

■ VIENCIANA, 16 (FP) — Rádio Nacional Lao acusou hoje os imperialistas americanos de ter violado por duas vezes o espaço aéreo lao, nos dias 21 e 23 de Julho passado.

■ TORONTO, 16 (FP) — Os 250 mil índios do Canadá obtiveram o estatuto especial de observadores nas Nações Unidas.

■ PASADENA (Califórnia), 16 (ANOP) — Um cientista afecto ao Projecto Viking afirmou ontem que o conhecimento dos ciclos em Marte, pode contribuir para a compreensão da ocorrência das idades do gelo, na Terra.

BISPOS DO EQUADOR CONTRA INTERRUPÇÃO DE REUNIÃO PASTORAL

QUITO, 16 (R e ANOP) — A Hierarquia Católica do Equador condenou o governo militar por ter interrompido uma reunião de membros do clero nacional e estrangeiro na cidade de Riobamba.

Um total de 37 eclesiásticos vindos do estrangeiro, entre os quais treze bispos e dois arcebispos, foram convidados a deixar o país pelo governo, que denunciou como secreta e subversiva a reunião de quinta-feira passada, em Riobamba.

A Comissão Episcopal Equatoriana declara, num comunicado, que a interrupção da reunião causou surpresa e preocupação dentro e fora do Equador, tanto mais que o seu único objectivo era a simples troca de experiência pastoral.

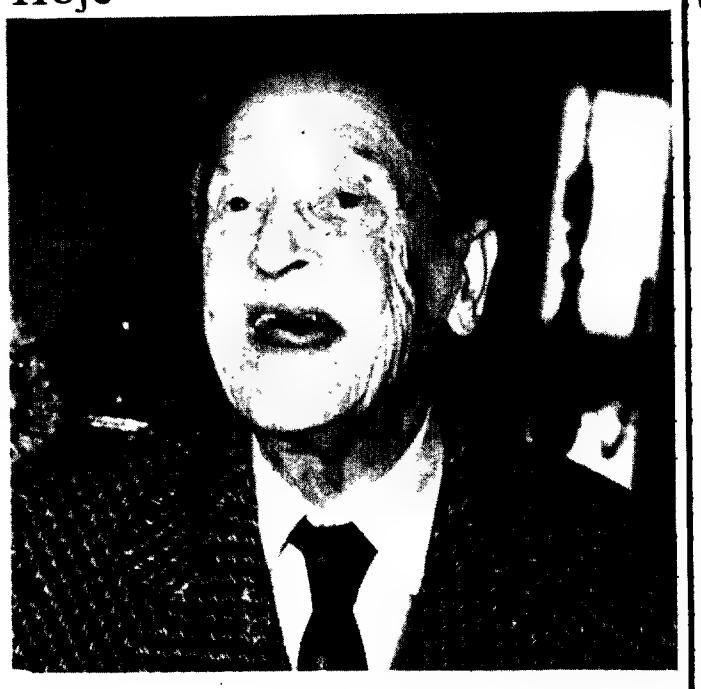
O governo tinha acusado os homens do Equador e doutros países latino-americanos pela distribuição de material de esquerda.

Por sua vez, o padre Josep Camps, de Barcelona, o único representante europeu que esteve presente na reunião de Riobamba, declarou à agência EFE que a interrupção daquela conferência se inscrevia na estratégia continental de repressão contra a nova Igreja Latino-Americana.

O Padre Camps frixou que, desde 1968, ano em que os bispos latino-americanos, reunidos em Medellin, optaram por uma linha pastoral comum baseada na libertação dos oprimidos e na luta contra a dependência, «se vem desenvolvendo uma escalada de acções repressivas contra esta linha, dirigida pelas ditaduras militares, pelos serviços internacionais de informação e por sectores influentes da própria Igreja».

Televisão

Hoje



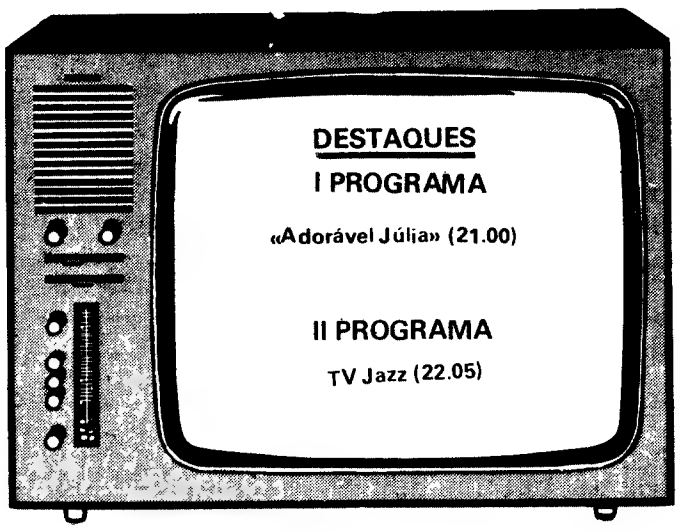
Somerset Maugham

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«Paulo e Virginia»** — série filmada.
19.25 **Teledesporto**
19.55 **Ziriguidum** — programa musical. Transmissão dos Estúdios do Porto.
20.20 **Uma Hsitória para o João Pestana** — «Os 3 Ursinhos»
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.00 **«Adorável Júlia»** — de Somerset Maugham. Adaptação de M.Gilbert Sauvajon. Intérpretes principais: Madeleine Robinson e Daniel Ceccaldi. Realização de Georges Folgoas.
23.20 **Telejornal** — 2.ª edição — incluindo um resumo da etapa da Volta a Portugal em Bicicleta.
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«O Sobrinho da América»** — série filmada.
20.25 **«Os Senufo»** — um documentário da série «O Homem e a Arte» que preencherá a rubrica «Encontro com o Passado».
20.55 **«S.O.S.»** 3.º episódio desta série. «A Cilada» om Wladislaw Kowalski. Realização de Januz Morgenstern.
21.40 **Telejornal**
22.05 **TV Jazz** — os portugueses Zanarp, Rão Kyao e Araripa na Figueira da Foz. Producão de Nuno Martins. Realização de Hélder Mendes.
23.30 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

. . . **19.00**: Abertura e «A Ilha do Tesouro»; **19.25**: «A Pedra Branca»; **19.55**: Ver — arte comprometida é liberdade; **20.20**: Uma História para João Pestanha — «A Cabra Cabrês»; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.05**: «O Grande Amor de Balzac» — «A Condessa»; **22.10**: Terça à Noite — como vai a emigração e o que mudou no Conselho da Revolução; **23.00**: Telejornal — 2.ª edição; **23.15**: Fecho

II PROGRAMA

. . . **20.00**: Abertura e «Wickie, o Viking»; **20.25**: «Os Goodies»; **20.55**: Passatempo; **21.50**: Telejornal; **22.25**: Trio op. 110, n.º 3, de Schumann; **22.55**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau 8

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

DE MAO A PIOR

. Aproximam-se as eleições para as autarquias locais. Talvez por isso a Televisão portuguesa intensifica a campanha anticomunista, orientada em vários sentidos, distribuida por vários sectores e sustentada por vários fornecedores.

No serão de sábado cinco distintos viajantes (qualquer deles digno da condecoração anticomunista) vieram à Televisão a propósito de uma viagem à China. A propósito, não: a pretexto. O grupo era regido pela batuta de D. Helena que esteve perfeitamente à altura das circunstâncias. Foi suficientemente esperta para perceber que os seus convidados eram assim (estou a bater com os nós dos dedos na madeira) e não insistir.

Como disse, a viagem à China não passou de mero pretexto. Chinesices, aliás esperadas quando se tem pela frente um aglomerado tal que, pela qualidade do seu anticomunismo, mais parecia ser da dinastia Nixon-Ming.

Pouco ou nada soubemos da mandarónica viagem. Retivemos aquela preciosa informação do Guerra segundo a qual terá visitado uma quinta de 20 hectares onde os intelectuais chins vão tratar dos porcos. Por que é que estes ilustres visitantes não se ficaram pela quinta? Só teriam a lucrar, ainda por cima de graça!

NO REINO DA CONFUSÃO

Deve dizer-se, para esclarecimento dos leitores que não frequentem as sentinas públicas, que há confusões danadas neste mundo.

Assim, soubémo-lo também ontem, existem duas associações diversamente afreguesadas. Uma liga-se ao MRPPa outra liga-se ao P.C. de Pê (m-l)-AOC sendo que esta nada tem a ver com aquela e aquela nada tem a ver com esta, cada qual puxa o Mao à sua sardinha, a estas horas está o Grande Inducador a apresentar queixa na Judiciária. A entrevista de ontem era da responsabilidade da Associação que, pelos modos, merece a confiança do Mao o que não significa que a confiança plena do Mao (ou de sua esposa) não vá para o Sá Carneiro.

Perdoem os leitores os traços descosidos desta crónica mas quando passamos a Muralha da China, tudo começa a complicar-se. O favorito do Mao é quem? O Matos? O Eduíno? o Guinote? O Carneiro? A Mula da Cooperativa? A Céu Ricardo?

. Ultimamente correu até o boato de que o preferido seria o Portela Filho, que teria estado no celeste Império a convite do Mao. Os entrevistados de D. Helena danam-se todos, estremecem, bufam, protestam, D. Helena dá um leve toque de ironia, Guerra diz que o esclarecimento não é por uma questão de satisfação pessoal, é por outras razões.

Não. Portela Filho tire daí as ideias. As credenciais estarão nas mãos do Eduíno. A China, que atravessou tantas calamidades, conseguirá sobreviver a mais esta?

Duvido.

TELE-RETRETE?

Pois dizia eu que a «viagem à China» não passara de mero pretexto para uma exibição de anti-sovietismo. Traduzido em futebol, aquilo era um jogo entre solteiros e casados: argumentação estafadissima, arrancada aos arquivos do imperialismo. Era como se assistíssemos a um jogo do loto: o ianque dita os números e os meninos diligentes vão enchendo os cartões.

Alguns mimos, para amostra: «O social-imperialismo russo é o inimigo principal da China e dos povos de todo o mundo...»O u tro: «O par tido social-fascista de Cunhal não passa de uma quinta coluna daquilo que hoje é uma nova Alemanha hitleriana». Mais outro: «Nikita Krunstchev deu um golpe de Estado, apoderou-se do poder, instaurou uma ditadura social-fascista que ainda hoje vigora na União Soviética e restaurou o capitalismo».

Desculpem ter-lhes provocado os vómitos. Mas se transcrevo estas frases (praticamente retiradas ao acaso) é para lhes dar uma ideia das monstruosidades a que certos indivíduos podem descer e da pouca ou nenhuma conta em que a Televisão portuguesa tem a sua própria visão pública.

Porque uma coisa é deixar que façam dela tonta. Outra é deixar que façam dela retrete.

PARA UM CADASTRO DE MAO

Para além do mais, esta entrevista colectiva constituiu uma brilhante exposição do mao-fascismo.

Repare-se que, segundo os dejeccionistas, o mundo encontra-se dividido por Mao e Esposa em três grupos: **as duas superpotências; os países industrializados; o Terceiro Mundo.**

Passemos por cima da anedota de encontrar Portugal no **segundo mundo**...Note-se como, para o maoismo, a contradição essencial não atende à luta de classes, mas a factores como nacionalismos, raças, geopolíticas... Esta concepção pequeno-burguesa faz tábua rasa da contradição essencial do nosso tempo: a confrontação entre o socialismo e o capitalismo.

O mao-fascismo, no plano internacional, conduz uma política de serventia ao imperialismo. Nos momentos mais graves, o imperialismo e o mao-fascismo sempre se aliaram contra o socialismo. Recordarei apenas alguns exemplos dos mais repugantes: o apoio dado a Pinochet (por favor leiam o «Diário de Lisboa» de sábado...); o auxílio à FNLA, de braço dado com a CIA; o apoio dado à NATO (chegou ao ponto de pedir aos alemães que não deixassem os americanos irem-se embora...); o receio de que a democracia em Portugal enfraquecesse um flanco da NATO; a proibição aos barcos soviéticos de descarregarem nos portos chineses, aquando do bloqueio ianque a Haiphong, as dificuldades no fornecimento de arroz a Cuba, quando o bloqueio imperialista pretendia vencer pela fome o heróico povo cubano — para já não falar dos peixes miúdos do entendimento com partidos europeus fascizantes e das flores enviadas para o caixão de Carrero Blanco...

Quem disser que estes factos têm alguma coisa a ver com a defesa do socialismo, o melhor que tem a fazer é sujeitar-se à acupunctura nos miolos.

Continua na pág. 18

HOJE: às 20.30 e 22.30
Domingos Matinée às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acos. MEN. 18 anos)

TEATRO ABERTO
P de ESPANHA metro PALHAVA tel. 77 19 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht
(13 semanas em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA, ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO, ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO, só às 16 h.

«TRÁS-OS-MONTES» — 10.ª e última semana

Um filme a cores de António Reis e Margarida Cordeiro, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.
Em exibição no cinema Satélite de 2.ª a 6.ª feira — sessão às 19 horas.
50 por cento de desconto para estudantes.
Apoiado pela Direcção-Geral de Acção Cultural.

Desporto

DEPOIS DO ASTON E DO INTER

F.C. do Porto derrotou os ingleses do Stoke (1-0)

Às três, é o rifão que o garante, é de vez. E o F. C. do Porto não quis «inestabilizar» o adágio: ganhou ao Stoke City de Hudson e Peter Shillton (guardião internacional) com um golo do recuperado Duda, quando iam decorridos, num estádio (Antas) de quase 40 mil impacientes, 38 minutos do tempo complementar. O tento foi quase antológico: Cubillas cobrou, bem, um livre e Duda, de cabeça, lesto e sagaz, não perdoou. Os «stokes» da City «tmisana» ressarciam, perdendo, os semidesaires que constituiram os empates contra o Aston Villa e o Inter de Bratislava.

A vitória coroou uma actuação que mesmo marcada por algumas inibições circunstanciais parece apontar o rumo da equipa portista no concernente a fibra esquemática, capacidade de organizar, desbaratar e flanquear, além de outros méritos e atributos conjunturais, designadamente um entrosamento já evoluido, discernimento para poupar energias, forças para suster os arreganhos adversos e, sobretudo, procurar penetrar ou demolir, mesmo que paulatinamente, os pontos fortes do antagonista. Num enquadramento desta estirpe é natural que a capacidade produtiva da equipa se tenha ressentido, aqui e ali, de pequenos «desfalecimentos» logo emendados (e ressarcidos) por um lance de esplendor ou uma demonstração de operacionalidade que para o limiar da temporada é algo de encorajante e positivo.

No encontro de sábado, como adiante se verá no conjunto que desceu ao relvado, Gomes terá sido um abandonado (no 2.º tempo) calculado, e os recuos (aparentes) de Ademir e Oliveira, homens com cabeça para o meio do campo e inteligência para construir e perfurar, o trunfo salvador de uma equipa que no espaço parece à vontade e no tempo (de intervir ao ataque) preparada para auspiciosos cometimentos. Defesa coesa e determinada nas suas intercepções (excelente espírito de entreajuda), meio do campo funcional e operoso, e atacantes versáteis e expeditos, eis, em síntese, o que o «Porto de Pedroto» exteriorizou sábado e poderá confirmar, na próxima quinta-feira, com o S. Lorenzo de Almagro.

Os primeiros 45 minutos foram equilibrados, com o domínio do esférico e territorial repartidos pelos dois meios campos, mas Peter Shilton a intervir mais amiúde que Tibi. No tempo complementar os portistas ousaram atacar com mais decisão, e o golo, no fundo, constituiria merecido prémio para o seu esforço, engodo e superioridade. Aliás, o último quarto de hora foi extraordinário de vibração e dúvida.

Sob a direcção de Melo Acúrsio, do Porto, as equipas formaram:

F. C. DO PORTO — Tibi; Gabriel (Murça), Teixeira, Freitas e Taí; Octávio, Oliveira e Ademir (Seninho); Gomes (Duda), Cubillas e Dinis.

STOKE CITY — Peter Shilton; Bithel, Pejia, Machoney e Dodel; Bloor Conroy e Greenhot; Hudson, Salmons e Moores (Croocks).

Futebol aos soluços

BENFICA: NOVA DERROTA NO BRASIL

O Benfica, que perdeu o seu primeiro encontro na sua deslocação ao Brasil ante a Associação Atlético do Rio (3-1), equipa orientada pelo português Severiano Correia, voltou a ser derrotado, ao princípio da madrugada de hoje, pelo Santa Cruz, campeão de futebol do Pernambuco, nesta cidade, por 2 bolas sem resposta.

Na primeira parte as duas equipas terminaram empatadas sem golos. No segundo tempo o Santa Cruz marcou dois golos: o primeiro por Mazinho aos 57 minutos, e o segundo por Edson, aos 84.

As equipas apresentaram a seguinte constituição: SANTA CRUZ: Gilberto (Picasso), Carlos Alberto Barbosa, Levir (Lima), Alfredo e Pedrinho; Edson, Pio (Mazinho) e Carlos; Alberto Rodrigues, Betinho Nunes (Wolnei) e Santos; BENFICA: José Henrique (Bento); Malta, Eurico, Barros e Bastos (Malta da Silva); Vítor Martins, Toni e Pietra (Chalana); Sheu, Moinhos e Nené.

BELENENSES E SPORTING DERROTA E EMPATE EM ESPANHA

O Belenenses perdeu, ontem, perante o Levante, equipa da II Liga de Espanha, por 2-1, em jogo particular efetuado naquela cidade espanhola, na sequência da digressão da equipa do Restelo no país vizinho. Ao intervalo o resultado era de um empate a uma bola, tendo a equipa portuguesa, na segunda metade do encontro, sentido as ausências de Godinho e Gonzalez.

O Sporting, por seu turno, empatou em Santander no encontro efectuado com o Racing local. O resultado foi de 0-0 e as equipas alinharam: SANTANDER: Alba (Monchi); Pelayo, Pedrito, Ignácio (Barcena) e Artege; Genupi, Herrero e Rencilla (Ochoa); Sebas (Mantiola), Montenegro (Hernandez) e Cortavitarte; SPORTING: Matos (Conhé); Vítor Gomes, Armândio, José Mendes e Da Costa; Barão (Libânio), Camilo (Inácio) e Baltasar; Valter, Manuel Fernandes e Manoel.

Entretanto, é já conhecido o sorteio das meias-finais da Taça Mohamed V, que terão lugar em 21 e 22 do corrente em Casablanca (Marrocos), e no qual participa o Sporting de Portuga. Sábado, 21 (Agosto); às 19 horas; W. A. C. Casablanca (Marrocos) contra o Anderlecht (Bélgica); e às 21 horas, O.G.C.Nice (França) contra o Sporting de Portugal. Domingo: às 10 horas, encontro de classificação para o terceiro lugar; e, às 21 horas, final dos vencedores.

NATAÇÃO

Chuva de recordes na piscina dos Olivais

Na piscina dos Olivais terminaram os Campeonatos de Portugal Verão-76, durante os quais foram superados nada mais nada menos que 56 recordes (de categorias e absolutos). Liliana Santos, entre as mulheres, foi a figura de proa das competições, quer pela categoria que demonstrou em todas as provas, quer pelos máximos alcançados, em juvenis (recordes absolutos), nos 200 metros estilos, 200 e 400 metros livres. A jovem promessa Fernanda Pedro, do União Piedense, esteve igualmente em plano de grande evidência, impondo-se nos 200 metros bruços (recorde de infantis), especialidade em que, em homens, triunfou o portista Vasco de Sousa, que também ultrapassou o recorde de infantis.

Além de Fernanda Pedro, que pode dizer-se ter sido a maior revelação destes campeonatos em que, sábado e ontem, foram pulverizados 31 recordes entre os de categoria e absolutos, também Paula Santana (200 metros estilos femininos), recorde de infantis e absoluto, Teresa Faria (Académico do Porto), que nos 400 metros livres femininos, Paula

Liliana Santos (Benfica), que foi, juntamente com a promessa Fernanda Pedro (U. Piedense), bem como Paula Santana (F.C. Porto), a nadadora de proa dos Campeonatos Nacionais efectuados na piscina dos Olivais. Liliana dos Santos só à sua conta «enfardou» os recordes dos 200 metros estilos femininos, 400 metros livres em juvenis

Barata Alves (Algés), Maria Luz (Porto) e Joana Delerue estiveram em plano de relevo alcançando marcas que passam a constituir recordes de categoria.

Entre os homens palmas para Rui Abreu, Gomes Pereira, Henrique Vicêncio, Paulo Frischnecht e Botelho de Melo, todos a darem seguras indicações do seu apuro de forma (tal como Palmira Andrade, uma atleta do F.C. do Porto), que superou, com Yokochi, Helena Fernandes, Luísa Cavaleiro, o Algés, em diversas categorias, e o F.C. do Porto vários recordes).

PORTUGAL

CARLOS LOPES EM ZURIQUE

Carlos Lopes, convidado para participar num encontro internacional na Suiça, parte amanhã para Zurique, acompanhado pelo seu técnico, prof. Moniz Pereira. O atleta olímpico português correrá quarta-feira, naquela cidade participando na prova dos 5.000 metros.

Lopes, medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Montreal nso 10.000 metros, tentará contra alguns dos melhores especialistas europeus bater o máximo de Portugal na distância dos 5.000 metros, que lhe pertencia (13m 24s) e que Aniceto Simões bateu nas eliminatórias de Montreal. Sexto melhor tempo do mundo dos 10.000 metros, Lopes foi também convidado para participar num encontro internacional de atletismo a realizar em Papendal, na Holanda, no próximo dia 25.

REMO

As tripulações estrangeiras (Náutico de Vigo e Avignon) arrecadaram a «parte de leão» nas regatas internacionais de Caminha, certame integrado nas comemorações de mais um aniversário do Caminhense e que contou dom a presença do secretário de Estado dos Desportos, dr. Joaquim de Sousa.

Eis os apurados:

Skiff juvenil — 1.º Náutico de Vigo (Espanha; 2.º Caminhense; 3.º Avignon (França).

Double Scull sénior — 1.º Avignon; 2.º Náutico de Vgo: 3.º Caminhense.

Shell de 4 juvenil — 1.º Galitos de Aveiro; 2.º Náutico de vigo.

Skiff sénior — 1.º Caminhense; 2.º Náutico de Vigo; 3.º Liceu Marítimo de Bouzas (Espanha).

Shell de 4 júnior — 1.º Caminense; 2.º Náutico de Vigo; 3.º Piceu de Bouzas.

Skiff júnior — 1.º Náutico de Vigo; 2.º Caminhense.

Shell de 4 sénior — 1.º Avignon; 2.º Caminhense; 3.º Flubial Vilacondense.

Shell de 8 sénior — 1.º Caminhense; 2.º Fluvial Portuense; 3.º Náutico de Vigo; 4.º Galitos de Aveiro.

Caminhos de Ferro Portugueses

Informações ao Público

Verbais e Telefónicas

Horário a praticar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro

LISBOA-ROSSIO:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Informações Telefónicas:
32 62 26 / 32 62 27 / 32 62 28
das 10.00 às 20.00 horas

LISBOA-SANTA APOLÓNIA:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Desporto

"Volta": a miséria dourada

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Com um ar de timidez que fica bem a nova roupagem envergada pelo ciclismo cá da terra, a «Volta» arranca esta tardinha para o contacto inicial com a estrada. Um a um, a centena de rapazes que se julgam capazes de prolongarem as proezas dos grandes nomes da pedalada abala à conquista de um prémio chorudo: 50 notas de mil, a foto nos jornais, entrevistas na TV, nome na Rádio, um regresso épico a terras metidas no meio de montes, onde a ronceira monotonia apenas agora quebrada, quando alguns dos seus filhos embalaram, trouxa ao ombro para a histórica aventura de devorar quilómetros sem sequer ficar a conhecer uma árvore ou um marco de estrada.

Ineditamente, a «Volta» 38 não abala do Porto ou de Lisboa, da outra banda ou à beirinha da Ponte da Arrábida. Por razões financeiras, teve de ir fazer «carroussel» ao Algarve e ali, amealhados uns cobres, mostrar a caravana ainda intacta aos veraneantes em Vilamoura, num contra-relógio, individual que, largando do largo fronteiro ao Casino onde se exibem esta noite os «Brother hood of man» se espalha por oito magros e serpenteantes quilómetros, colocados entre filas de turistas que vão imaginar serem cem velocipedistas a fina flor de praticantes neste rectângulo com fronteiras para o mar. Mas, de facto, os maiorias do luso ciclismo, andam por outras vidas, sem necessidade de rótulo que é anátema para a verdade dos factos.

Com efeito, esta «Volta» é o espelho de várias incongruências, a principal das quais reside logo no prémio (bem) financeiro que irá contemplar o «amador» que ficar de «amarelo» após os 1588 quilómetros do percurso oficial e dos diversos passeios de automóvel entre uma meta e a partida imediata, entre este prologozito nos Algarves e a talhada alentejana que, a sério, a sério mesmo, marca o verdadeiro principio voltista, na tardinha de 3.ª feira. Aí, sim: será o primeiro estender de peneira, a triagem n.º 1, a selecção de abertura entre as dezenas de rapazitos que mal se equilibraram num selim logo se imaginaram continuadores de Agostinho, Mendes ou Martins.

PRESENÇAS AUSÊNCIAS

Por falar nisto: a face mentirosa do «novo ciclismo» pintado com cores estranhas por diversos sujeitos totalmente desfasados da realidade, com o beneplácito de outro fulano que anos a fio espremeu até ao tutano tudo quanto o Ciclismo podia render (em matéria de escudos ou outros benefícios) impede que coloquemos hoje, na mesma estrada que vai ser percorrida por autênticos mas encapotados profissionais, os verdadeiros e legais labutadores de uma profissão-trabalho, que tiveram de emigrar para vender lá fora ao melhor preço a força dos seus músculos. Desdenhando ficar por aí carnavalescamente protegidos por uma regulamentação aberrante, que nem sequer individualiza como «trabalhadores do ciclismo», os «monitores» que a DGD enquadrou sob capa protectora. Estes homens, os Firminos e os Herculanos, vão regressar ao local de origem por 15 dias, rotulados com o mesmo amadorismo dos mocitos da Madeira ou do Pinheiro de Loures, o que é vergonha consagradora da loucura de certos visionários que por cá andam, a par de triste rubrica para os já arredados, que por mor destas e outras jogadas insólitas, recolhem à lareira apenas deixando saudade nos ex-empregados que, de bandeja estendida, vêem como é efemero o domínio e cruel a realidade do acordar sem garantia de qualquer futuro correcto, sem falhas, desenfeudado de uma ou outra bandeira. Melhor dizendo: sem a obrigatoriedade de dar vivas ou apupos para segurar um prato de lentilhas.

Agostinho, Mendes e Martins foram para a verdade: escolheram o caminho certo. Andrade, Leite, Gomes, Firmino, Herculano, Venceslau, muitos mais, aceitaram continuar drogados por esse estranho jogo de palavras, que, de uma hora para outra, lhes inocula no sangue um adormecimento que mais fará tornar cruel o despertar. **São feitios**, diria Solnado: **é uma tristeza**, garantem (em previsão) os conscientes de uma situação que tem tanto de irreal como de barrenta na firmeza do seu pedestal.

PALPITES:; INCÓGNITAS

Enfim: vamos à «Volta» com o ciclismo que há. Com emblemas muito prestigiosos, de braço dado com outros símbolos apressadamente desenhados em camisolas compradas ao monte na semana que passou. Partem, na mesma condição de paridade, **cavalões** do Benfica e Porto, atrevidos franganotes do Fafe e do S. Jorge Rijos e temperados «amadores» da Safina e do Sangalhos, tal e qual como estreantes da Madeira e da Facar, numa disparidade de posições que será bem mais fácil de entender à medida que o conta-quilómetros vá assinalando quantos ficam na berma da estrada.

Evidente que nem tudo é pessimismo: estarão a pedalar, nesse lote de «amadores oficiais», profissionais que nos habituaram, em anteriores corridas voltistas, a feitos e tarefas que implicaram nome em caixa alta. Veja-se, neste rol: José Luís Pacheco, Armindo Barradas, Fernando Vieira, Firmino Bernardino, Manuel Rego, João Sampaio, Joaquim Leite, António Marçalo, Joaquim Carvalho, Marco Chagas, Alfredo Gouveia, João Marta, Pedro Rodrigues, Vitor Rocha, Manuel da Costa, Manuel Silva, Eusébio Pereira, Orlando Alexandre, António Castro, José Amaro, Valdemiro Cardoso, Manuel Gomes, Venceslau Fernandes, Manuel Durão, Luís Gregório, José Madeira, Herculano de Oliveira, os manos Sousa Santos e, para cúmulo, até dois homens que, sempre absolutamente profissionais do ciclismo são os únicos que podem bisar triunfos na «Volta». Falamos de Joaquim Andrade (desta vez a envergar as cores da Safina) e Américo Silva que vai vestido pelo clube da sua terra (Manique).

Portanto, uma primeira análise capacita esta trintena de velocipedistas como os mais capazes de chegarem até à meta de Lisboa, se não sofrerem qualquer acidente ou o **maralhal** miúdo (pouco/nada habituado a andanças em grandes molhos) os não envolver em qualquer queda colectiva. Quanto aos 70 restantes, já será façanha não conhecerem a eliminação antes do tempo que calculavam vir convalescer da sua louca aventura de Verão.

DINHEIROS, CARÊNCIAS

Muita coisa se poderia dizer sobre o traçado, mas o homem que mais lutou para erguer a «Volta» (Idalino de Freitas, o **mosqueteiro ousado do ciclismo verde-rubro**) explicaria os seus argumentos socorrendo-se da necessidade da organização voltista arrecadar receitas que possam equilibrar um barco que parte para o mar sobre uma caixa de ar. Perto de 2300 contos estão envolvidos neste negócio de pedalada: sem as sempre consideráveis receitas nas Antas, mantendo-se em grande dúvida o aproveitamento de Alvalade para a chegada, carecendo o Louletano, o Tavira e o Sangalhos de fazerem intermuros uns cobres para o saquito, a Federação ficou espartilhada. E, com fria realidade no exame melhor não poderia fazer. Daí que tenhamos a «Volta» que os altos mentores do Ciclismo amordaçaram.

IR, FALTAR

Mesmo assim, foi difícil de erguer o castelo na areia: aqui há poucos dias ainda não se sabia de que fundo iam surgir os 350 contos necessários para a Comissão Central de Juízes e Cronometristas indemnizar os 27 filiados essenciais para o controlo de ciclistas e carros durante a «Volta». Patrocinadores de vários prémios foi coisa de estar sempre preso pelos cabelos: a maioria apenas surgiu quando já se desesperava, mesmo assim, por influência de Tomé de Barros Queirós, adepto do ciclismo e publicitário eficiente, que deu uma mãozinha à organização, talver por também já ter estado envolto em andanças parecidas, mas no tempo de vacas mais gordinhas.

Vários agrupamentos aparecem no Algarve constelados de problemas. Já para não falar na selecção madeirense (que nem calções trazia e quase na íntegra desconhecia que os sapatos de corrida exigem grossas traves para encaixe no pedal) basta acrescentar que, por ter falhado um patrocínio e o dinheiro estar desembolsado da carteira particular, o director-técnico do Costa do Sol (Francisco Lucas da Costa) teve de ficar na sua oficina, a atender clientes de ouvido no Rádio so 'arar pagar rapidamente os contos de réis que pediu emprestados para os rapazes das cercanias irem até à «Volta». Nasce, assim, uma drástica interrogação: inconsciência ou aventureirismo? Certeza de brilho ou vontade de arriscar na roleta?

Há, porém, gente mais firme, de cabeça mais fria: José Ribeiro (técnico do Mónica) despediu-se dos pupilos proclamando que não se metia em aldrabices. **Não posso admitir que uma dúzia de papões, como é o caso dos profissionais camuflados de amadores, ponham, como é o caso dos profissionais camuflados de amadores, ponham em risco a vida de dezenas de jovens com 17 e 18 anos, que é a idade dos corredores do Mónica e de outras equipas.**

Enfim: houve uns subsídios do erário público. Bateu-se a portas de gente amiga. Arranjaram-se técnicos a martelo e amadores à pressão. Deve ser notável a percentagem de gente que nunca andou numa corridinha ciclista: e, esta tarde, já estará a dar conselhos e apreconizar medidas salutares para uma modalidade, que uma vez mais, é agredida em toda a sua expressividade e no máximo da sua verdade. Amadores na estrada? Também há, pois então. São os 70 e tal que ninguém conhece e largaram a enxada, a pá, o martelo e o pincel, que disseram adeuas às aldeias pacatas incrustadas no verde e por aí fora vieram a 30 à hora, no último e mais apressado treino para a «Volta». Mas, o teste não se compadece com loucuras: e muitos vão sentir na pele a queimadura.

Outros aspectos marginais tornam esta 38.ª Volta a Portugal um caso insólito e digno de ponderação, a chamar urgente panaceia para os males do ciclismo da nossa loja. Efectuar-se uma corrida com um ror de principiantes, no pino do Verão sem pinga de água, é castigo que não se deseja nem a um credor, quanto mais a pobretanas que vão para a mesa do jogo só a pensarem que podem trepar até às uvas: 50 contos que irão retribuir, a três escudos e tal por quilómetro feito, o gigante que for o melhor de resistência. Por outro lado largar-se para a estrada uma resma de rapazes que vão estar sujeitos a desgastante e penoso esforço, sem um cuidado exame médico prévio, sem o mínimo absoluto do respeito pela integridade física de umas dúzias de inconscientes, é ferrete que marcará a corrida. Esta e todas as demais, que passam apenas por denominados «Centros de Medicina Desportiva» onde talvez se assim assinem decruz sentenças de morte, a curto ou médio prazo.

Américo Silva: venceu a prova, como profissional, em 1968. Já lá vão oito anos, e mesmo no Manique o antigo ciclista do Benfica é um dos candidatos à vitória final

ROTEIRO A VENCER

Dia	Etapa	Part.	Cheg.	Localidades	Km.
16	Prólogo	16.00	____	VILAMOURA (contra-relóg. ind.)	8
17	1.ª-A	10.30	12.30	VILAMOURA-LOULÉ Corte Garcia-Porto Nobre	70
17	1.ª-B	17.00	____	PISTA DE LOULÉ	2
18	2.ª-A	10.00	12.00	LOULÉ-TAVIRA Salir-Barranco do Velho-S. Brás de Alportel	66
18	2.ª-B	17.00	____	PISTA DE TAVIRA	2
19	3.ª	14.30	19.30	ÉVORA-SERTÃ Arraiolos-Ponte de Sôr-Gavião-Mação-Vila de Rei	185
20	4.ª-A	10.00	13.30	SERTÃ-MEALHADA Pedrógão Grande-Castanheira de Pera-Lousã	135
20	4.ª-B	17.00	____	PISTA DE SANGALHOS	2
21	5.ª	14.00	19.30	MEALHADA-PAREDES Águeda-Albergaria-a-Velha-Sever do Vouga-Vale de Cambra-Castelo de Paiva-Entre-os-Rios-Paço de Sousa	156
22	6.ª	09.00	12.30	PAREDES-GUIMARÃES Penafiel-Lixa-Fafe-Póvoa de Lanhoso-Bom Jesus-Taipas	120
22	7.ª	17.00	____	CIRCUITO DE VILA DO CONDE	60
23				Descanso em Vila do Conde	
24	8.ª	15.00	19.30	VILA DO CONDE-ESPINHO Póvoa de Varzim-Esposende-Barcelos-Braga-Vila Nova de Famalicão	134
25	9.ª	17.00	19.30	ESPINHO-OLIVEIRA DE FRADES Ovar-Estarreja-Angeja-Albergaria-a-Velha	90
26	10.ª	15.00	19.30	OLIVEIRA DE FRADES-COVILHÃ Vouzela-S. Pedro do Sul-Viseu-Mangualde-Fornos de Algodres-Celorico da Beira-Guarda	168
27	11.ª	10.00	10.45	COVILHÃ-PENHAS DA SAÚDE	14
27	12.ª	16.00	19.30	COVILHÃ (Torre)-COIMBRA Seia-Assamaça-Oliveira do Hospital-Candosa-Tábua-Rojão-Penacova	126
28	13.ª	17.00	____	CIRCUITO DA MEALHADA	68
29	14.ª	08.30	12.30	COIMBRA-SANTARÉM Condeixa-Penela-Vendas das Figueiras-Pereiro-Tomar-Asseiceira-Entroncamento-Golegã-Chamusca-Alpiarça-Santarém	147
29	15.ª	16.00	____	VILA FRANCA DE XIRA-LISBOA (Contra-Relógio individual)	35
					1 588

FAÇA VOCÊ MESMO COM Black & Decker

pitralon 2000
O after shave do homem moderno

Desporto

Dinheiros em equação

Apesar de tudo, para amadores (ex-profissionais, seniores ou especiais), vale a pena reter (e referenciar) a lista dos prémios monetários em leilão (mesmo com a vida cara e o que mais se verá): **ETAPAS: Estrada**: 1.º, 2500$00; 2.º, 1000$00; 3.º, 800$00; 4.º, 500$00; 5.º, 300$00.

C/r em estrada e prólogo: 1.º, 3500$00; 2.º, 1500$00; 3.º, 1000$00; 4.º, 750$00; 5.º, 500$00.

Pista: 1.º, 1000$00; 2.º, 500$00; 3.º, 300$00; 4.º, 200$00; 5.º, 100$00.

Não haverá prémios oficiais quando a média for inferior a 34 km/h, com excepção das etapas que incluirem contagens de 1.ª categoria para o Prémio da Montanha.

Será atribuído um prémio especial de 300$00 por cada minuto de avanço que os vencedores das etapas de estrada, em linha, consigam sobre o 2.º classificado, até ao máximo de 5 (cinco) minutos.

PRÉMIO DA MONTANHA. **Nas etapas**: 1.º classificado, 1.ª cat. 800$00; 2.ª cat. 600$00; 3.ª cat. 500$00; 2.º classificado 600$00; 500$00; 300$00; 3.º classificado, 400$00; 300$00; 200$00.

Final: 1.º classificado, 10 000$00; 2.º classificado, 5000$00; 3.º classificado, 2000$00

Camisola azul: diária de 300$00.

Havendo mudança de camisola no mesmo dia o prémio será dividido.

CLASSIFICAÇÃO POR PONTOS: 1.º classificado, 10 000$00; 2.º classificado, 5000$00; 3.º classificado 2000$00.

Camisola verde: diária de 300$00.

Havendo mudança de camisola no mesmo dia, a diária será dividida.

Conta para a classificação por pontos as posições conquistadas nas metas volantes mais as das etapas.

METAS (volantes): 1.º classificado em cada meta, 500$00.

PRÉMIO DA COMBATIVIDADE: Ciclistas mais votados, em cada etapa de estrada em linha (mínimo de 5 votos), 500$00.

PRÉMIO DO AZAR: Ciclista mais votado em cada etapa (mínimo 5 votos), 500$00.

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL: 1.º, 50 000$00; 2.º, 30 000$00; 3.º, 20 000$00; 4.º, 15 000$00; 5.º, 12 000$00; 6.º, 10 000$00; 7.º, 9000$00; 8.º, 8000$00; 9.º, 7000$00; 10.º, 6000$00; 11.º, 5000$00; 12.º, 4000$00; 13.º, 3000$00; 14.º, 2000$00; 15.º, 2000$00; 16.º, 1000$00; 17.º, 1000$00; 18.º, 1000$00; 19.º, 1000$00; 20.º, 1000$00.

Portador da camisola amarela: diária de 500$00.

Havendo mudança de camisola no mesmo dia o prémio será dividido.

CLASSIFICAÇÃO GERAL (Colectiva); Clube 1.º classificado, 15 000$00 e Taça; 2.º, 8000$00 e Taça; 3.º, 5000$00 e Taça; 4.º, 3000$00 e Taça; 5.º, 2000$00 e Taça.

Vencedores da prova

O ano findo, como é do conhecimento público, não tivemos edição da Volta a Portugal em Bicicleta. Ao cabo de 37 corridas Alves Barbosa e Joaquim Agostinho continuam a deter o recorde de vitórias, com três cada um. Enquanto que o primeiro venceu as «Voltas» de 1952, 1956 e 1958, Agostinho é autor de outra proeza ímpar ao ganhar três vezes consecutivamente: 1970, 1971 e 1972. Na 38.ª edição quem «renderá Fernando Mendes (o último vencedor)?

Eis o quadro de honra:

1927	António Augusto de Carvalho	(Carcavelos)
1931	José Maria Nicolau	(Benfica
1932	Alfredo Trindade	(L.C.Rio de Janeiro)
1933	Alfredo Trindade	(Sporting)
1934	José Maria Nicolau	(Benfica)
1938	César Luís	)Leões de F.Alentejo)
1939	José Albuquerque (Faísca)	(Campo de Ourique)
1940	Joaquim Fernandes	(C.U.F.)
1941	José Albuquerque (Faísca)	(Sporting)
1946	Francisco Inácio	(Sporting)
1947	José Martins	(Iluminante)
1948	José Martins	(Benfica)
1949	Fernando Jorge Moreira	(F.C.Porto)
1950	Dias dos Santos	(F.C.Porto)
1951	Dias dos Santos	(F.C.Porto)
1952	Alves Barbosa	(Sangalhos)
1953	Fernando Moreira de Sá	(F.C.Porto)
1955	Ribeiro da Silva	(Académico)
1956	Alves Barbosa	(Sangalhos)
1957	Ribeiro da Silva	(Académico)
1958	Alves Barbosa	(Sangalhos)
1959	Carlos Carvalho	(F.C.Porto)
1960	Sousa Cardoso	(F.C.Porto)
1961	Mário Silva	(F.C.Porto)
1962	José Pacheco.	(F.C.Porto)
1963	João Roque	(Sporting)
1964	Joaquim Leão	(F.C.Porto)
1965	Peixoto Alves	(Benfica)
1966	Francisco Valada	(Benfica)
1967	Houbrechts	(Flandria)
1968	Américo Silva	(Benfica)
1969	Joaquim Andrade	Sangalhos)
1970	Joaquim Agostinho	(Sporting)
1971	Joaquim Agostinho	(Sporting)
1972	Joaquim Agostinho	(Sporting)
1973	Manzaneque	(Messias)
1974	Fernando Mendes	(Benfica)
1975	Não se realizou	
1976	?	

Mandatários

Estão totalmente preenchidos os cargos oficiais desta «Volta»: Idalino de Freitas (presidente do júri), Sidónio de Sousa (director da corrida), júri constituído ainda por Mário Ferreira (delegado das Associações) e Francisco Nunes (representante da Comissão Central de Juízes e Cronometristas), Manuel Rocha e Amândio Cardoso (juízos de chegada), Manuel Santos e António Rainha cronometristas), dr. Barreiro de Magalhães (médico), tenente Carlos Alberto Escada (comandante da Brigada da GNR que, incluindo o sargento Dias Costa e mais 18 motociclistas da corporação, vai orientar o trânsito), Fernando Paixão e Rodrigues Pinto (administradores), Fernando Duarte (tesoureiro), Manuel dos Santos e Carlos Santos (secretários), Manuel Trabulo e Carlos Fernandes (comissários de alojamentos); Alberto de Oliveira e António Dias (estafetas-motos); Fernando Salazar e António Dias (comissários de metas). Em tempo: os CTT designam hoje quem será o chefe que renderá o «habitual» Rodrigo Ferreira, na tarefa de comandar os serviços de transmissões entre os orgãos informativos presentes na corrida e as respectivas redacçoes espalhadas pelo País.

Bicicletas MERCIER
IBA LIMITADA
Lisboa - Porto

Outro dos candidatos ao triunfo final é Joaquim Andrade, que também já venceu a prova (1969), beneficiando de uma discutível desclassificação de Joaquim Agostinho. Este ano corre, como amador. A gente vai ver como é isso de se safar com a Safina

A nossa equipa de reportagem viaja num
FIAT

Tarefa para amanhã

Depois do «prólogo» (8 km em Vilamoura) a Volta espreguiça-se amanhã por dois trabalhos: a ligação Vilamoura-Loulé (70 km) e dois mil metros na pista louletana, numa perseguição individual.

Às 10 e 30 abala-se, de Vilamoura, logo com uma volta completa ao circuito do «prólogo», desta feita em sentido contrário ao que deve ser percorrido hoje. Depois, segue-se por Benafrim, (11 e 30), Corte Garcia (12,08) e Porto Nobre (12 e 12), até se entrar em Loulé, pela Avenida Mealha. A chegada à pista está prevista para as 12 e 27.

O contra-relógio inicia-se pelas 17 horas: as voltinhas devem prolongar-se até ao pôr do sol, tantos os ciclistas em prova.

Europeia
a experiência ao serviço do turismo

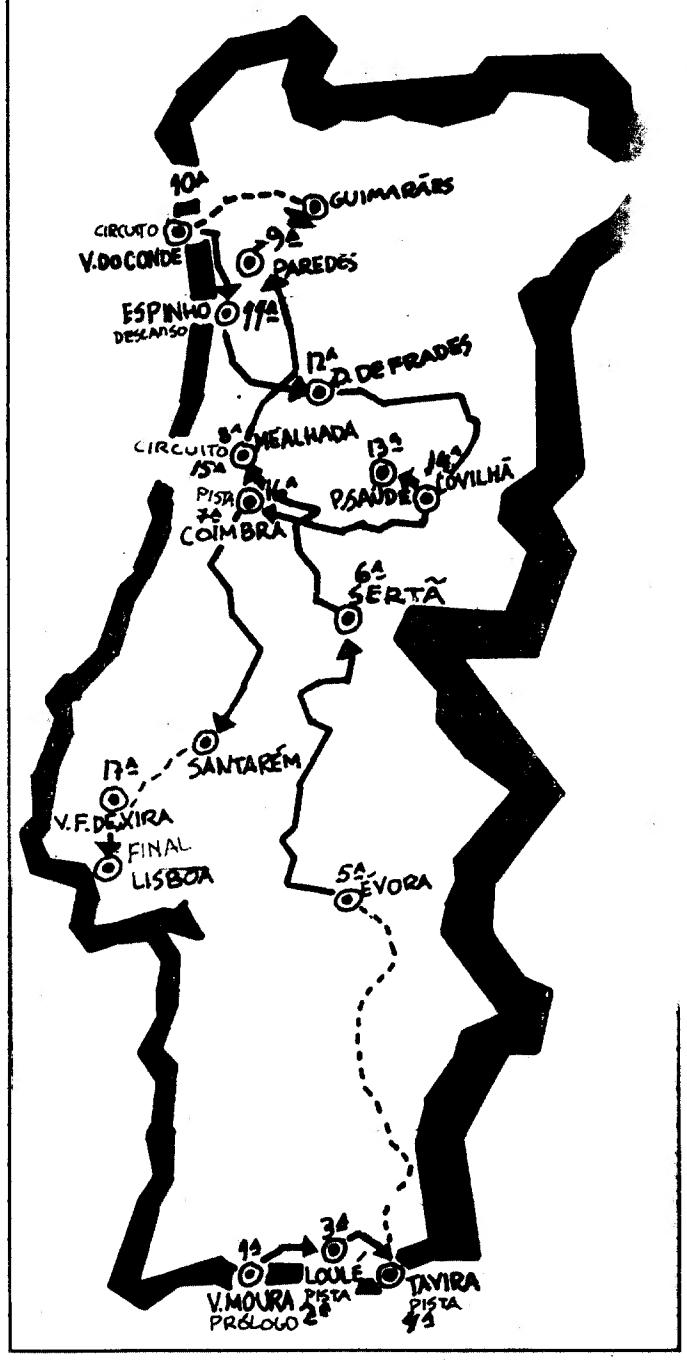
Elias Campos venceu o "Tri-Naranjus"

Elias Campos (do Lousã) adiantou-se categoricamente a Lima dos Santos no contra-relógio de ontem da prova «Tri-Naranjus», entre o Carregado e Pontével, vencendo sensacionalmente o «crono» e a corrida, que se disputou no espaço de duas semanas, em três etapas e a «prova verdade», ontem, entre aquelas duas localidades. Lima Fernandes (do Bombarrelense), filho do conhecido e rápido ciclista dos anos 60 não resistiu ao possante Elias Campos na corrida mais importante e viu-se, assim, afastado da primeira posição que conquistara logo na primeira etapa.

Ente o Carregado e Pontável verificou-se um acidente com António dos Santos, que foi atropelado por um carro de apoio e teve de ser transportado, de urgência, para o Hospital de S. José, onde ainda se encontra, embora o seu estado não tenha atingido a gravidade que inicialmente se receava.

Entretanto, na prova de sábado entre Loures e APalmela (com os ciclistas a sentirem as dificuldades próprias das subidas do Cabeço da Rosa e Palmela, Florentino Monteiro, da equipa de Lima Fernandes (Bombarralense) adiantou-se com António Coelho (Almada) para a meta onde os dois ciclistas precederam Lima Fernandes e Joaquim Paulino em 1 m e 21 segundos. Elias Campos foi o quinto classificado iom mais 1m e 21s.

Classificação da etapa: 1.º, Florentino Monteiro (Bombarralense), 2h 23m e 25s; 2.º, António Coelho (Almada), m.t.; 3.º Lima Fernandes (Bambarralense), 2,24,43; 4.º, Jaciento Paulino (Manique), m.t.; 5.º, Elias Campos (Lousã), 2,24,46.



AUTOMOBILISMO

Vitória de Watson no G.P. da Áustria

O irlandês John Watson, em «Penske» foi o vencedor do Grande Prémio da Áustria de Fórmula 1, disputado ontem no circuito de Zeltweg. Classificaram-se a seguir o francês Jacques Laffite, em «Ligier-Gitane», e o sueco Gunnar Nilsson, em «Lotus JPS».

Esta 11.ª prova do Campeonato Mundial de Condutores comportou 54 voltas ao circuito de Zeltweg, num total de 319,200 km.

Foi uma surpreendente vitória, a sua primeira em Fórmula 1, a que o irlandês John Watson alcançou em Zeltweg, no Grande Prémio da Áustria.

Watson pilotando um «Penske», conduziu a prova durante as duas primeiras voltas para ceder, depois, o comando ao sueco Ronnie Peterson desde a 3.ª até à 11.ª passagem. Entretanto, o irlandês voltou a colocar-se à frente, conservando esta posição até ao fim.

Dos 25 corredores que alinharam à partida, apenas 12 completaram a prova. James Hunt fez a volta mais rápida e estabeleceu um novo «record» com o tempo de 1' 35" 91, à média de 221, 813 km/h.

Classificação da prova:

1.º, John Watson (Irlanda) em «Penske», 1 h 30' 07" 86 (média: 212, 432 km/h); 2.º, Jacques Laffitte (Fr.), «Ligier Matra», 1 h 30' 18" 65; 3.º, Gunnar Nilsson (Suécia), «Lotus», 1h 30' 19" 84; 4.º, James Hunt (G.B.), «MacLaren», 1h 30' 20" 30;

PHILIPS

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 14

OS TRÊS DEMOCRÁTICOS

Mas escusamos de ir mais longe para dar prova da deliberada política reaccionária do Mao e Esposa.

Nesta sessão foi declarada a vontade da China de ter relações com todos os partidos democráticos da Europa. O que logo se via por aquela delegação onde estavam presentes os três grandes partidos democráticos portugueses.

Quem seriam, pela amostra junta, o PS (ah, pobre PS, as companhias em que tu andas!) e ainda a AOC e o PPD...

Não vou comentar nem ao de leve. Não quero fazer semelhante ultraje à inteligência do leitor. Quero só que pensem na relação que há entre a avaliação democrática dos últimos dois agrupamentos e a política internacional da China.

Sim. Começamos a compreender...

MOCAS HÁ MUITAS

A vergonha máxima da água-benta lançada sobre o imperialismo vai ao ponto de se dizer, pela boca de um dos participantes na sessão que **a independência do nosso país é ameaçada principalmente pelo social-imperialismo russo!**

Quer dizer: se houvesse alguma dúvida das intenções e dos cordelinhos que as puxam, aquela frase bastava para a eliminar. E se nos lembrarmos que tais irresponsabilidades passaram sem a mais leve oposição de D. Helena, ficamos com uma ideia de como certas forças pretendem utilizar o poderoso meio que é a Televisão para obter efeitos anticomunistas que, em última análise, abrem caminho à mais negra das reacções, alimentam a histeria anticomunista com 50 anos de exercício, intoxicam populações onde não chegam nenhuns outros meios de informação, fomentam um clima de incompreensão e de hostilidade onde soçobra todo o espírito democrático.

Estas mocas electrónicas preparam sementeiras de outras mocas.

D. HELENA ACERTA

Ingenuidade da Televisão? Não me lixem! Quando se convida um Eduíno, um Álvaro de Vasconcelos, um Guerra, já se sabe que eles não desistirão do seu ofício de alma que é o anticomunismo.

Grave, mais grave, é o comportamento de D. Helena Vaz da Silva. A facilidade com que se referia ao «imperialismo soviético» denotava bem que a madama pretendia entrar no jogo pela porta mais perigosa que é a da naturalidade. A partir de certo momento, certas expressões, se usadas como quem não repara nelas, começam a fazer parte do vocabulário comum através do qual, mais do que o consciente, se modela o subconsciente.

Outros exemplos da boa-von-

Esuíno, perdão! Eduíno con-

nunciar as suas «mentiras».

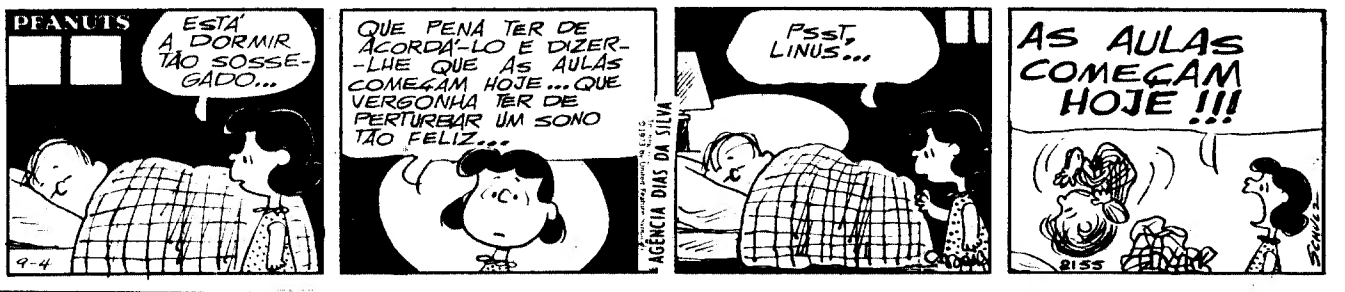
sim se tema a cultura, assim que respeita aos museus os exemplos podem multiplicar-se

Que f e l izmente agora está prestes a ac a bar, d e pois do imenso trabalho da sua reorganização. O levantamento do Museu, o seu acordar dentre as cinzas foram-nos comunicados pelo prof. Mário Silva.

Logo Helena Vaz da Silva:

— Está visto, Rádio Moscovo não fala verdade...

Para os mais novos, lembro que «Rádio Moscovo não fala verdade» era uma rubrica da Emissora Nacional salazarista em que também se «denunciava» as suas «mentiras»..



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral limpo, o vento era fraco e havia neblina ou bruma em várias regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA Máxima 36°
PENHAS DA SAÚDE Mínima 9°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo; vento fraco; neblina ou nevoeiro matinal no Litoral Oeste a norte do Cabo Espichel no interior e regiões do Centro

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	20°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	21°
LISBOA	22°
FARO	25°
FUNCHAL	25°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.54	3,5 m	1.08	1,4 m
20.13	3,4 m	13.27	1,6 m
Dia 17			
8.41	3,3 m	1.54	1,6 m
21.07	3,2 m	14.22	1,8 m
Dia 18			
9.46	3,2 m	2.53	1,8 m
22.23	3l1 m	15.35	1,9 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.52
OCASO ÁS 20.29

DIA 18 DIA 24 DIA 1 DIA 8

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons:23/4 %	275$	275$	—
Cons.3%	300$	300$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350$	—
Centenários	—	800$	—
Tes.5%	—	780$	—
Tes. 10%	500$	500$	510$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450$	—
Extern. 3.ª - s.	—	460$	—
Extern. 3.ª - c.	—	500$	—
Caut. 3.ª - s.	—	145$	—
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	700$	750$
C.M.L. 5 3/4 %	—	730$	—
C.P. 5 1/2% — 67	—	600$	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	—	590$	—
C.P. 5 1/2% — 69	—	590$	—
Corr. 5 3/4%	—	—	—
Metr. 5 3/4 %	—	810$	—
Tur. 5 3/4%	—	850$	—
C.P. 6 3/4 %	—	—	800$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	—	—	—
G. 5 % — 59	—	—	680$
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	—	700°	—
G. 6 % — 69	—	700$	—
G. 7%	—	850$	900$
H.E.A.A. 5%	—	550$	—
H.E.C. 5 %	—	—	—
H.E.C. 6 %	—	710$	—
H.E.D. 5%	—	545$	—
H.E.D. 6%	—	—	—
H.E.N.P. 5 %	—	740$	—
H.E.S.E. 5%	—	—	—
H.E.S.E. 6%	—	670$	—
H.E.Z. 5 % — 57	—	—	—
H.E.Zêz. 6%	—	—	—
N. Elec. 5%	—	540$	—
N. Elec. 6%	—	640$	—
Termoel. 5%	—	540$	—
U.E.P. 5 % — 60	—	—	700$
U.E.P. 5 % — 63	—	—	—
U.E.P. 6%	—	700$	M
U.E.P. 7%	—	700$	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	—	690$	—
A.P.T. 5 % — 58	730$	670$	—
Lisnave 6%	—	730$	—
Nitratos — 60	—	610$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7%	—	780$	800$
Sacor 5% — 54	—	—	—
Sacor 5% — 60	—	750$	—
Sid. 5% — 2.ª	—	635$	650$
Sid. 5% — 3.ª	—	620$	—
Sid. 5% — 4.ª	—	620$	650$
Socel 5%	—	—	—
R. Fabril — 67	710$	705$	715$
R. Fabril — 68	—	719$	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5%	—	—	—
Rev. 5 % — 57	—	—	—
Rev. 5% — 59-60	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

1.º Programa

16.00: 38.ª Volta a Portugal em Bicicleta — apontamentos de reportagem do circuito «Contra Relógio Individual» em Vilamoura — música variada — a nova canção espanhola; **17.30:** Orquestras; **18.00:** Música portuguesa; **19.00:** Música variada; **20.00:** Jornal da noite; **20.30:** Instrumentistas; **21.00:** Pedaladas da «Volta» — contraponto — editorial — apontamentos de teatro; **00.00:** Último jornal; **00.30:** Jazz; **01.00:** Música na noite.

2.º Programa

16.00: 1.º e 2.º actos da ópera «O Rei Pastor», de Mozart; **17.25:** Música de órgão; **17.40:** Música de câmara; **18.26:** Música sinfónica; **19.18:** Drama sinfónico «Sócrates», de Erik Satie; **20.00:** Obras de Bach; **20.42:** Suite n.º 2 do bailado «Daphnis et Chloé», de Ravel; **21.00:** O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00:** Obras de Poulenc; **23.00:** Intercâmbio musical; **23.35:** Sonata para violino e cravo, n.º 6, de Bach; **23.55:** Música sinfónica; **01.00:** Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante (continuação); **16.15:** Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40:** Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **17.10:** Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30:** Teatro em variante, por Fernando Midões; **18.00:** Contacto; **21.00:** Música, só música; **21.30:** Quando o telefone toca; **23.05:** Hora luterana; **23.20:** A música e as vozes.

3.º Programa Local (187,5 m)

18.00: Entardecer — de vez em quando; **19.30:** Romance de uma cidade (repetição) — cartas a ninguém; **21.00:** Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00:** Canções; **18.00:** Apenas música; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Orquestras; **21.00:** Concerto; **22.00:** Auditório; **24.00:** Prisma; **02.00:** Fecho.

16.05: Sequência da tarde; **18.05:** Trechos seleccionados; **18.15:** Igreja em notícia — palavra do dia; **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00:** Objectivo; **21.05** Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Temas vivos; **23.05:** Trifónico; **23.30:** Estante giratória; **00.00:** Meditando; **02.00:** Encerramento da estação.

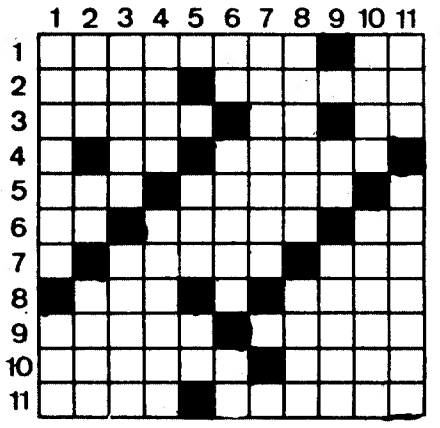
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11445

HORIZONTAIS:

1 Desmanchar. Amónio (s.q).
2 Grande afeição. Nome dado à Lacónia em memória do rei Ebalo.
3 Ventas. Abreviatura que se usa em música. compaixão.
4 Preposição e artigo. Em má hora (ant).
5 Oferecer. Afia.
6 Brisa. Mercê. Cério (s.q).
7 Sorvo. Preposição.
8 Apelido. O mesmo que atole.
9 Esqueça. Rumina.
10 O mesmo que soneca. Investigação (fg).
11 Aneis. Acreditamos.



VERTICAIS:

1 Malévolas. Sufixo que designa abundância.
2 Nome de mulher. Aparência. Grande afeição.
3 Transformar em soro. Que consta de três.
4 Educo. Bradas.
5 Árara. Átomo.
6 Pronome reflexo. Safa. Antes de Cristo.
7 Cidade da Bretanha.
8 Raspara. Arbusto violáceo de Angola.
9 Miriare. Gastem.
10 Ópera de Verdi. Diponho.
11 Extremidade do braço. Lanças as sementes.

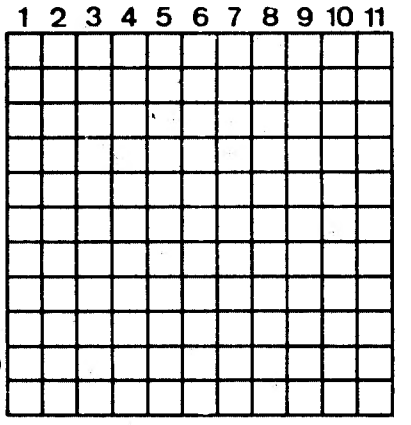
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7605

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Olhinho. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
2 Fronteira. Nome de Planeta.
3 Recuam. Apelido.
4 Autores. Preposição. Preposição e artigo definido.
5 Ribeira de Portugal. Grande quantidade.
6 Campeão. Aqui. Recusa.
7 Uma das Esporades. Campeão. Mil e cem em romano.
8 Irmãos do pai. Em partes iguais
9 Apelido. Catedral. Irmão de Abel.
10 Vagabundos. Instrumento musical de sopro.
11 Grande afeição. Serra de Portugal.



VERTICAIS:

1 Governanta. Despendia.
2 Bolsa. Fora para fora.
3 Artérias. Triturado.
4 Jogo também chamado da Glória. Vãos. Distar.
5 Municípios. Isolado.
6 Influência (fig).
7 Cantão da Suiça.
8 Rezo. Relativo a oásis.
9 Planta vivaz e medicinal. Falda.
10 Gordura. Nome de um mês.
11 Mentira (pop). Matizes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11444

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 CALAR. É. Bar.	1 SABEDORIA.
2 Varar. Data.	2 Avis. Real.
3 Sinas. Polos.	3 Lançara.
4 Asco. Casino.	4 Arão. Airada.
5 Aos. Zás.	5 Ras. Assomar.
6 Eiras. A.R.	6 Co. Raso.
7 Ais. Am. at.	7 Passa.
8 Or. Ror. As.	8 DOS. Maomé.
9 Recamado. El.	9 Baliza. Ir.
10 Ia. Dás. Mimo.	10 Atonara. Ema.
11 Álvaro. Eras.	11 Rasos. TOLOS.

Provérbio: CALAR É SABEDORIA DOS TOLOS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7604

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Renal. Afoga.	1 Ralar. Ítaca.
2 Amaro. Pirar.	2 Em. Mossa. Aí.
3 Toa. Aal.	3 Natal. Ria.
4 Amas. Saba.	4 Aros. Amigo.
5 Rol. Iam. Res.	5 Loa. Iroso.
6 Ar. Amar.	6 Fa. Arpo.
7 Istmo. Sra.	7 Apa. Marrã.
8 Ta. Isara. Ad.	8 Fias. Fr.
9 Agora. Cri.	9 Orlaras. Cai.
10 Caio. Faia.	10 Ga. Berraria.
11 Air. Soarias.	11 Arcas. Adias.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO S-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.Casas Novas, lote 66 (B.Encarnação, 7) (T.310172)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Délio, R.Açores, 32 (T.52388)
BENFICA
Marques, E.Benfica, 648 (T.700096)
CA;VÁRIO
Lúpi Nogueira, R.José Dias Coelho (antiga R.da Creche) (T.631635)
CAMÕES
Véritas, R.Misericórdia, 135 (T.324554/327563)
CAMPO DE OURIQUE
Urbano Freitas, R.Silva Carvalho, 1-9 (T.66838)
CAMPO PEQUENO
Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T.774920)
LUMIAR
alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T.790942)
MARQUÊS DE POMBAL
Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T.45048)
PENHA DE FRANÇA
Europa, Av. General Roçadas, 27-A/B (T.843980)
PICOAS
Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (T.47213)
SAPADORES
Zema, R.General Justiniano Padre, 21 (à C.Barbadinhos) (T.832580)

TURNO S-2

TODA A NOITE

ALAMEDA AFONSO HERIQUES
Eusil, R.Barão de Sabrosa, 104 (T.841912)
AREEIRO
Chinde, R.Agostinho Lourenço, 6-8 (T.710331)
ALVALADE
Líbia, Av. Igreja, 4-B/C (T.891681)
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstimo, 44-C (T.40592); **Palma**, Av. Duque de Ávila, 125 (T.452252o
CAMPOLIDE
Salutar, R.B., 75-A/B (À Av. ea Liberdade) (T.683694)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, R.D.Maria Pia, 514 (T.667949)
ESTRELA
Janeiro, Av. Álvares Cabral, 100 (ao Liceu Pedro Nunes) (T.661453)
LAPA
Rodrigues e Aires, R.Lapa, 52-54 (T.662246)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, R.Margem, 15-B (ao B.Grilo) (T.382470)
MARQUÊS DE POMBAL
Liberal, Av. da Liberdade, 219 (ao Marquês de Pombal) (T.43641)

MOURARIA
Ferrão, R.Mouraria, 12 (T.860464)
PALHAVÃ
Aguiar, Av. Columbano

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C.G.Guerra, 166 (T.2113953)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Toda a noite
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-A (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (T.260087). Toda a noite
CASCAIS
Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 22 horas; **Cascais**, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **HElénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.928703)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
QUELUZ
Serra e Pinto, Av. J.António C.Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALAMDA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T.2766498)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62 (T.270121)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Costa, L.da Misericórdia (T.22760); **Brasil**, P.do Brasil (T.24788)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 1

ATÉ ÀS 22 HORAS

Clérigos, R.dos Clérigos, 36; **Cruz**, R.de Costa Cabral, 1082; **Maia**, R.do Campo Alegre, 192; **Botelho**, R.da Alegria, 863; **Estácio**, R.Sá da Bandeira, 120; **Guarani**, R.Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, P.Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227; **Lidador**, R.do Lidador, 171

TODA A NOITE

Campos, R.Padre Luís Cabral, 943, Foz; **Monte dos Burgos**, R.do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, R.da Conceição, 2; **Alves Moreira**, Av. Rodrigues de Freitas, 167

COIMBRA

Nazaré, R.Ferreira Borges, 135 (T.22605); **Santa Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28 (T.24916); **Solum**, R.Carolina Michaelis, 20 (T.72120)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30, 22.30 (18 anos)
«A Grande Cégada»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

EUROPA
21.30 (6 anos)
«Meu Irressistível Selvagem»

CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»

SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas»

PARIS
21.30 (10 anos)
«Rei Sem Coroa»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Justiceiro da Noite»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Valdez»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Que Noite de Núpcias»

IDEAL
21.15 (18 anos)
«Caça Grossa»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Estado de Emergência»

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Frankenstein Junior»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Convite»

OUTRA BANDA

ALAMDA
Incrível
21.15 (13 anos)
«A Vingança de Monte Cristo»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«La Bambina — Uma Nova Forma de Amar»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinitá Cow-Boy Insolente»

TRINDADE
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»

TERÇO
21.05
«O Hotel da Barafunda»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Canção da Noruega»

S. JOAO
21.15 (13 anos)
«Henessy, o Militante»

BATALHA-BEBE
22.00 (13 anos)
«Os Violinos do Baile»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«As Francesas e as Gaivotas»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os Malditos»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Empresta-me o teu Motorista»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Cama e o Meu Castelo»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«O Assassino de Saias»

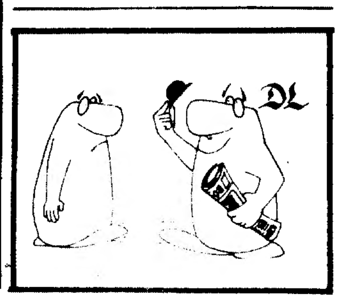
SA DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Os Canhões de Navarone»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«As Aventuras Heróicas dos Três Mosqueteiros»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Adeus Bruce Lee»



cinemas

CASTIL
Tel. 630194 — 15, 17, 19 e 21.15
Colorido Int. a menores de 18 anos
3.ª semana
Quando o amor livre tem encanto... não é imoral!
AMORES SEM FREIO

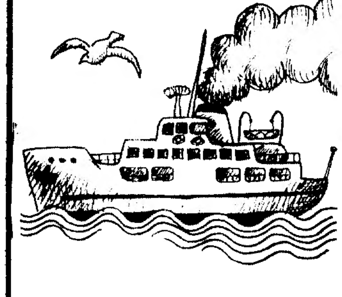
IMPÉRIO
T. 555134/5 — 14.30, 18.00 e 21.15
M. 10 anos
LAWRENCE DA ARÁBIA
Peter O' Toole-Alec Guiness e Omar Sherif
7 óscares-37 prémios internacionais
3.ª semana

POLITEAMA
T. 323805 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Um êxito ultra-sensacional
Int. men. 18 anos
EXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SE«R CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

VOX
T. 720808 — 15.15, 18.15 e 21.15
Para todos
O maior êxito em comédia musical!
CHITTY CHITTY BANG-BANG
Dick Van Dick - Leonel Jeffries

ROMA
Tel. 727778 — 15,30, 18,30 e 21,15
Interdito a menores 18 anos
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
14.ª Semana

MUNDIAL
Tel. 538743 14,15, 16,30, 18,45, 21,15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA NEVE NA PRIMAVERA
o filme começa 5 mn. ap. a sessão



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71-36 25 01-68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

BARES · BOITES
DANCINGS

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859 368197). Marta Mónica Stripteaseuse.
CASINO DO ESTORIL ... Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 — 15.00 e 21.00
Não aconselhável a Menores de 13 anos
Uma história imortal! um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable Vivien Leigh Leslie Howard
10.ª SEMANA!

EDEN
T. 320768 — 14,00, 16,30, 19,00 21,15
Não acons. a men. de 13 anos
Nunca os sete mares foram devassados por tal aventura!
O PIRATA NEGRO
com Bud Spencer e Terence Hill

ODEON
T. 326283 — 15.15-18.15 e 21.15
Mairores 14 anos
2.ª Semana de enchentes
Um filme que revive o drama das mães solteiras
O DIREITO DE NASCER
com Aurora Bautista e Julio Aleman
Um problema em louvor da existência dos filhos do pecado

APOLO 70
Tel. 763311 14,00, 16,30, 19,00, 21,15
Não acons. men. 18 anos
YAKUZA
Hoje às 24 h.
Grupo B (M/10 anos)
CAVALGADA SANGRENTA
com Robert Horton

CASINO ESTORIL
T. 264521/264996 — 17.00 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
ESTADO DE EMERGÊNCIA
c/ Sean Connery-Jonnes Maxxell

S. JORGE
Tel. 554153/4 — 15.15, 18.15 e 21.15
Nao acons. a men. 18 anos
«MR. HÉRCULES CONTRA KARATE»
Colorido-Panavision

RESTELO
Tel. 610375 — 21.00
Não acons. a men. de 18 anos
MENINAS BEM

AVIS
Tel. 47163 — 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
BOBBY
7.ª Semana

ESTÚDIO
T. 555134 — 15,17,19 21,15
Não acons. a men. de 13 anos
TUDO A POSTOS, NADA EM ORDEM

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 — 15.30, 18.30 e 21.15
não acons. m/18 anos
FERIAS VIOLENTAS
um filme de Yves Boisset

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel. 2930394 — 21.15
Int. men. 18 anos
A ESPADA DO SOL

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — Às 21.15
M/ 6 anos
A VIGANÇA DOS IRMÃOS BLUE

UNIVERSAL
Tel. 774402
Às 16.30, 22.30 (N. ac. m/18)
LÁGRIMAS E SUSPIROS
de Ingmar Bergman
Às 14.30, 20.30 (int. m/18)
A VERGONHA
de Ingmar Bergman
Sábado às 00.30
LAGRIMAS E SUSPIROS

CONDES
Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Nao acons. men. 13 anos
CAVALGADA FANTÁSTICA
com Lee Van Cleef - Catherine Spaak

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Para todos
A partir de hoje às 14 h
Lerry Lewis/ Joan Blackman em
JERRY
PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO
um filme de Norman Taurog

LONDRES
T. 801313 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
O filme de Igmar Bergman
O AMANTE
(The Toud)
c/ Bibi Andersson e Eliott Goul

ROXY
Tel. 48550 — 14,15, 16,30, 18,45, 21,15
Não acons. a men. 13 anos
OS SUSPEITOS
O melhor policial da temporada
c/Mimsy Farmer-Renand Verley e Bruno Cremer

TIVOLI
T. 570595 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O maior êxito de gargalhada do cinema francês
O GENDARME CASA-SE
2.ª semana
Com Louis de Funés

ALVALADE
Tel. 897480 — 14,15,16,30,18,45, 21,15
Não acons men. de 18 anos
BARCELONA KILL
c/Linda Hayden-John Justin

PATHÉ
T. 821933 — 14.15 16.30 18.45 e 21.15
Interdito a men. 18 anos
FOGO NO SANGUE
Um filme super-audacioso
Contém cenas eventualmente chocantes
5.ª semana

NIMAS
T. 574313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Nao acons. menores 18 anos
7.ª semana
CHOVE EM SANTIAGO
o Chile de Allende a Pinochet

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Alteração provisória no comando da R.M.N.

Assumiu hoje o comando interino da Região Militar do Norte o coronel de Infantaria Joaquim Moreira Rebelo, que vinha desempenhando as funções de chefe do Distrito de Recrutamento e Mobilização.

Esta alteração no comando terá a duração de 30 dias e deve-se ao facto do comandante interino, coronel Pacheco Rodrigues, ter entrado de licença.

O coronel Moreira Rebelo assume o comando interino da R.M.N. por ser o coronel mais antigo naquela Região Militar.

AÇORES E MADEIRA:

Tema de reunião com Ramalho Eanes

Os Presidentes das Assembleias Regionais dos Açores e da Madeira vão reunir-se provavelmente ainda esta semana em Lisboa com o Presidente da República. O anúncio deste encontro segue-se à designação, no final da semana passada, dos ministros da República naquelas regiões autónomas.

Foi já marcada para a próxima quarta-feira a chegada a Lisboa do presidente da Assembleia Regional dos Açores, Álvaro Monjardino.

As Assembleias dos Açores e da Madeira são maioritariamente dominadas pelo P. P. D., em consequência do que foi este partido quem formou o Governo regional nos dois arquipélagos.

REESTRUTURAÇÃO DO EXÉRCITO

Prepara-se entretanto a reestruturação do Exército nos Açores onde o respectivo comandante militar, brigadeiro Sousa Menezes, está a efectuar uma visita de trabalho com esse objectivo. Depois de ter visitado as Flores o Corvo e a Terceira, Sousa Menezes inscreveu o Pico e o Faial nas suas deslocações de hoje.

MOTA FREITAS EM CAXIAS

Terminou incomunicabilidade mas mantém-se detenção

Terminou o regime de incomunicabilidade, mas mantem-se sob prisão no forte de Caxias o major Mota Freitas, suspenso oficialmente das suas funções de comandante da Polícia de Segurança Pública do Porto — soube a Anop de fonte oficial.

O major Mota Freitas havia sido conduzido na passada sexta-feira, sob prisão para o forete de caixas, acusado de implicações na rede bombista que a P.J. e a RP.J.M. têm desmantelado nas últimas semanas.

Terminado o prazo legal de 48 horas, o major Mota Freitas pode já receber visitas, mas a sua detenção mantet-se-á até apuramento completo das suas respmnsabilidades».

Presos de Custóias pedem amnistia

PORTO, 16 — Cerca de 400 homens com a esperança de um perdão enviaram aos deputados da Assembleia da República uma exposição em que afirmam: «vítimas das injustiças e contradições da sociedade em que viveram, estão hoje plenamente convictos (e ansiosos por demonstrá-lo) de que poderão vir a dar o seu contributo para a construção de um Portugal novo que todos ambicionamos mais justo, progressivo e feliz». Estão os peticionários — dizem, ainda — «Certos de que com a graça de uma amnistia voltarão ao meio social de que foram afastados, firmemente dispostos a serem cidadãos úteis à colectividade dentro dos princípios que vão nortear a democracia portuguesa».

Cópias da exposição — que levava, a acompanhá-la, listas de 2800 assinaturas de cidadãos que pretendem comprovar «a sua total aceitação dos amnistiados, no seu regresso ao meio social em que viviam» — foram endereçadas ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro e ao ministr da Justiça.

O cardeal Nunes melhorou

. ROMA, 16 — O cardeal José da Costa Nunes, de 96 anos parece estar a melhorar depois do segundo ataque de ontem causado por um aneurisma na aorta, anunciou um porta-voz da clínica do Instituto de Religiosas Portuguesas em Roma, fundado precisamente pelo cardeal.

Cimeira dos Não-Alinhados

Continuação da pág. 1

tinada à erosão sistemática, não só dos direitos democráticos das maiprias nos respectivos países, mas também dos direitos humanos fundamentais contidos na Carta das Nações».

A sessão inaugural da Cimeira dos Não-Alinhados terminou às 12 h. 15 (hora local). Os trabalhos recomeçarão à tarde. Usaram da palavra para agradecer a hospitalidade do Governo do Sri Lanca, quatro oradores: o presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia, pelo grupo africano, o presidente cipriota Makários, em nome dos países europeus, o general Omar Torriios, chefe do Governo do Panamá pelo grupo da América Latina, e Pham Van Dong, primeiro-ministro da República Socialista do Vietname, em nome dos países asiáticos.

PRESIDENTES E CHEFES DE GOVERNO ENTRE OS PARTICIPANTES

Entre os «leaders» do Terceiro Mundo que se encontram em Colombo para participar na Reunião Cimeira dos Países Não-Alinhados contam-se os presidentes Tito, da Jugoslávia, fundador do Movimento, Houari Boumedienne, da Argélia, presidente cessante, Kenneth Kaunda da Zâmbia, Sadat do Egipto, Klieu Sampham, da República Democrática do Cambodja, príncipe Souphanouvong, do Laos, arcebispo Makários, do Chipre, e general Omar Torrijos, do Panamá. São vários, também os primeiros-ministros do Movimento que se deslocaram a Sri Lanka e foram esta manhã saudados pela sua homóloga e anfitriã, senhora Bandaranaika: Sum Chol, da República Democrática da Coreia, Indira Ghandi, da India, Pham van Dong, do Vietname Unificado e Pedro Pires, de Cabo Verde.

MENSAGEM DE BREJNEV...

Leonidas Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista Soviético, formulou o desejo de que a quinta conferência dos chefes de Estado e de governo dos países não-alinhados «confirmará a determinação dos participantes no Movimento em lutar inflexivelmente contra o imperialismo, a agressão, o colonialismo e o neocolonialismo».

Numa mensagem que enviou à Cimeira de Colombo e que foi difundida segunda-feira pela agência «TASS» o dirigente soviético considerou que esta reunião internacional «contribuirá grandemente para forjar a coesão das forças do Mundo que agem em favor da paz da independência e da liberdade dos povos».

...E DE HUA KUO-FENG

O primeiro-ministro chinês, Hua Kuo-Feng, enviou hoje uma mensagem de felicitações aos participantes na «Cimeira» dos Países Não-Alinhados, anuncia a agência «Nova China».

«Como numerosos países não-alinhados, a China pertence ao Terceiro Mundo», salienta neste documento Hua Kuo-Feng que acrescenta: «O Governo e o povo chineses apoiam firmemente os países não-alinhados no prosseguimento da sua politica de indepenedência, de paz e de neutralidade, bem como no seu combate contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo, o racismo, o sionismo e a hegemonia de grande potência».

O chefe do Governo chonês manifesta também a «sincera esperança» de que esta quinta Conferência dos Chefes de Estado e de Governo dos Países Não-Alinhados se empenhe em promover a causa da unidade do Terceiro Mundo contra o imperialismo, o colonialismo e a hegemonia».

Os Presidentes Tito, fundador do movimento dos não-alinhados, e Sadat, sucessor de Nasser (outro dos fundadores), encontram-se entre as figuras da política internacional que chamam as atenções para a cidade de Colombo, no antigo Ceilão, onde esta manhã principiou a quinta reunião cimeira do movimento.

MOVIMENTO ALFA ACUSA

Analfabetos são fruto de ditadura terrorista

A Comissão Coordenadora de Lisboa do Movimento de alfabetização «ALFA» deu hoje um conferência de imprensa para esclarecer os objectivos deste movimento e refutar afirmações caluniosas que têm aparecido nalguns órgãos de Informação.

Depois de chamar a atenção para a necessidade de qualquer regime democrático combater o analfabetismo e de sublinhar que a Constituição portuguesa é bastante clara no que diz respeito à instrução e à cultura, a comissão coordenadora do movimento «ALFA» salientou que os «30 por cento de analfabetos são fruto de 48 anos de ditadura terrorista».

Como resposta a esta situação apontaram a necessidade de o poder politico central, com os meios técnicos e humanos de que dispõe, elaborar um programa nacional de alfabetização, estimulando e coordenando as iniciativas de combate ao analfabetismo feitas em diversos sectores e que, se por si só não podem resolver o problema, têm um contributo em diversos sectores e que, se por si só não podem resolver o problema, têm um contributo a dar para a eliminação do analfabetismo e melhorar as condições de vida do povo português.

A coordenadora do movimento «ALFA» estranhou, ainda, que o programa do primeiro Governo Constitucional tratasse tão resumidamente o problema do analfabetismo.

Relativamente a afirmações surgidas em certos jornais, a coordenadora salientou já ter sido entregue ao Presidente da República, Conselho da Revolução e Estado-Maior do Exército um dossier completo no sentido de evitar que «as calúnias atinjam os objectivos pretendidos».

Tanzânia critica a França pela venda de armas à África do Sul

. O «Daily News», órgão do Governo da Ranzânia, ataca hoje trabalhadores, intelectuais e partidos da oposição franceses, incluindo o Partido Comunista, por não se terem oposto às vendas de armas do seu país à África do Sul.

Num editorial invulgarmente extenso, a duas colunas, na primeira página, o jornal elogia movimentos e protestos anti-«apartheid» contra a África do Sul por trabalhadores da Europa COcidental, América do Norte. Austrália e Nova Zelândia.

Observa, porém, aquele órgão de Informação:

. «Onde estão os protestos dos trabalhadores ou dos partidos políticos da oposição granceses? A França tem um dos dois mais poderosos Partidos Comunis da Europa Ocidental, tem um grande Partido Docialista e os seus sindicatos são fortes. Apoiam todos esses grupos as vendas de armas, à África do Sul? Não possuimos provas em contrário» — acrescenta o editorial do «Daily News».

Saltou do 1.º andar da Esquadra da Alegria

Um delinquente de 18 anos, tentou ontem uma fuga desesperada na Esquadra da Alegria. Na circunstância, o jovem meteu-se pelos corredores da esquadra numa corrida desenfreada e acabou por se lançar por uma janela do 1.º andar. Resultado: fractura da perna direita, e do pé esquerdo.

Segundo a PSP, aquele jovem fora detido na madrugada de ontem, quando, com outro não identificado, fazia uma pilhagem no automóvel de um cidadão francês, Alain Jacques Marie, de férias em Portugal. A detenção verificara-se na Costa do Castelo.

Nome da rosa

AS LUTAS DA «LUTA»

O vespertino «A Luta» referia-se na sua edição de sábado ao eventual agravamento do preço do pão, que poderá fazer passar a *carcaça* de $60 para 1$00. Ficamos assim a saber que estão a ser feitos esforços por parte dos industriais para obterem este substancial agravamento de preço, para o que apontaria «um estudo» qualquer «aodormecido» numa qualquer gaveta do Ministério do Comércio Interno, «por falta de coragem dos sucessivos governos provisórios».

E «A Luta» acrescentava, solícita para com os amigos; que «tal aumento de preço não impedirá que o Fundo de Compensação continue a conceder anualmente um subsídio para o trigo da ordem de um milhão e seiscentos mil contos». Tranquilize-se, pois, o público consumidor. Poderia ser pior...Curiosamente, ou até, não, a irreverente «Luta» não se interroga sobre qual regime que política e qur homens conduziram o País a este estado, no domínio do trigo — não só. Também não poderia ser de outro modo, num vespertino onde a luta pela Reforma Agrária se resume, apenas, a criticar erros cometidos no decurso de um processo que os trabalhadores tiveram que conduzir sózinhos.

No fundo, está tudo certo. Diz-me por quem «Luta»'s dir-te-ei quem és.

A MESMA LUTA

Nas «luta»'s que se travam contra a Reforma Agrária, os CIP's como os CAP's desempenham um papel relevante. O que os preocupa não é o trigo, nem o estado caótico em que nos deixaram a agricultura após quase 50 anos de desgoverno para os trabalhadores, de óptimos «negócios» para os Melos, os Cabrais e outros que tais. As preocupações deles sãooutras. «Jornal Novo», fiel servidor dos vis interesses esteja permanentemente em liça contra a Reforma Agrária. O Torquato lá está, de pena em riste e, à Luz do vil metal, investe contra os rurais, invectiva os culpados das «ocupações selvagens à margem da lei» e, paternalmente, forte dos apoios que tem e das forças que representa, apresenta-se como o anjo da guarda de Mário Soares e do Governo, e açirra: «não minimizar as ameaças». E acrescentamos nós: dos CIP's.

AS «VOLTAS»

«Dos poucos que pedalam houve muitos para fazer 100. Pouco mais do que meos. No final, serão pouco menos do que mais. Longe dos 100. Dos 50. Próximo dos 30. Dos 40».

Vinha em «A Luta» do dia 14 de Agosto, encabeçando um comentário sobre a «Volta», sob o título «Os Joaquins aí estão».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 48 601 EXS.